



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – CAMPUS DE
CASCAVEL
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL MESTRADO E
DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

FERNANDO ARTHUR GREGOL

**A DIMENSÃO SOCIAL E A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST EM
REDE SOCIAL”:** LINGUAGEM MULTISSEMIÓTICA E DIALOGISMO

CASCAVEL – PR
2020

FERNANDO ARTHUR GREGOL

A DIMENSÃO SOCIAL E A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST EM REDE SOCIAL”: LINGUAGEM MULTISSEMIÓTICA E DIALOGISMO

Dissertação apresentada à Banca de Defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, nível mestrado e doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de pesquisa: Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes.

CASCAVEL – PR
2020

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Gregol, Fernando Arthur

A dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero "post em rede social" : linguagem multissemiótica e dialogismo / Fernando Arthur Gregol; orientador(a), Terezinha da Conceição Costa-Hübes, 2020.
202 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2020.

1. Gêneros discursivos. 2. Dimensão social. 3. Dimensão verbo-visual. 4. Post em Facebook. I. Costa-Hübes, Terezinha da Conceição. II. Título.

FERNANDO ARTHUR GREGOL

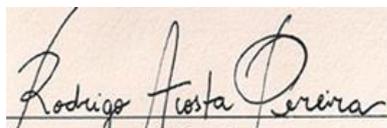
A DIMENSÃO SOCIAL E A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST EM REDE SOCIAL”: LINGUAGEM MULTISSEMIÓTICA E DIALOGISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Terezinha da Conceição Costa-Hübes
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientadora



Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Membro Efetivo



Prof.ª Dr.ª Carmen Teresinha Baumgärtner
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo



Prof.ª Dr.ª Greice da Silva Castela
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Cascavel, 2020

Dedico este trabalho aos meus pais, Iracema Bonatto Gregol e Jandir José Gregol, pelo apoio, incentivo e amor constantes, sem os quais seria impossível ter concretizado esta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço, de forma muito especial, à minha orientadora, Professora Doutora Terezinha da Conceição Costa-Hübes, pelos últimos oito anos de muito aprendizado e convívio, que vão desde as minhas primeiras pesquisas de PIBIC até o presente trabalho. Muito obrigado pela paciência e pela orientação zelosa.

À CAPES, pelo auxílio financeiro por meio da bolsa de mestrado, que nos possibilitou desenvolver a pesquisa que é apresentada neste trabalho.

Ao Professor Doutor Rodrigo Acosta Pereira, que muito gentilmente colaborou não apenas com este trabalho, mas em outro trabalho paralelo como coautor. Suas contribuições e seus ensinamentos foram/são muito caros a mim. Por fim, por suas valiosas contribuições na qualificação e pelo aceite de compor a banca de defesa.

À Professora Doutora Carmen Teresinha Baumgärtner, que, desde o segundo ano de Letras, tem colaborado diretamente com meu trabalho. Pelas contribuições no seminário de dissertação, na qualificação e, por fim, pelo aceite de compor a banca final.

À Professora Doutora Greice da Silva Castela, pelas palavras e pelos apontamentos feitos na qualificação e, também, por aceitar compor a banca final de defesa.

À minha família, meus pais, Iracema Bonatto Gregol e Jandir José Gregol, pelo amor e pelo carinho. Às minhas irmãs, Fernanda Gregol Veronez e Vanessa Patrícia de Fátima Gregol, pelo compartilhamento de conhecimento e incentivo. Ao meu cunhado, Márcio Veronez, pela amizade e respeito. Aos meus sobrinhos, Patrícia Janaína Gregol e Eduardo Gregol Veronez, por serem a minha grande alegria e razão de viver.

Aos meus amigos, em especial, Ana Paula Koenig, Emanuely Cristina Batista, Fernanda Terra, Jaqueline Trage, Marilena Preza e Thaís Koenig, por serem interlocutores indiretos deste trabalho. Ao Luan Bertoldo e ao Alan Sechini, meus melhores amigos, sempre companheiros e sempre atentos às minhas palavras. À Larissa Fontana, incentivadora, conhecedora e brilhante pesquisadora, pela amizade e por trocas de conhecimento sem igual. À Jessica Tomimitsu Rodrigues, pela interlocução e pelas palavras sábias que contribuíram para minha formação humana, profissional e acadêmica. Por fim, à Jessica Bubanz, que me ajudou muito, principalmente, nos momentos finais deste trabalho.

Aos meus professores do curso de Letras e do PPGL. Agradecimento especial à Professora Doutora Beatriz Helena Dal Molin, pelo entusiasmo e pelo incentivo em que eu desenvolvesse este trabalho. À Professora Doutora Sanimar Busse, pelo acolhimento no período de graduação que possibilitou uma visão mais ampla acerca da pesquisa.

À Lindonez Paiva e à Professora Doutora Rose Maria Belim Motter, pelos ensinamentos no âmbito profissional. Por me aceitarem como professor do Programa de Ensino de Línguas, do qual muito me orgulho em fazer parte.

Às “Teretes” (orientandos da Tere), um grupo singular, formado por formadores, professores, alunos de graduação e pós-graduação, que se dedicam à educação linguística e aos problemas subjacentes à linguagem. Especial agradecimento à Tatiana Fasolo Bilhar de Souza, Luciane Watthier e Márcia Adriana Dias Kraemer, pela interlocução, ensinamentos e trocas de ideias.

Aos meus colegas do PPGL.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a produção deste trabalho.

GREGOL, Fernando Arthur. **A dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero “post em rede social”**: linguagem multissemiótica e dialogismo. 2020, 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, UNIOESTE, Cascavel-PR, 2019.

RESUMO

As mudanças advindas da hipermodernidade, principalmente, aquelas atreladas às relações dialógicas e à produção de enunciados no meio digital são cada vez mais emergentes em nossa sociedade. Os seres humanos desenvolveram tecnologias para lidar com cada período da história e, assim sendo, novos agires e novos dizeres tornaram-se comuns em diversos modos de vida. No ambiente digital, múltiplas formas e múltiplos recursos digitais foram convencionados, dando origem a outras constituições e configurações enunciativas, isto é, novos gêneros discursivos (BRASIL, 2017; ROJO; BARBOSA, 2015). O *Facebook*, como rede social mais usada em todo o mundo, vem a ser um dos grandes representantes das novidades trazidas pela tecnologia digital (BARTON; LEE, 2015). Não apenas recursos de natureza estilístico-composicional se originam neste ambiente, mas também discursos e temas sociais emergentes na sociedade ganham espaço e amplo debate neste espaço virtual. Portanto, tendo em vista os anseios e as novas configurações que ocorrem nestes meios, nesta pesquisa, temos por objetivo *estudar, dentro da perspectiva dialógica da linguagem, a dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero discursivo post em Facebook, compreendendo-o como prática multiletrada nos ambientes digitais*. Especificamente, analisamos os constituintes do gênero, adotando a perspectiva dialógica da linguagem como mote principal e guia teórico-metodológico de nossa pesquisa, debruçando-nos sobre a dimensão social, que compreende o *horizonte espacial e temporal*, o *horizonte temático* e o *horizonte axiológico* (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926), e a dimensão verbo-visual, isto é, o *conteúdo temático*, o *estilo linguístico/semiótico* e a *construção composicional* (BAKHTIN, 2016[1952-53]) do gênero. Trata-se, portanto, de uma pesquisa inserida no campo de estudos da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), caracterizando-se por ter um caráter qualitativo-interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2010), uma vez que se trata de um fenômeno socialmente relevante e dignos de investigação científica. Da caracterização metodológica da pesquisa, ainda, toma-se o método sociológico, proposto por Volochínov (2017[1929]), que parte de um contexto social amplo para, em seguida, chegar à materialidade linguística e, por assim dizer, semiótica dos enunciados ora selecionados para estudo. Especificamente, olhamos para a página “Quebrando o Tabu”, inserida na rede social Facebook, para analisar textos enunciados que se configuram pelo uso de imagens em movimento (vídeo), som e linguagem verbal escrita e oral na perspectiva de responder aos seguintes questionamentos: (1) *Como o gênero do discurso “post em Facebook” é configurado, a partir de sua dimensão*

social? (2) Como o gênero do discurso post em Facebook é configurado, a partir de sua dimensão verbo-visual, enquanto produtos de práticas multiletradas situadas? Além de sustentarmos-nos nos escritos do *Círculo de Bakhtin* para as discussões teóricas, recorreremos também a autores contemporâneos que dialogam com a perspectiva teórica assumida, tais como Rodrigues (2001; 2005; 2014), Brait (2004, 2005, 2013), Rojo (2005, 2013), Faraco (2009), Acosta Pereira (2012), Brocardo (2015) e Costa-Hübes (2017) e, ainda, em autores que concebem a *multimodalidade* e a *dimensão multissemiótica* como fator determinante para a constituição do enunciado, tais como, Grupo de Nova Londres (2006[1996]), Santaella (2003; 2014), Lemke (2010), Rojo (2012), Barton e Lee (2015), Rojo e Barbosa (2017) e Rojo e Moura (2019). Como resultados, observamos novas configurações dos enunciados que têm como suporte os *smartphones*, *tablets* e *laptops*, a axiologia condicionada pelas reações, pela produção de enunciados-respostas por meio do gênero comentário e o compartilhamento de enunciados em microblogs; o caráter semiótico que se mescla aos estilos linguísticos; e a construção composicional que se dá pelo uso de hiperlinks e pela dinâmica proposta na rede, resultados de um processo de interação da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Multissemiose, Gêneros discursivos, dimensão social, dimensão verbo-visual, post em Facebook.

GREGOL, Fernando Arthur. **The social dimension and the verbal-visual dimension of “social media post genre”**: multi-semeiotic language and dialogism. 2020, 203 p. Dissertation (Language Arts Master’s degree) – Graduation in Language Arts, UNIOESTE, Cascavel-PR, 2019.

ABSTRACT

The hypermodernity changes, especially the ones related to the dialogic relations and enunciation production in a digital space are becoming very common in our society. Human beings have developed technologies to deal with every single historical period and, therefore, new ways of acting and new ways of saying became common in different ways of life. In digital spaces, multiple ways and multiple resources had been created, originating new formations and configurations to enunciations, in other words, new discourse genres (BRASIL, 2017; ROJO; BARBOSA, 2015). Facebook, as the most common social media in the world, is also one of the biggest representors of this novelties brought by the digital technology (BARTON; LEE, 2015). Not only stylistic-compositional resources have originated in this environment, but also discourses and social themes have emerged in our society, having space and broad debate in this virtual space. Thus, knowing the new configurations and the yearnings that occur in those spaces, in this research, we aim to study, insert in the dialogic perspective of language, the social dimension and the verbal-visual dimension of “post on Facebook” discourse genre, comprehending it as multiliteracy practice in digital spaces. Specifically, we analyzed the genre’s constitution, adopting a dialogic perspective of language as the main premise e theoretical-methodological approach in our research, looking for a better understanding about social dimension, that comprehends the spatial and temporal horizon, the thematic horizon, and the axiological horizon (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926), and the verbal-visual dimension, that means, the thematic content, the language/semeiotic style, and compositional construction (BAKHTIN, 2016[1952-53]) of the genre. Therefore, it is a research inserted in Applied Linguistic studies (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), characterizing itself by the qualitative-interpretative method (BORTONI-RICARDO, 2008; FLICK, 2010), once we are facing a social and relevant phenomenon that is convenient for scientific investigation. We also insert this investigation based on the sociological method, proposed by Volochínov (2017[1929]), that starts the analysis from a broad social context to achieve the linguistic materiality, and as it were the semeiotic of the enounces selected for this study. We glanced specially to “Quebrando o Tabu” page, inserted on Facebook social media, to analyze text-enounces the are set by the use of images in movement (video), sounds, and verbal written and spoken language, in the perspective to answer the following questions: (1) How “post on Facebook” genre is constituted based on its social dimension? (2) How “post on Facebook” genre is constituted based on its verbal-visual dimension, as it being results of multiliteracies situated practices? Besides our theoretical base is sustained by Bakhtin’s Circle of studies, we also resort to contemporary authors that dialogue with this perspective we have assumed, such as Rodrigues (2001; 2005; 2014), Brait (2004; 2005; 2013), Rojo

(2005; 2013), Faraco (2009), Acosta Pereira (2012), Brocardo (2015) and Costa-Hübes (2017). Also we commune in authors that conceive the multimodality and the multi-semeiotic dimension in the constitution of the enounce, such as New London Group (2006[1996]), Santaella (2003; 2014), Lemke (2010), Rojo (2012), Barton and Lee (2015), Rojo and Barbosa (2017), and Rojo and Moura (2019). As a result of this investigation we observed that the enounces have as support smartphones, tablets, and laptops. The axiological values are conditionate by the reactions, by the production of responding-enounces via commentary, and the sharing of enounces in private microblogs. The semeiotic characterization is merged with linguistic styles, and the compositional construction that is given using hyperlinks, and by the dynamism in the social media, resulting as a process of interaction nowadays.

KEYWORDS: Multi-semeiotic, discourse genre, the social dimension, the verbal-visual dimension, “post on Facebook” genre.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número de enunciados divididos por temática	29
Quadro 2: O corpus da pesquisa.....	30
Quadro 3: As categorias de análise da pesquisa	36
Quadro 4: Os gêneros do discurso de campos de atividade humana complexos.....	72
Quadro 5: As diferentes reações como ferramentas axiológicas no Facebook	82
Quadro 6: Cinco eras culturais das mídias.....	94
Quadro 7: Os enunciados constituintes da pesquisa.....	106
Quadro 8: A análise da dimensão social e a multiculturalidade.....	109
Quadro 9: Horizonte espacial e temporal	116
Quadro 10: Horizonte temático	123
Quadro 11: Atitudes valorativas dos internautas frente aos enunciados da página “Quebrando o Tabu	127
Quadro 12: Horizonte axiológico	128
Quadro 13: Conteúdo Temático	135
Quadro 14: Estilo linguístico/semiótico.....	148
Quadro 15: Construção Composicional.....	153

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A página inicial do “Quebrando o Tabu” na rede social Facebook.....	24
Figura 2: Os aspectos metodológicos da teoria do Círculo de Bakhtin consoante aos aspectos discutidos pelos teóricos dos multiletramentos	41
Figura 3: A dimensão social dos gêneros do discurso.....	77
Figura 4: As reações no Facebook.....	81
Figura 5: A dimensão verbo-visual dos gêneros do discurso.....	85
Figura 6: Atitudes valorativas frente ao enunciado "Top fake news da semana #2" .	126
Figura 7: Personagens mencionados no vídeo “Top fake news da semana #2”	134
Figura 8: Print de tela da página “Quebrando o Tabu” – a legenda de acessibilidade	136
Figura 9: Descentralização dos falantes e ausência de plano de fundo	138
Figura 10: Supostas imagens de Manuela D’Ávila com tatuagens e dançando.....	140
Figura 11: Aspectos composicionais do gênero discursivo “post”, a partir do vídeo “PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #5”	150

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O MÉTODO SOCIOLÓGICO NA ANÁLISE DO GÊNERO DISCURSIVO “POST” NA REDE SOCIAL <i>FACEBOOK</i>	24
1.1 O GÊNERO DISCURSIVO “POST” E O OBJETO DE PESQUISA.....	26
1.2 O MÉTODO SOCIOLÓGICO E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM	33
1.3 OS MULTILETRAMENTOS NO CONTEXTO DA PESQUISA E SUA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS BAKHTINIANOS.....	37
1.4 A LINGÜÍSTICA APLICADA E AS NOÇÕES TEÓRICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN	42
1.5 PARADIGMA DA PESQUISA	46
2 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM E A NOÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO NO IDEÁRIO DO CÍRCULO DE BAKHTIN	48
2.1 O DIALOGISMO: A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DO CÍRCULO	50
2.2 A INTERAÇÃO DISCURSIVA.....	56
2.3 A IDEOLOGIA	59
2.4 OS ENUNCIADOS	65
2.5 OS GÊNEROS DO DISCURSO: “OS TIPOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS DE ENUNCIADOS”	70
2.5.1 A dimensão social.....	76
2.5.2 A dimensão verbo-visual.....	83
3 A CULTURA DIGITAL E OS NOVOS MULTILETRAMENTOS EM CONSONÂNCIA COM A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM	91
3.1 O(S) LETRAMENTO(S) E O(S) NOVO(S) LETRAMENTO(S).....	94
3.2 OS MULTILETRAMENTOS	99
4 A DIMENSÃO SOCIAL E A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST” NO <i>FACEBOOK</i>: REFLEXÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS	106
4.1 A DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO “POST”	107
4.1.1 O horizonte espacial e temporal	110
4.1.2 O horizonte temático	117

4.1.3 O horizonte axiológico	124
4.2 A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST”	129
4.2.1 O conteúdo temático	130
4.2.2 O estilo linguístico/semiótico.....	135
4.2.3 A construção composicional	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	159
APÊNDICE.....	10
ANEXOS	24

INTRODUÇÃO

Os gêneros do discurso são o grande foco do ensino de Língua Portuguesa, no Brasil, atualmente, ao menos, de acordo com o que é preconizado pelos documentos oficiais. Compreendê-los e saber empregá-los cotidianamente têm se mostrado cada vez mais necessário, à medida que a sociedade muda e evolui para um maior uso de tecnologia digital, pois, a cada dia, surgem novos gêneros (e outros caem em desuso), exigindo dos usuários da língua(gem)¹ outros conhecimentos para saber manuseá-los em diferentes contextos de interação. Assim sendo, lidar com as novas tecnologias e com os gêneros que se originam a partir delas é emergencial, visto que isso poderá colaborar não apenas com o ensino da Língua, mas também nos auxiliará a entender os discursos e os recursos multimodais e visuais que circulam nos ambientes digitais.

Com o forte crescimento da tecnologia e da produção do conhecimento, os gêneros se modificaram e acompanharam, em seu curso histórico, o avanço dos modos de produções tecnológicos. De acordo com Santaella,

As telas se enchem de **sinais de orientação**, de **imagens, fotos, desenhos, animações, sons de distintas espécies** e certamente de **palavras, legendas e textos**. Essas aparições dependem da interatividade do agente-usuário que vai conectando informações por meio de links (SANTAELLA, 2014, p. 213, destaques nossos).

Em função dessas diferentes manifestações da linguagem, os gêneros adquiriram novas configurações, seja do ponto de vista extraverbal, verbal ou semiótico². Ao organizar um enunciado, não se recorre apenas à escrita ou à fala, mas a múltiplos elementos *imagéticos* e *sonoros*, que passaram a fazer parte

¹ Entendemos a língua enquanto uma realização do ponto de vista da escrita e da oralidade. Por tratarmos de outras linguagens neste trabalho, optamos por grafar o termo por “língua(gem)”.

² Entende-se por semiótica o estudo das diferentes linguagens. De acordo com Santaella (1986), a linguística é a ciência que estuda os signos verbais, enquanto a semiótica se ocupa com as diversas linguagens que regem os enunciados. Assim sendo, a semiótica busca entender o som, a imagem, o movimento, entre outras manifestações, como signos que constituem as interações humanas. A autora esclarece ainda que a semiótica possui três grandes vertentes principais: a peirceana, a francesa (sobretudo, em Greimas), e a dos formalistas russos. Brait (2013), por sua vez, destaca que a semiologia de Roland Barthes também contribui para o entendimento dos signos em um sentido mais amplo, abarcando, portanto, aspectos de natureza verbo-visual.

constitutiva dos enunciados, que se manifestam sob a forma de um determinado gênero discursivo. Tais aspectos só reforçam os propósitos discursivos e nos servem de apoio para que possamos melhor nos comunicar com o mundo.

Outros ambientes, outros recursos e novos horizontes se abrem com a multimodalidade dos gêneros. Ainda, a informação passa a ser propagada em larga escala com os novos meios tecnológicos. Rojo e Barbosa (2015) apontam que atualmente estamos em fase de transição da segunda geração da internet e, ainda, justificam a primeira geração:

A primeira geração da internet (WEB 1.0)³ principalmente dava informação unidirecional (de um para muitos), como na cultura de massa. Com o aparecimento de sites como o Facebook e Amazon, a WEB tornou-se cada vez mais interativa. Nesta web 2.0, são principalmente os usuários que produzem conteúdos em postagens e publicações, em redes sociais como o Facebook, Twitter, Tumblr, Google+, na Wikipédia, em redes de mídia como YouTube, Flickr, Instagram etc. À medida que as pessoas se familiarizam com a web 2.0, foi possível a marcação e etiquetagem de conteúdos dos usuários que abrem caminho para a próxima geração da internet: web 3.0, a dita internet ‘inteligente’ (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 119).

Amparando-nos no pensamento das autoras, entendemos que as novas mídias sociais são constituídas por diferentes linguagens que se mesclam e produzem sentido juntamente à natureza verbal dos enunciados. No Facebook, por exemplo, a imagem estática (fotografia), a imagem em movimento (o vídeo), juntamente ao uso de *emojis* e *gifs*⁴ animados constituem o todo enunciativo, aliados ao texto⁵ verbal escrito e oral. Portanto, temos o gênero *post* em *Facebook*, como um grande exemplo de gênero em que todas essas linguagens se unem num todo enunciativo.

O gênero, por sua vez, de acordo com Rodrigues (2001), embasada por Voloschinov e Bakhtin (1926) e Bakhtin (2016[1952-53]), apresenta duas dimensões

³ Lévy (1999) esclarece que “A World Wide **Web** é uma função da Internet que junta, em um único e imenso hipertexto ou hiperdocumento (compreendendo imagens e sons), todos os documentos e hipertextos que a alimentam” (LÉVY, 1999, p. 22, o grifo é nosso).

⁴ *Emojis* são, majoritariamente, recursos de natureza multissemiótica, em geral estáticos, que se mesclam à linguagem verbal para demonstrarem emoções e sentimentos. *Gifs* são imagens em movimento, geralmente, produzidas a partir de um enunciado maior, isto é, os *gifs* são recursos interdiscursivos.

⁵ Adotamos, nesta pesquisa, os termos “texto” e “enunciado” por compreendermos, dentro de uma perspectiva bakhtiniana, que os textos se configuram como enunciados, uma vez que são construídos para as interações sociais. Rodrigues (2005) acrescenta que “o texto visto como enunciado tem uma função ideológica particular, autor e destinatário, mantém relações dialógicas com outros textos (textos enunciados) etc., i. é, tem as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal” (RODRIGUES, 2005, p. 158).

inextricáveis: **a dimensão social** e **a dimensão verbal**. A autora considera que a dimensão social é constituída pelos *horizontes espacial e temporal, temático e axiológico*, tomando como base o texto “*Discurso na vida e na arte*” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926). Baseada em Bakhtin (2016[1952-53]), a autora defende que a dimensão verbal trata do *conteúdo temático*, do *estilo linguístico/semiótico*⁶ e da *construção composicional*.

Tendo em vista as aceleradas mudanças no âmbito digital e o frequente uso de outras linguagens, Brait (2004; 2013) usa o termo “verbo-visual”⁷ para abarcar o uso desta gama de novos recursos de linguagem nos enunciados de um gênero do discurso. Por fim, Acosta Pereira (2008) passa a usar o termo dimensão verbo-visual para caracterizar a proposta de Bakhtin (2016[1952-53]), uma vez que o termo condiz com a expectativa de haver diversas linguagens atuando no todo enunciativo.

Tendo em vista, portanto, a necessidade de ampliarmos compreensões sobre as dimensões social e verbo-visual, principalmente no que se refere ao trabalho com gêneros multimodais, recortamos, como **tema** desta pesquisa, “**O gênero discursivo “post em Facebook”**”. Para delimitarmos o tema, optamos por entender “A dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero discursivo *post*, do Facebook, fazendo um recorte mais especificamente para os *posts* da página “Quebrando Tabu”⁸.

Esta página foi selecionada devido ao seu engajamento em postar temas de relevância social, a fim de provocar em seu interlocutor um espírito crítico em relação às temáticas apresentadas. Para Rezende (2017), a página trata de assuntos “progressistas” que dialogam, muitas vezes, com ideias defendidas pela esquerda, isto é, os direitos da comunidade LGBT, o aborto, as políticas de cotas raciais, o feminismo e a posição da mulher na sociedade. Ainda, de acordo com o próprio autor, o nome da página tem sua origem em um documentário com o mesmo título, do ano de 2011. Este documentário, produzido por Fernando Grostein de Andrade, tinha por objetivo discutir acerca da violência e do uso de drogas na sociedade brasileira.

⁶ Entendemos que a noção de “estilo linguístico” está atrelada à dimensão verbal do enunciado. Conforme defendido, neste trabalho, concebemos a dimensão constitutiva do gênero como “verbo-visual”, entendendo, portanto, que a natureza multissemiótica torna-se constituinte da dimensão. Portanto, passamos a adotar o termo “estilo linguístico/semiótico”.

⁷ Tendo em vista a discussão em relação aos termos “verbo-visual” e “dimensão verbo-visual”, resolvemos, neste trabalho dar crédito ao trabalho de Brait (2004; 2013) ao tratar do termo “**verbo-visual**” e de Acosta Pereira (2008), quando tratarmos do termo “**dimensão verbo-visual**”. Entendemos que os dois autores são responsáveis por cunhar cada um deles.

⁸ A página “Quebrando o Tabu” pode ser encontrada no link: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/>; Acessado em 24 de abril de 2019. Para uma discussão mais profunda acerca desta página, ver o Capítulo 2, deste trabalho.

Os enunciados vinculados a esta página e que serão analisados nesta pesquisa foram postados no mês de setembro do ano de 2018, época das eleições presidenciais no Brasil. Naquele momento, inclusive, muito do conteúdo que circulou online foi colocado em pauta por diversos internautas e cientistas, tendo em vista a sua (não) veracidade. Outra razão para selecionarmos os enunciados desta página e desta rede social é o uso de diversos recursos multimodais na sua produção, bem como a presença de recursos axiológicos que nos permitem entender a dimensão social de tais enunciados. Obviamente, outras páginas também abarcariam tais recursos usados para produzir linguagem digital, porém esta página, em específico, mantém um grupo de pessoas que a fomenta, trazendo um amplo espectro de possibilidades de interação.

Entendemos que o estudo de um gênero do discurso na perspectiva dialógica da linguagem pode contribuir para ampliar conhecimentos, principalmente, no que tange aos aspectos de suas dimensões constitutivas e semióticas, advindos dos avanços tecnológicos, trazidos pela hipermodernidade⁹.

É, portanto, cabível atentar para o fato de que os gêneros não são apenas formas composicionais, mas construtos históricos, por meio dos quais se manifesta o discurso. Entendemos que, diante da atual conjuntura *política, social e econômica*, que têm incentivado os anseios da globalização, os gêneros multimodais e os avanços tecnológicos são tendências que estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Não apenas por se tratar de configurações historicamente convencionadas nas interações entre os sujeitos, mas por serem determinantes nas práticas sociais de uso da linguagem (BARTON; LEE, 2015).

Para Lemke (2010), toda atividade de linguagem é um ato social¹⁰. Ao proferirmos um discurso, ao lermos um livro, na web ou impresso, estamos exercendo uma atividade de caráter social. Para o autor, as novas tecnologias possibilitam ainda mais a interação com aqueles que, fisicamente, podem estar distantes, mas, virtualmente, estão cada vez mais próximos, graças aos avanços tecnológicos alcançados nos últimos anos. Ainda, de acordo com o autor,

⁹ A discussão acerca de hipermodernidade e outros termos usados não apenas na Linguística Aplicada (LA), mas também nos estudos culturais, na antropologia e em outras ciências humanas é feita na seção 1.3 deste trabalho.

¹⁰ Atentamos para o fato de que a concepção de linguagem adotada neste trabalho é aquela preconizada pelos autores do Círculo de Bakhtin, mas estamos, ao mesmo tempo, lidando com autores de outras correntes do pensamento linguístico. Neste caso, o autor compactua com a ideia de linguagem como fenômeno social, assim como é compreendida pelos autores do Círculo.

Na medida em que a educação é iniciação em comunidades e especialmente em práticas de letramento genéricas e especializadas, novas tecnologias da informação, novas práticas de comunicação e novas redes sociais possibilitam novos paradigmas para a educação e a aprendizagem, e colocam em debate os pressupostos sobre os quais os paradigmas mais antigos se apoiam (LEMKE, 2010, p. 461).

O que está posto nas palavras do autor é a necessidade de trazer para o campo educacional práticas sociais de linguagem que se aproximem dos processos tecnológicos, uma vez que estes estão tão latentes em nossa realidade cotidiana.

Justifica-se, portanto, o trabalho com o gênero *post* em *Facebook*, especificamente na rede social Facebook, por acreditarmos que os resultados obtidos possam contribuir no entendimento acerca da forma como o gênero circula em nossa sociedade, além de que, possivelmente, as dimensões analisadas ao longo do trabalho, possam servir de guia para aqueles que estão inseridos no campo educacional. Não se trata, pois, de uma proposição didático-metodológica, mas de um estudo discursivo, que visa melhor compreender este novo gênero discursivo. No ensino de Língua Portuguesa significaria pensar em gêneros multimodais que se realizam em ambientes virtuais ou impressos, mas que contam com múltiplas faces semióticas em sua composição e em seu estilo, para atender a um propósito discursivo bem definido.

Com a ascensão dos meios tecnológicos que, por consequência, nos dá novos gêneros e nos disponibiliza novos recursos de natureza semiótica e multimodal, é essencial entender essas configurações para que, de fato, se possa contribuir com o ensino, que será o principal beneficiado por uma pesquisa que tenha enfoque voltado para tais aspectos multissemióticos e multimodais¹¹.

Tendo o vista, portanto, o amplo crescimento e circulação dos gêneros digitais, delineamos os seguintes questionamentos que nortearão a pesquisa ora proposta:

1) *Como o gênero do discurso “post em Facebook” é configurado, a partir de sua dimensão social, isto é, do ponto de vista de seu horizonte espacial e temporal, de seu horizonte temático e de seu horizonte axiológico?*

2) *Como o gênero do discurso post em Facebook é configurado, a partir de sua dimensão verbo-visual, isto é, do ponto de vista de seu conteúdo temático, de seu*

¹¹ Os termos “multimodal” e “multissemiótico” são usados como sinônimos neste trabalho, Os autores que empregam tais terminologias em seu escopo teórico também os utilizam com a mesma conotação.

estilo linguístico e de sua construção composicional, enquanto produtos de práticas multiletradas situadas?

Diante do exposto, o **objetivo geral** desta pesquisa é *estudar, do ponto de vista da perspectiva dialógica da linguagem, a dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero discursivo post em Facebook, enquanto prática multiletrada dos ambientes digitais.*

A partir desse objetivo mais amplo, definimos os **objetivos específicos** da pesquisa:

- (1) *Estudar o gênero post em Facebook quanto a suas dimensões constitutivas;*
- (2) *Compreender as dimensões multissemióticas, enquanto produto de práticas multiletradas, no gênero post em Facebook.*

Obviamente, outras pesquisas já foram realizadas tomando o Facebook, os posts de Facebook, ou, até mesmo, as interações do Facebook como objeto de pesquisa¹². Em nosso levantamento no *Banco de Dados da Capes*¹³, encontramos quatro trabalhos que abordam o meio digital e, até mesmo, a rede social em questão (LIMA, 2015; SANTOS, 2015; PINTO FILHA, 2017; REZENDE, 2017). O trabalho de Fujisawa (2015) foi encontrado na *Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas*¹⁴. Em seguida, três trabalhos foram encontrados em Bancos de dados de universidades paranaenses (CIAVOLELLA, 2015; IZIDÓRIO, 2016; SEMCZESZM, 2017): da Universidade Estadual de Maringá¹⁵, da Universidade Estadual de Londrina¹⁶ e da Universidade do Centro-Oeste¹⁷, respectivamente. Por último, ainda, selecionamos os trabalhos de Campos (2014) e Silva (2015) da PUC-SP¹⁸.

Para analisar a constituição dos gêneros do discurso que circulam na rede social, muitos dos autores tomam caminhos teórico-metodológicos distintos. Alguns

¹² Ver o apêndice deste trabalho.)

¹³ O link de acesso para o Banco de Teses de doutoramento e Dissertações da CAPES é este: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>; Acessado em 12 de junho de 2018.

¹⁴ O link de acesso para a Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) é este: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>; Acessado em 12 de junho de 2018.; Acessado em 14 de junho de 2018.

¹⁵ O link de acesso para a Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Maringá (UEM) é este: <http://nou-rau.uem.br/>; Acessado em 14 de junho de 2018.

¹⁶ O link de acesso para a Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Londrina (UEL) é este: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/>; Acessado em 14 de junho de 2018.

¹⁷ O link de acesso para a Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Estadual do Centro-Oeste Paranaense (UNICENTRO) é este: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/>; Acessado em 14 de junho de 2018.

¹⁸ O link de acesso para a Biblioteca de Teses e Dissertações da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP) é este: <https://www.sapientia.pucsp.br/>; Acessado em 14 de junho de 2018.

trabalham com os estudos retóricos¹⁹, com a perspectiva cognitivista e do interacionismo sócio-discursivo. Há trabalhos em que o gênero é analisado sob o prisma da Análise do Discurso Francesa, mas apenas quatro deles (CIAVOLELLA, 2015; FUJISAWA, 2015; IZIDÓRIO, 2016; PINTO FILHA, 2017) adotam a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin como referência teórica e metodológica para a tessitura das análises de pesquisa.

Contudo, destes quatro trabalhos, nenhum propôs-se a analisar especificamente a página “*Quebrando o Tabu*”. É, portanto, neste sentido, que nossa pesquisa se propõe a avançar na discussão acerca dos gêneros multimodais e multissemióticos em ambientes virtuais e, por assim dizer, em redes sociais de longo e grande alcance.

Para esta pesquisa, tomamos por base, portanto, os trabalhos de alguns dos teóricos do **Círculo de Bakhtin** (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926; BAKHTIN, 2010[1928], 2011[1979]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]; VOLÓCHINOV, 2017[1929], entre outros) e de **autores contemporâneos**, inseridos no campo da Linguística Aplicada (LA), que dialogam com esta perspectiva filosófica de estudo da linguagem, tais como Rodrigues (2001, 2005, 2014), Rojo (2005, 2012, 2013), Acosta Pereira (2008, 2012), Faraco (2009), Costa-Hübes (2014, 2017), Brocardo (2015), Fiorin (2017) e Rojo e Barbosa (2017). Além disso, amparamo-nos, também, em trabalhos de autores que concebem o enunciado em sua **multimodalidade** (NEW LONDON GROUP, 2006[1996]; SANTAELLA, 2003; 2014; LEMKE, 2010; BARTON; LEE, 2015; ARAÚJO, 2016; ROJO; MELO, 2017).

Neste sentido, objetivamos discutir elementos da teoria do Círculo de Bakhtin e, também, conceitos cunhados pelos teóricos contemporâneos, baseados na

¹⁹ Os estudos retóricos dos gêneros textuais é uma escola norte-americana que tem como foco a estrutura potencial dos gêneros de esferas acadêmicas e profissionais, socialmente prestigiadas. Além disso, costumam apresentar aspectos retóricos e estruturas fixas comuns em textos. Para Bhatia (2013[1993]), “*Specialist members of any professional or academic community are generally credited with the knowledge of not only the communicative goals of their community but also the structure of the genres in which they regularly participate as part of their daily work. It is the cumulative result of their long experience and/or training within the specialist community that shapes the genre and gives it a conventionalized internal structure*” (BHATIA, 2013[1993], p. 50) - “Membros especialistas de qualquer comunidade profissional ou acadêmica são geralmente creditados pelo seu conhecimento, não apenas dos objetivos comunicativos, mas também pelo conhecimento das estruturas dos gêneros com que eles trabalham como parte de suas rotinas profissionais. É o resultado cumulativo da longa experiência e/ou o treinamento de uma comunidade especializada que molda o gênero e dá a ele a estrutura interna convencionada (BHATIA, 2013[1993], p. 50, a tradução é nossa). Percebemos pelas palavras do autor que os estudos retóricos, portanto, tratam do gênero muito mais do ponto de vista de sua estrutura convencionada do que pelos aspectos de natureza extraverbal.

linguagem do Círculo. Entende-se, portanto, que a essência da teoria é o **dialogismo**, que se manifesta *social, histórica e ideologicamente*, por meio de **textos-enunciados** concretos em **interações discursivas** que contemplam interlocutores, envolvidos em um *espaço e ambiente histórico*. Os enunciados, por sua vez, realizam-se sob a configuração de um **gênero discursivo**.

Além disso, conforme preconizam Rojo (2013), Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), com a hipermodernidade²⁰, os gêneros atingiram um status de multimodalidade, uma vez que não se registram, apenas, a partir da escrita ou na oralidade, conforme os pressupostos de Bakhtin (2016[1952-53]). Os gêneros se apropriaram de múltiplas faces semióticas em sua constituição, tais como imagens, sons, movimentos, relevos, etc. Assim como os aspectos verbais são influenciados e determinados pelos fatores sociais, acreditamos que as escolhas semióticas selecionadas pelos autores dos enunciados também são escolhas estilístico-composicionais, que atendem a um propósito discursivo específico. Entendemos, portanto, que é necessário compreender, em relação ao social, também os elementos verbo-visuais, pois passaram a fazer parte constitutiva do enunciado, tendo em vista a multimodalidade (ROJO, 2013).

Para atingirmos os objetivos delineados na pesquisa, circunscrevemo-nos no campo de estudos da LA, de natureza interdisciplinar, uma vez que abordamos aspectos da teoria bakhtiniana, bem como conceitos teóricos advindos de outras áreas das ciências humanas, numa tentativa de entender o real contexto e a real necessidade de pesquisa.

Os pressupostos da LA delineados pelo autor vão ao encontro de nossa perspectiva teórica assumida, ou seja, a perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, pois o contexto extraverbal é tomado como ponto de partida de análise do gênero “*post de Facebook*”. Dentre os aspectos desta dimensão, encontram-se o campo de atividade humana, o momento histórico e o espaço no qual se vinculam os enunciados, os temas e a valoração dos interlocutores. Obviamente, é necessário

²⁰ O termo “hipermodernidade” é empregado por Rojo e Barbosa (2015) para se referir ao atual período histórico que vivemos. As autoras baseiam-se nas considerações de Gilles Lipovestky. Entretanto, diversos teóricos da filosofia, da sociologia, dos estudos culturais, da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Aplicada, empregam termos diversos para o mesmo fenômeno, tais como, modernidade líquida (BAUMAN, 1999), modernidade tardia (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), pós-fordismo (SANTAELLA, 2003), globalização (BARTON; LEE, 2015), etc.

dialogar com outras áreas das ciências humanas para que se entenda tais elementos de forma profícua.

Como procedimento metodológico norteador da análise, partimos dos pressupostos do Círculo e do método sociológico, cunhado por Volóchinov (2017[1929]), cujo objetivo é apresentar um procedimento de análise que parta dos elementos constituintes na dimensão social para que, em seguida, uma análise do gênero do discurso seja feita e, por último, o estudo das formas da língua(gem), tendo em vista os aspectos da natureza social constitutiva em que se encontra um dado enunciado.

Tomando as ideias de Volóchinov (2017[1929]), entende-se que o estudo de um dado enunciado, que assume as características de um determinado gênero do discurso, deve compreender esta ordem: 1) o momento histórico e o espaço (local), isto é, o “cronotopo”, o campo da atividade humana, a situação interacional e os interlocutores envolvidos no processo; 2) o gênero discursivo, como manifestação de um campo da atividade humana que gere as relações discursivas; 3) os elementos verbais e, acrescenta-se aqui, também os elementos visuais, em ligação direta com o conteúdo extraverbal.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa que se ancora no paradigma qualitativo-interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008), pois não pretendemos postular leis gerais para um dado fenômeno, tampouco testar teorias a partir de hipóteses pré-definidas, mas de observar a atual configuração do objeto de estudo, tendo em vista a sua ligação com o momento histórico. Ainda, buscamos, de alguma forma, dentro do paradigma da pesquisa qualitativa, contribuir com a realidade que nos circunda (FLICK, 2009), por meio da discussão dos aspectos discursivo-ideológicos que circulam nas redes sociais, de forma mais específica, pelo gênero supracitado.

Para dar conta do proposto, planejamos esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “**O método sociológico do Círculo de Bakhtin na análise do Gênero Discursivo ‘Post em Facebook’**”, apresentamos os procedimentos metodológicos de nossa pesquisa. Buscamos, ainda neste primeiro capítulo explicar o método sociológico, que visa apresentar um procedimento para a análise de enunciados, tendo em vista os fatores extralinguísticos que os circundam. Em seguida, apresentamos a inserção da pesquisa na LA, relacionando-a com as prerrogativas do Círculo de Bakhtin. Por seguinte, o paradigma da pesquisa, visto que se trata de uma análise qualitativo-interpretativista. Por último, apresentamos o gênero

discursivo “Post em Facebook”, para estabelecermos uma relação entre o objeto pesquisado com os teóricos que já debateram acerca da temática.

No segundo capítulo, intitulado **“A concepção dialógica da linguagem e a noção de gêneros do discurso no ideário do Círculo de Bakhtin”**, discorreremos acerca de alguns conceitos que são fundamentais, relacionados à concepção dialógica da linguagem. Deste modo, discutimos a noção de dialogismo, interação discursiva²¹, ideologia, enunciado e gêneros do discurso, para que possamos abarcar suas dimensões constitutivas. Ainda, pretendemos exhibir as análises de nosso objeto de pesquisa em relação com a teoria do Círculo.

No terceiro, intitulado **“A cultura digital e os novos multiletramentos em consonância com a perspectiva dialógica da linguagem”**, partimos dos estudos dos letramentos, até chegarmos ao conceito de multiletramentos, caro ao trabalho que desejamos construir. Deste modo, debruçamo-nos sobre dois conceitos importantes da teoria proposta pelos estudiosos: a multiculturalidade e a multimodalidade, que nos parecem estar conectadas com a proposta de dimensão social e dimensão verbo-visual.

No quarto e último capítulo, intitulado **“A dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero “post” no Facebook: reflexões teórico-analíticas”**, discutimos os resultados alcançados por meio desta pesquisa, buscando apresentar o *corpus* de pesquisa para subsidiar as análises desenvolvidas em consonância aos aspectos teóricos e metodológicos apresentados nos capítulos anteriores.

²¹ Na tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, os tradutores Yara Frateschi Vieira e Michel Lahud optam pelo termo “Interação Verbal”. Entretanto, optamos pela tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo em que o termo é traduzido como “Interação Discursiva”. A escolha pelo termo traduzido por Américo e Grillo se dá pelo fato de a obra ter sido traduzida diretamente do russo. Brait e Pistori (2012), ao analisar o gênero em diversas obras do Círculo, também chamam atenção para o fato de que, na tradução em língua espanhola, o termo fora traduzido como *interación discursiva*. Tendo em vista a própria teoria do Círculo de Bakhtin, nos parece que o termo “Interação Discursiva” atende melhor aos propósitos dialógicos, bem como funciona de forma mais ecológica, visto que a concepção de língua defendida pelos teóricos preconiza que essa manifesta-se nos discursos. Ainda o próprio Bakhtin (2010[1928]), em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, especificamente, no capítulo “O discurso em Dostoiévski”, justifica sua escolha pela palavra discurso, pois concebe “a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária, de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins” (BAKHTIN, 2010[1928], p. 207).

1 O MÉTODO SOCIOLÓGICO NA ANÁLISE DO GÊNERO DISCURSIVO “POST” NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

[...] *ciência é aquilo que os cientistas fazem, e métodos nascem das teorias que criam e de suas práticas* (Lúcia Santaella).

Ao considerarmos as palavras de Santaella, recorreremos ao método sociológico para a análise do objeto de estudo, por entendermos que este método nasce da teoria que dá suporte a esta investigação, qual seja, a concepção dialógica da linguagem. Essa atitude requer atenção especial aos aspectos extraverbiais do enunciado para, em seguida, compreender seus elementos linguístico-discursivos. Ao adotarmos esse procedimento, procuramos, neste capítulo, apresentar uma discussão de caráter teórico-metodológico, sustentada pela abordagem dos estudos dialógicos que se inscrevem na área da Linguística Aplicada.

Sob tal orientação, selecionamos, como objeto de análise/estudo, enunciados vivos, veiculados pela rede social do Facebook. Especificamente, valemo-nos de textos “postados” na página “Quebrando o Tabu”. Na Figura 1 apresentamos esta página.

Figura 1: A página inicial do “Quebrando o Tabu” na rede social Facebook



Fonte: Print de tela da página “Quebrando o Tabu”, 13 de dezembro de 2019

Esta página, especificamente, busca abordar temas socialmente considerados “tabus”, uma vez que grande parte da população atual, mesmo no século XXI, tem grande problemas em aceitá-los. Nessa direção, a página (re)produz conteúdo voltado para aspectos político-sociais que visam provocar a mudança de determinados paradigmas. De acordo com Rezende (2017),

O nome Quebrando o tabu é de um documentário de 2011, dirigido por Fernando Grostein Andrade, sobre o debate das drogas e da violência no Brasil. No entanto, a página, apesar da nítida referência ao filme, faz circular muitos outros temas, que dividem a opinião daqueles que acessam suas publicações no Facebook. Em geral, os administradores da página introduzem uma notícia compartilhada, ou uma imagem, ou uma charge, entre outros, por meio de dizeres que atestam o posicionamento mais “progressista” que observamos emergir do discurso de Quebrando o tabu (REZENDE, 2017, p. 30).

Desse modo, os *posts* publicados na página são relacionados à comunidade LGBT, aos direitos das minorias, às cotas raciais nas Universidades, ao feminismo, temas que, atualmente, também são pauta da política dos partidos de esquerda. Apesar disso, a página considera-se apartidária, pois apenas pretende estabelecer paradigmas que visam combater a violência, o racismo, a xenofobia, a homofobia, etc. Ainda, conforme Rezende (2017),

Em geral, os temas que circulam na página de Quebrando o tabu, como já dito, são polêmicos e incitam o debate entre os diferentes enunciadorees que a acessam. A página é “rotulada” no Facebook como uma página midiática, de entretenimento e de notícias; entretanto, o posicionamento que emerge de suas publicações parece construir nesses textos uma cenografia de “fórum de discussão”, que “promove” **o debate sobre os diferentes temas** que as publicações colocam em pauta (REZENDE, 2017, p. 31, destaques nossos).

Para suscitar os debates colocados pelo autor, a página se vale de *posts*, veiculados pelo Facebook, publicados diariamente. Esses *posts* se configuram de múltiplas formas, combinando o verbal com a imagem, com o som, com o vídeo e com os esquemas de cores que constituem a natureza multimodal que queremos analisar. Encaramos tais postagens como enunciados pertencentes ao gênero discursivo “post em Facebook”, ainda que a intercalação de outros gêneros se configure na construção estilístico-composicional de tais enunciados.

Deste modo, dividimos o capítulo em seções que pudessem caracterizar o processo teórico-metodológico que desejamos empreender neste trabalho. Inicialmente, na primeira seção, denominada **“O gênero discursivo “post” e o objeto da pesquisa”**, apresentamos as considerações iniciais acerca deste gênero e os critérios de seleção dos enunciados de pesquisa que serão usados na pesquisa ora proposta, a fim de familiarizar o leitor com o objeto analisado.

Na seção seguinte, denominada **“O método sociológico e os estudos da linguagem”**, buscamos apresentar a base teórico-metodológica desta pesquisa, inserindo-nos na perspectiva dialógica de estudos da linguagem, tendo em vista a proposta do Círculo de Bakhtin e dos autores contemporâneos que dialogam com esta perspectiva.

Ainda, ao buscarmos subsídios de natureza teórico-metodológica para a constituição desta investigação, pautamo-nos em pesquisas que lidam com a linguagem inserida em um ambiente multissemiótico. Por isso, na seção **“Os multiletramentos no contexto da pesquisa e sua relação com o Círculo de Bakhtin”**, objetivamos apresentar como as dimensões de estudo de um gênero se entretece com as perspectivas hipermodernas de observação dos aspectos constituintes semióticos de um enunciado e a construção dos discursos nestes ambientes.

Ao circunscrevermo-nos na perspectiva dialógica da linguagem e, em consequência disto, tomarmos a linguagem em sua fluidez e dinâmica comum, sem abstraí-la de um contexto ao qual pertence, apresentamos nossa perspectiva de estudo na Linguística Aplicada, na seção **“A Linguística Aplicada e as noções teóricas do Círculo de Bakhtin”**. Por fim, na última seção deste capítulo inicial, intitulada **“O paradigma da pesquisa”**, apresentamos as noções que subjazem a pesquisa qualitativa e a base interpretativista deste trabalho.

1.1 O GÊNERO DISCURSIVO “POST” E O OBJETO DE PESQUISA

Ao analisarmos o gênero discursivo “post em Facebook”, delimitamos como escolha metodológica enunciados vinculados à rede social Facebook. Para tanto, ao buscarmos entender este gênero específico, procuramos estabelecer relações dialógicas entre os enunciados que se moldam sob as premissas de tal gênero, com a rede social que lhes dá sua configuração.

A origem do Facebook é explicada por diversos autores. Barton e Lee (2015), por exemplo, asseveram que esta rede social foi criada em 2004 por Mark Zuckerberg, ainda quando era aluno da Universidade de Harvard nos Estados Unidos. Fujisawa (2015), ao avançar nas discussões acerca da arquitetura do Facebook, estabelece que, originalmente, o Facebook era chamado de “thefacebook” e foi criado em 2004 para que os alunos da Universidade de Harvard pudessem interagir por meio de mensagens instantâneas e para que pudessem participar de grupos sociais que os identificassem. Era comum, por exemplo, alunos que pertencessem ao mesmo curso, ou à mesma sororidade ou fraternidade, conectassem-se por meio da rede.

Em 2004, foi permitido que alunos de outras universidades norte-americanas pudessem conectar-se por meio desta rede. Alunos da Columbia, de Stanford, de Yale, de Cornell, de Dartmouth, da UPeen, do MIT e da New York University passaram a interagir também por meio do “thefacebook” (FUJISAWA, 2015). De acordo com a autora, a rede social naquele momento era bastante simples e gêneros discursivos, cuja escrita predominava, eram comuns à rede. Não demorou muito para que esta se tornasse um sucesso mundial e fosse um espaço para usuários do mundo todo.

Fujisawa (2015), ao tratar da arquitetura do Facebook, aborda os diversos elementos que o constitui. Porém, nesta pesquisa, detemo-nos apenas ao gênero “post em Facebook”, uma das formas de interação, de acordo com a autora. Assim sendo, tratamos o gênero como um meio de produção de enunciados na rede social supracitada, a fim de aclarar o ponto de vista, a opinião dos usuários, bem como um modo de socialização de eventos cotidianos dos mesmos usuários.

Para Ribeiro (2015), o gênero “post em Facebook” pode flutuar da mais breve piada ou “meme”, até o mais complexo raciocínio de uma pessoa que se insere num determinado campo da atividade humana. Os *posts*, portanto, são formas de agir, de dizer, de mostrar, de apresentar, de dialogar, de compartilhar informações no Facebook. Sua complexidade midiática vai do mais simples uso de signos verbais, passando pela postagem de vídeos e imagens, até chegarmos à mescla que existe entre as diversas linguagens que são empregadas pelos usuários. De acordo com as palavras da própria autora,

Resumidamente, poderíamos explicar o *post* como um gênero virtual, geralmente escrito em primeira pessoa, subjetivo, que trata de assuntos de cunho pessoal do autor (família, amigos, namoro, situações cotidianas etc.), ou opiniões e temas de interesse, a

exemplo dos **blogs políticos, educacionais** etc. O *post* pode ou não dialogar com o leitor, embora subentende-se que **é publicado para um determinado público, com intenções específicas – mas, obviamente, está exposto a qualquer leitor virtual, pela liberdade de acesso à Internet**. O autor também possui liberdade quanto à linguagem adotada (mais ou menos formal, dependendo de suas intenções comunicativas: jargões, gírias, variedade padrão, ou um *continuum*) (RIBEIRO, 2015, p. 84, destaques da autora, grifos nossos).

Nas palavras de Ribeiro (2015), o gênero adotado para estudo não se organiza unicamente em um campo da atividade humana, uma vez que pode configurar-se como um recorte de uma notícia, uma piada contada por algum amigo ou familiar, um compartilhamento de dados e pesquisas que visam contribuir com o bem-estar das pessoas de uma forma geral. Parece até mesmo que nem se trata de um gênero específico, mas de um recorte de diferentes gêneros. Entretanto, são vários os autores que o enxergam como gênero, tais como Rojo (2013), Fujisawa (2015), Ribeiro (2015) e Brasil (2017), devido à sua função social. A partir dessas considerações, partimos da problematização, numa perspectiva sócio-histórica e dialógica, de que o *post* não tem um formato fixo definido e que são os aspectos interacionais que o configuram.

Sendo assim, em nossa seleção inicial, percebemos que são muitos os enunciados que se amparam neste gênero para sua constituição, o que exigiu que delimitássemos nosso objeto de estudo, estabelecendo alguns recortes diante da amplitude do tema.

O **primeiro recorte** de pesquisa foi direcionado para a rede social “Facebook”, considerando se tratar de uma das maiores redes sociais (espaço em que circula o gênero selecionado para estudo) no mundo. Porém, analisar todos os enunciados que estão vinculados a esta mídia social não é cabível, por isso, no **segundo recorte** de pesquisa, direcionamo-nos para a página “Quebrando o Tabu”, tendo em vista que se trata de uma página com grande abrangência e que os temas suscitados são efervescentes nos diversos meios sociais em que estamos inseridos. Já neste segundo critério de geração de dados, selecionamos um determinado período (setembro de 2018), tendo em vista as eleições gerais para escolha de representantes do poder legislativo e executivo, por meio de sufrágio universal. Com este segundo recorte, obtivemos um número expressivo de enunciados do gênero inicialmente selecionado para o estudo. Foram 505 posts.

Tendo em vista os propósitos de uma dissertação de mestrado, 505 enunciados seriam inviáveis para uma análise. Portanto, o *corpus* de pesquisa, tido até o segundo recorte, foi dividido, por nós, pesquisadores, em duas categorias: (1) **imagens estáticas** (fotografia, acompanhada de material verbal) e (2) **imagens em movimento** (vídeos, acompanhados de sonoridade, movimento, material verbal e, até mesmo, por imagens estáticas). Na primeira categoria foram classificados 404 enunciados, enquanto que na segunda categoria foram classificados outros 101 enunciados.

Procurando relações com os conceitos teóricos que adotamos para o nosso trabalho, consideramos que a segunda categoria traria maiores resultados e maiores contribuições para as questões que pretendíamos discutir com a presente pesquisa. Portanto, em um **terceiro recorte** de pesquisa, optamos por trabalhar com os enunciados envolvidos na segunda categoria, isto é, os “posts” que foram publicados em forma de vídeos.

Todavia, devido ao alto número de enunciados que se enquadraram neste recorte (101 imagens em movimentos), uma “pré-análise” da temática abordada por cada um nos permitiu chegar ao seguinte quadro:

Quadro 1: Número de enunciados subdivididos por temática²²

Temática principal abordada	Número de enunciados vinculados a esta temática
<i>Eleições/Política nacional e internacional</i>	34 enunciados
Feminismo/Feminicídio	22 enunciados
Racismo/Preconceito/Estigma social	11 enunciados
Estatuto do desarmamento	10 enunciados
Doenças e inclusão social	9 enunciados
Outras temáticas	15 enunciados

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Assim sendo, esta análise inicial nos possibilitou o **quarto recorte**, em que optamos pela maior recorrência temática, ou seja, pela temática “Eleições/Política Nacional e internacional”, considerando ser este o tema mais recorrente. Deste quarto recorte de pesquisa, originou-se, portanto, um *corpus* de 34 enunciados vinculados

²² Tendo em vista a teoria do Círculo de Bakhtin, estamos cientes de que “tema” é um conceito bastante complexo e que este se manifesta de formas diversas nos enunciados. Por isso, as temáticas apresentadas no **quadro 1** foram sistematizadas a partir das proximidades das discussões apresentadas nos enunciados postados. De certo modo, a análise inicial nos fez perceber que os temas estão entretrecidos, de modo que são convocados, de alguma forma, em quase todos os enunciados, o que comprova a dialogicidade da linguagem.

ao gênero discursivo “post”. Por último, ainda optamos por analisar apenas os enunciados originalmente produzidos pela própria página que tivessem ao menos 1 minuto de duração, o que caracterizou nosso **quinto e último recorte**. Este quinto recorte definiu o *corpus* final para a constituição deste trabalho, **totalizando 10 enunciados do gênero**. No quadro 2 está representado a constituição dos enunciados que compõem o material de estudo desta pesquisa:

Quadro 2: O *corpus* da pesquisa²³

Número do Vídeo	Título dado pela página	Data da postagem	Duração	QR code de acesso
Vídeo 1	Top fake news da semana #2	3 de setembro de 2018	4min50s	 
Vídeo 2	PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #5	7 de setembro de 2018	4min36s	 

²³ Digitar os links de acesso aos enunciados não seria uma tarefa viável para o leitor do trabalho. Por isso, criamos *QRcodes* de acesso a todo o material virtual desta dissertação. Para acessar os vídeos, portanto, é necessário apenas posicionar a câmera de um smartphone ou tablet para que o código o leve ao ambiente virtual em que o vídeo está postado. Originalmente, Rojo e Moura (2019) valeram-se do recurso. Optamos por trazer este recurso para o nosso trabalho devido a quantidade de links que estariam disponíveis para consulta. Desta forma, entendemos que os *QRcodes* facilitariam a leitura, tornando-a mais acessível. Todos os *QRcodes* desta dissertação foram criados no site gratuito “QRcode Generator”. Disponível em: https://www.qr-code-generator.com/a1/?ut_source=google_c&ut_medium=cpc&ut_campaign=en_qr_code_create_generis_ch&ut_content=qr_code_generate_exact&ut_term=generate%20qr%20codes_e&gclid=Cj0KCQjwilLs_BRCGARIsAHKQWLNmAf2wXMfPihARveQnkMiZDkpsZVPQnBo8nc7hdLBdCAwksaFJJQ4aAvBOEA_Lw_wcB; Acesso em 17 de setembro de 2019. Observamos ainda, que para os usuários de aparelhos de smartphones *Android* é necessário o download de um programa de leitura, não necessário para os usuários de smartphones, cujo sistema operacional é o *iOS*. Ainda, caso não for possível o acesso por meio dos *QRcodes* disponibilizados, disponibilizaremos cada um dos links nos anexos deste trabalho, onde consta a transcrição de cada um dos enunciados.

Vídeo 3	"Não temos um museu da Escravidão"	7 de setembro de 2018	1min36s	 
Vídeo 4	Top 5 fake news da semana #3	10 de setembro de 2018	4min4s	 
Vídeo 5	Plantão QOT - Eleições 2018 #6	14 de setembro de 2018	4min36s	 
Vídeo 6	PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #7	21 de setembro de 2018	6min11s	 

Vídeo 7	Top fake news da semana #4	24 de setembro de 2018	4min14s	 
Vídeo 8	PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #8	28 de setembro de 2018	4min28s	 
Vídeo 9	Mulheres Contra Bolsonaro	30 de setembro de 2018	2min24s	 
Vídeo 10	Você acha que bandido bom é bandido morto?	30 de setembro de 2018	1min5s	 

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passamos agora a discutir o método sociológico, que orientará a análise do *corpus*, tendo em vista que nosso objeto de estudo se origina a partir de enunciados reais, em situações enunciativas concretas, por meio do gênero supracitado.

1.2 O MÉTODO SOCIOLÓGICO E OS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Tendo em vista o que fora apresentado na última seção, discorreremos, nesta seção, sobre o método de análise proposto pelos teóricos do Círculo, como uma contraproposta de análise do que havia sido desenvolvido pelos estudiosos da linguagem, até então.

Os gêneros do discurso são compreendidos por Bakhtin como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 12), isto é, sua maleabilidade e a compreensão de seu funcionamento são determinadas pelos mecanismos de caráter social. Ao recorrermos aos estudos de Rodrigues (2001; 2005), temos duas dimensões que constituem os gêneros: a dimensão social e a dimensão verbal. Devido à plasticidade dos gêneros em se constituir de acordo com seu espaço e momento histórico, entre outros fatores, entende-se que estes assumiram um caráter maior do que o verbal, ou seja, que sua constituição vale-se de múltiplas faces semióticas e que elementos, tais como imagens, sons, movimentos, relevos, recursos digitais, etc., passam a fazer parte da constituição dos enunciados, no momento histórico em que vivemos (NEW LONDON GROUP, 1996; SANTAELLA, 2003; 2014; LEMKE, 2010; ROJO, 2012; 2013). Dessa forma, recorrendo ao termo empregado por Rodrigues (2001; 2005), e tendo em vista a natureza multimodal dos enunciados, passaremos a usar o termo “verbo-visual” (ACOSTA PEREIRA, 2008).

Ao se considerar, como ponto de partida, no estudo de um enunciado, seu escopo social para, em seguida, analisar os fenômenos incipientes à linguagem, dispomo-nos do método sociológico que, segundo Volochinov, para o estudo da língua(gem), deve-se considerar:

[...] 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as **condições concretas**; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a **interação** da qual são parte, isto é, os **gêneros dos discursos** verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das **formas da língua em sua concepção linguística habitual** (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220, os grifos são nossos).

Ao considerar, no estudo de enunciados, sua dimensão social constitutiva, estaremos tratando dos recursos do plano extraverbal que circundam todo projeto discursivo. De acordo com Rodrigues (2001; 2005), numa releitura de Volochinov e Bakhtin (2006), são elementos constituintes desta dimensão: *o horizonte espacial e temporal, o horizonte temático e o horizonte axiológico*. Na perspectiva dialógica da linguagem, o que se observa, em sua maioria, é que a análise de tais elementos é o ponto de partida de qualquer estudo que envolva os enunciados, o que significa que a natureza social da linguagem é determinante para que possamos entender, mais tarde, os aspectos de natureza verbo-visual.

Essas categorias, tanto da dimensão social quanto da dimensão verbo-visual, são separadas por uma questão puramente metodológica, o que significa dizer que, em muitos momentos, devemos recorrer a mais de uma delas (senão a todas), em um dado recorte de análise, pois não é possível descolar o linguístico-semiótico (verbo-visual) de seu momento histórico-espacial, do objeto discursivo enquanto fenômeno social, e das valorações²⁴ que os interlocutores envolvidos têm acerca deste objeto discursivo.

Partindo desta prerrogativa, tendo em vista que Rodrigues (2001; 2005) se baseia nos textos do Círculo para definir as dimensões constitutivas dos gêneros do discurso, também será necessário observarmos o que os próprios autores dizem acerca do método sociológico para o estudo dos enunciados, assim como da metodologia empregada em estudos na área de ciências humanas.

Para Bakhtin (2011[1979]), o ponto de partida de qualquer estudo em ciências humanas é o texto²⁵, pois é nele que o sujeito se revela em toda a sua subjetividade. O autor concebe o texto como um construto de caráter social que, apesar de se

²⁴ “Valoração” é um termo flutuante terminologicamente, quando olhamos para os textos do Círculo, pois ora fala-se em “axiologia”, “atitude valorativa”, “horizonte axiológico”, “valoração”, “entonação”, “posicionamento axiológico”, entre outros termos. Portanto, ao nos referirmos a este termo, deixamos claro de que estamos concebendo este conceito atrelado às diversas terminologias atribuídas por autores do Círculo, bem como pelos autores contemporâneos que também as empregam como aporte teórico.

²⁵ “Texto” e “enunciado” são dois termos flutuantes terminologicamente na perspectiva dialógica da linguagem. Para muitos autores, ambos os termos são usados como sinônimos no ideário dos autores do Círculo. Rojo (2005), por exemplo, defende que o texto é visto como enunciado, uma vez que também é regido pelos aspectos sociais da linguagem. Assim sendo, para a autora, tanto texto, quanto enunciado são tomados por Bakhtin tratando de um mesmo fenômeno. No próximo capítulo, abordaremos a questão do enunciado.

constituir em uma materialização verbo-visual, está diretamente condicionado aos aspectos extraverbais.

Esta noção de que o texto é ponto de partida para qualquer estudo em ciências humanas se respalda na compreensão de que todo enunciado, seja ele escrito, oral e/ou multimodal, organiza-se num todo enunciativo, que considera a natureza sócio-histórica e ideológica da linguagem. O texto, nesse sentido, jamais teria significado se perdêssemos de vista seu autor, sua temporalidade, sua espacialidade, sua relação com o tema, com os interlocutores, com outros textos, pois, de acordo com Volochínov (2013[1930]),

Não compreenderemos nunca a construção de qualquer enunciação - por completa e independente que ela possa parecer - se não tivermos em conta o fato de que ela é só um momento, uma gota no rio da comunicação verbal, rio ininterrupto, assim como é ininterrupta a própria vida social, a história mesma (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 158).

Partindo, portanto, das palavras de Volochínov, compreendemos que o fato de um texto (denominado pelo autor de enunciação)²⁶ ser uma “gota no rio da comunicação verbal”, o relaciona diretamente com outros textos, com outros enunciados. Tais textos ou enunciados podem já ter sido proferidos e valorados por um autor, mas são ressignificados em um novo texto/enunciado.

A natureza da linguagem não é simples, não é acabada, tampouco estática, mas é complexa e difícil de ser definida, uma vez que, o tempo todo, novos textos são proferidos e ressignificados no âmago da interação discursiva. Tal compreensão corrobora com a ideia de Bakhtin (2016[1952-53]), pois o texto, em dado momento, ao entrar no rio da comunicação verbal, se torna um discurso; este discurso, por sua vez, passa a nos constituir, num caminho que, à luz do pensamento do Círculo, é sem volta.

Na perspectiva de interpretar essas orientações, entendemos que o primeiro passo de uma análise sustentada no método sociológico tratará da dimensão social, isto é, dos aspectos espaço-temporais (cronotopo), axiológicos e temáticos que envolvem o enunciado em estudo. Em seguida, de acordo com o que Volóchinov

²⁶ Não faremos distinção, neste estudo, dos termos “enunciado” e “enunciação”, pois, assim como texto e enunciado, estes termos também encontram ecos dialógicos.

(2017[1929]) sugere, o estudo avança para o gênero em si, tendo em vista os aspectos dialógicos que organizam os enunciados no processo de interação. Por último, os aspectos estilísticos e composicionais das enunciações em relação ao seu escopo social. Juntamente aos aspectos estilísticos e composicionais, entendemos que se inserem os aspectos de natureza multissemiótica. Portanto, o terceiro passo do método sociológico trata da natureza verbo-visual do enunciado, em ligação direta com os itens extraverbais.

Dessa forma, nosso objeto de estudo – os textos-enunciados provenientes de ambientes digitais – são analisados sob o prisma bakhtiniano, tendo em vista as dimensões constitutivas dos gêneros do discurso. Queremos olhar para os enunciados selecionados da página *Quebrando o Tabu* refletindo também sobre suas múltiplas faces semióticas.

Enquanto pesquisadores da LA, tratamos a língua(gem) como um construto social que não poderia jamais ser dissociada de seus aspectos extraverbais, sob a pena de perdermos a sua essência, em detrimento de uma análise superficial e inverossímil com a realidade linguística. Assim sendo, o quadro a seguir busca apresentar as categorias de análise contempladas no corpus:

Quadro 3: As categorias de análise da pesquisa

As dimensões constitutivas dos gêneros do discurso	
A <i>dimensão social</i> (RODRIGUES, 2001; 2005)	<ul style="list-style-type: none"> • Horizonte espacial e temporal; • Horizonte temático; • Horizonte axiológico (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926).
A <i>dimensão verbo-visual</i> (ACOSTA PEREIRA, 2008)	<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdo temático; • Estilo linguístico/semiótico; • Construção Composicional (BAKHTIN, 2016[1952-53]).

Fonte: elaborado pelo pesquisador, a partir de Voloschinov; Bakhtin (1926), Rodrigues (2001; 2005), Brait (2004; 2013) e Bakhtin (2016[1952-53])

Ao considerarmos tais autores, temos as dimensões constitutivas do gênero do discurso: a dimensão social e a dimensão verbo-visual. Dessa forma, respeitamos o método sociológico de Volochínov (2017[1929]), pois partimos de um contexto extraverbal mais amplo para, em seguida, analisarmos os aspectos verbo-visuais dos enunciados de um dado gênero. Esta perspectiva corrobora também o que propõem Acosta Pereira e Rodrigues (2015). Os autores explanam que uma análise discursiva, amparada pela teoria do Círculo, deve contemplar:

(i) a concepção de discurso como língua viva, a língua em uso em contextos de interação específicos; (ii) o estudo do enunciado como a forma material do discurso; (iii) o estudo do discurso a partir das relações dialógicas com outros discursos; (iv) o estudo das relações dialógicas enquanto relações semântico-axiológicas, isto é, relações de sentido que se engendram na constituição e no funcionamento do discurso, saturadas de projeções valorativas e ideológicas; (v) o estudo das projeções valorativas e ideológicas como índices sociais plurivalentes que consubstanciam o discurso e o situam em determinados horizontes sócio-histórico-culturais; (vi) o estudo das formas da língua (uso de recursos lexicais, gramaticais, textuais) como resultado da relação expressiva do sujeito com o seu discurso em situações singulares e concretas de interação verbal (ACOSTA PEREIRA; RODRIGUES, 2015, p. 80-81).

Entendemos que os autores trazem diversos aspectos da teoria bakhtiniana que se entrecruzam para formar o todo enunciativo. Assim sendo, temos (i) o **dialogismo** e as **relações dialógicas** estabelecidas entre os sujeitos; (ii) os **enunciados** por meio dos quais interagem; (iii) a **ideologia** que perpassa os **discursos** dos enunciadores, tendo em vista outros enunciados, sua alteridade, o local e o momento histórico do qual enuncia-se, isto é, o *horizonte espacial e temporal*; (iv) as atitudes de valor estabelecidas nas **interações discursivas**, concebidas aqui como *horizonte axiológico*; (v) o **discurso**, tendo em vista o horizonte social, cultural e histórico, que é suscitado por meio de um *horizonte temático*; e, ainda, por último, (vi) a **dimensão verbo-visual**, que compreende os recursos de natureza gramatical, estilística, semiótica e multimodal, conforme estabelecem os autores.

Passamos agora a discutir acerca de como a teoria dos multiletramentos, consoante à proposta do método sociológico e dos aspectos teóricos do Círculo de Bakhtin, se relaciona e pode ser compreendida de um ponto de vista metodológico.

1.3 OS MULTILETRAMENTOS NO CONTEXTO DA PESQUISA E SUA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS BAKHTINIANOS

Para estabelecermos metodologicamente as análises que empreendemos nesta pesquisa, partimos da premissa de que os estudos em multiletramentos, conforme Rojo (2013), podem ser diretamente relacionados aos estudos de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin. Para tanto, escolhemos mobilizar os conceitos de multiculturalidade e multimodalidade (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[19996]).

Entendemos, do ponto de vista teórico e do ponto de vista metodológico, que esses dois conceitos dos multiletramentos relacionam-se diretamente com os conceitos de dimensão social e de dimensão verbo-visual, que discutimos na última seção deste mesmo capítulo. Desta forma, metodologicamente, pretendemos entretecer as análises relacionando-os e não tratando-os separadamente no estudo do *corpus*.

Partimos, portanto, da premissa de que a dimensão social lida com os entornos extralinguísticos de um enunciado; assim sendo, lida com os aspectos que circundam o enunciado e lhe situam na vida. Atrémos, por assim dizer, os aspectos multiculturais dos estudos dos multiletramentos à dimensão social, pois de acordo com Kalantzis e Cope (2009),

Com novas práticas comunicacionais, novos letramentos emergiram. Eles são incorporados em novas práticas sociais – maneiras de manejar em novas formas de trabalho, novas formas de participação como cidadão em locais públicos e, até mesmo, novas formas de construção da identidade e da personalidade (KALANTZIS; COPE, 2009, p. 167, a tradução é de nossa responsabilidade)²⁷.

Portanto, se os recursos multimídia trazem novos paradigmas e formas de interação que são capazes de mudar os modos de agir, a identidade e a personalidade das pessoas, entendemos que os aspectos multiculturais agem da seguinte forma:

- (1) do ponto de vista do *horizonte espacial e temporal*, as práticas de letramento são diversificadas à medida que certos campos da atividade humana têm suas interações situadas no ambiente digital, de modo que o sujeito de hoje é diferente do sujeito do passado. O interlocutor da era digital lida com a velocidade das informações, com informações de distintos grupos e, ao enunciar, precisa seguir os novos paradigmas digitais de seu campo da atividade humana;
- (2) do ponto de vista do *horizonte axiológico*, podemos nos manifestar valorativamente por meio de um simples clique, do uso de um *emoji*, ou da resposta por meio de uma imagem de uma pessoa que está expressando um sentimento visivelmente aparente, ou seja, não é mais necessário estar face a

²⁷ With these new communication practices, new literacies have emerged. They are embodied in new social practices—ways of working in new or transformed forms of employment, new ways of participating as a citizen in public spaces, and even perhaps new forms of identity and personality (KALANTZIS; COPE, 2009, p. 167).

face para demonstrar sentimentos. Múltiplas culturas e múltiplas identidades também valoram um enunciado de diferentes formas;

- (3) Por último, do ponto de vista do *horizonte temático*, os aspectos multiculturais trazem uma gama de temas que são relevantes para grupos distintos da sociedade, porém, observamos que temáticas, até pouco tempo, marginalizadas, a exemplo de discussões acerca de raça, sexualidade, movimentos feministas e o espaço de grupos étnicos distintos, tornaram-se relevantes na busca pelo conhecimento.

Assim como a multiculturalidade está para a dimensão social, entendemos que a multimodalidade está para a dimensão verbo-visual, pois, para Rojo (2012),

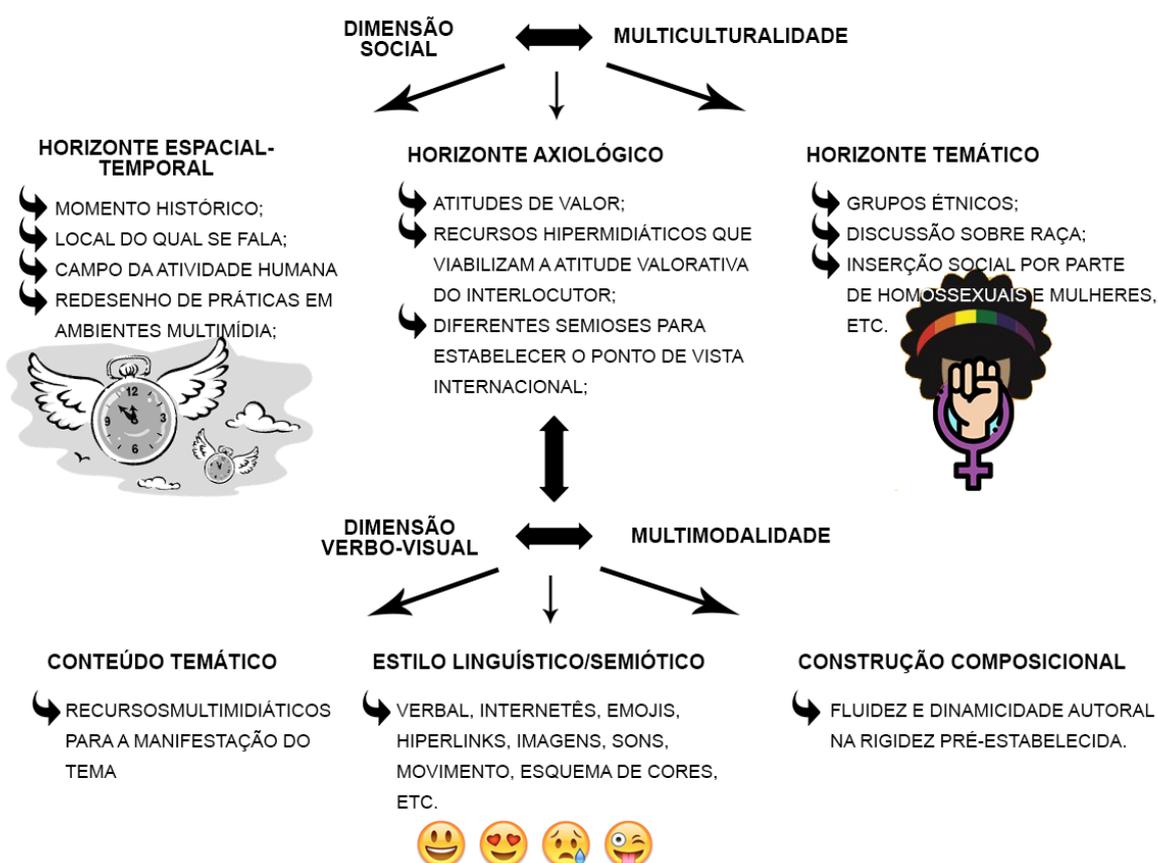
É o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar (ROJO, 2012, p. 19).

Portanto, ao analisar o conteúdo temático, o estilo linguístico, que a partir de então passa a ser considerado linguístico/semiótico, e a construção composicional, atrelamos esses aspectos linguístico-composicionais da teoria bakhtiniana aos aspectos multimodais dos estudos dos multiletramentos. Entendemos, portanto que,

- (1) o *conteúdo temático* se revelará não apenas no conteúdo linguístico e no plano verbal, mas por meio de imagens, de sons e de outras semioses que constituem cada um dos enunciados;
- (2) o *estilo linguístico*, que tratamos neste trabalho por estilo linguístico/semiótico, passa a trazer uma gama de novos recursos oriundos do uso de novas tecnologias. Para Dudeney, Hockly e Pegrum (2016), ao analisarmos o plano verbo-semiótico de um enunciado, partimos da escrita, isto é, do conteúdo verbal para em seguida observarmos o uso de internetês, emojis e, por fim, como o enunciador trata as imagens, os esquemas de cor, os movimentos e os sons na constituição de seu texto;
- (3) por último, a *construção composicional*, embora moldável de acordo com os propósitos interacionais de seus interlocutores, já apresenta um caráter relativamente acabado, relacionado à rede social, *site*, ou página à qual está relacionada. Deste modo, a construção composicional se dá de forma diversificada, se relacionarmos com enunciados da cultura impressa.

Para estabelecermos o propósito metodológico que define o curso das análises do trabalho, sintetizamos a metodologia desta pesquisa no esquema a seguir:

Figura 2: Os aspectos metodológicos da teoria do Círculo de Bakhtin consoante aos aspectos discutidos pelos teóricos dos multiletramentos



Fonte: Elaborado pelo autor.

Desejamos, assim, mobilizar dois conceitos centrais dos estudos dos multiletramentos: multiculturalidade e multimodalidade. Entendemos que tais conceitos se relacionam diretamente com as categorias de análise dos teóricos do Círculo de Bakhtin, uma vez que percebemos a aproximação no sentido, se constituindo e se complementando.

Práticas multiletradas trazem novos recursos em mídia para a constituição dos enunciados, resultando, portanto, de um momento histórico e de uma organização social estabelecida de acordo com os novos modos de agir para constituir enunciados. Entendemos que esta é resultado do momento histórico no qual estamos inseridos, que, por consequência, afeta os estudos em Linguística Aplicada diretamente, o que passamos a discutir na próxima seção.

1.4 A LINGUÍSTICA APLICADA E AS NOÇÕES TEÓRICAS DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Além de inscrevermos esta pesquisa na concepção dialógica da linguagem e de recorrermos ao método sociológico para a análise do *corpus*, entendemos que este estudo também se situa no campo da Linguística Aplicada (LA, de ora em diante), tendo em vista a sua natureza trans/multi/inter/indisciplinar, conforme preconiza Moita Lopes (2006).

A *transdisciplinariedade* de que trata Moita Lopes (2006) diz respeito ao contato que a LA deve manter com outras disciplinas das ciências humana, para que entendamos a linguagem como um todo, principalmente, quando observamos a sua natureza sócio-histórica constitutiva. Sentimos, portanto, como necessidade em nosso trabalho, dialogar com a perspectiva de outras áreas, tais como a antropologia, os estudos culturais e a própria filosofia de linguagem, proposta pelo Círculo de Bakhtin, uma vez que os gêneros do discurso da esfera digital organizam-se em práticas multiletradas que se relacionam diretamente com o momento histórico no qual estamos inseridos.

Tanto os teóricos da própria LA quanto antropólogos e filósofos (pesquisadores das ciências humanas) já tentaram estabelecer uma definição do momento histórico em que vivemos, a fim de entendê-lo melhor. Nesse âmbito, surgem termos como *modernidade tardia* (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), *modernidade líquida* (BAUMAN, 1999), *pós-fordismo* (SANTAELLA, 2003), *globalização* (RAJAGOPALAN, 2003; GARCÍA CANCLINI, 2013; BARTON; LEE, 2015) e *hipermodernidade* (ROJO; BARBOSA, 2015, baseadas em Gilles Lipovetsky)²⁸, para tratar das mudanças de paradigmas trazidas pelo meio digital e pela ascensão dos recursos tecnológicos que passam a fazer parte do cotidiano das pessoas.

²⁸ A pesquisadora da LA, Roxane Rojo, em entrevista à Parábola Editorial, defendeu que vários dos termos empregados podem descrever a nossa realidade. A autora, porém, faz uma ressalva em relação ao termo “pós-modernidade”, empregado por Bordieu, não ser próprio para descrever nosso momento histórico, uma vez que esse pressupõe o fim do capitalismo, modo de produção econômico que se inicia com as grandes navegações e o mercantilismo. E mesmo a sociedade tendo abraçado o meio digital como forma de interação nos mais variados campos da atividade humana, ainda são geridos pelas relações do capital. Da mesma forma, García Canclini (2013) coloca que as manifestações culturais ainda são vistas como mercadorias. Desta forma, nesta pesquisa, evita-se, portanto, usar o termo para que não haja confusão de ordem teórico-metodológica. A entrevista da autora está disponível no link que segue: <https://www.youtube.com/watch?v=rUhk2Sup8>; Acessado em 12 dez. 2018.

Novas organizações das interações e dos usos da língua(gem) se adaptam a essa emergente realidade em que estamos inclusos. Significa dizer, portanto, que o contato físico e a interação face a face não são mais as únicas formas de os sujeitos interagirem; tampouco são as que se dão por gêneros da *cultura impressa* (ROJO; BARBOSA, 2015). As interações também acontecem no meio digital, nas telas de computadores, de smartphones, de tablets, com uso de recursos multimídia e multimodais que moldam e dão vida à relação entre os falantes. As próprias pessoas, sujeitos vivos, com sua subjetividade, mas, ao mesmo tempo, inseridos num ambiente sócio-histórico, organizam-se de outras formas. Tais formas de interagir são de interesse não apenas da LA, mas deste trabalho como um todo, uma vez que nosso olhar se lança para os gêneros do discurso que circulam em ambientes digitais.

Do ponto de vista metodológico, consiste-se, por assim dizer, em observar essas interações em ambientes digitais como uma forma de entender os fenômenos linguísticos que, em consonância com o momento sócio-histórico, subjazem as práticas de uso da linguagem das quais se valem os sujeitos envolvidos para estabelecer um propósito discursivo definido. De acordo com Fabrício,

Esses estudos [da LA] abordam a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação, por entender que ela é inseparável das práticas sociais e discursivas que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atos sociais. Assim a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais (FABRÍCIO, 2006, p. 48).

Ao estabelecer as práticas sociais como objeto de estudo da LA, a autora propõe algo que se aproxima da concepção dialógica de pesquisa proposta pelo Círculo de Bakhtin, pois, de acordo com Voloschinov e Bakhtin (1926), “[...] o discurso verbal, tomado no seu sentido mais largo como um fenômeno de comunicação cultural, deixa de ser alguma coisa auto-suficiente e não pode mais ser compreendido independentemente da situação social que o engendra” (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 4).

Na direção do pensamento da autora, tem-se como metodologia de trabalho em LA a compreensão

- 1) de que, se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva;
- 2) de que nossas práticas discursivas não são neutras, e envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder, que provocam diferentes efeitos no mundo social;
- 3) de que há na contemporaneidade uma multiplicidade de sistemas semióticos em jogo no processo de construção de sentidos (FABRÍCIO, 2006, p. 48).

A semiótica a que se refere a autora é um processo no qual as múltiplas linguagens agem nos enunciados para estabelecer um propósito junto com os aspectos de natureza social. Entender essa natureza social constitutiva da linguagem na LA é de suma importância para o estatuto dialógico, uma vez que, de acordo com Bakhtin (2016[1952-53]), “[...] o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua(gem) (enquanto sistema) – as palavras e as orações” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 22).

Da mesma forma, o sujeito que age, atua, soma, significa e ressignifica o tempo todo, neste momento histórico, deve ser levado em conta no método de pesquisa da LA. Os sujeitos, na visão de Chouliaraki e Fairclough (1999),

[...] são organizados ao longo de grandes distâncias de tempo e espaço – globalizados – e dependem de meios tecnológicos sofisticados como forma de mediação. Práticas face a face muito comuns estão crescentemente dependentes (poderíamos dizer, colonizados por) dessas complexas práticas modernas, bem como se apropriando delas. [...] Resumindo, a modernidade envolveu uma mudança radical nas práticas sociais e na relação entre essas práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 42, a tradução é de nossa responsabilidade)²⁹.

O sujeito, portanto, está envolvido pelo momento histórico. Não há como entendermos suas interações, seus enunciados, suas práticas discursivas, sem levarmos em consideração que ele, de acordo com o que preconizam os próprios autores e os autores do Círculo de Bakhtin, é um sujeito histórico e social, determinado

²⁹ [...] are often organised across great distances of time and space – globalised – and depend upon sophisticated technologies of mediation. Ordinary face-to-face practices are increasingly dependent upon (we might say, colonised by) these complex modern practices, as well as appropriating them. [...] In short, modernity has involved a radical change in the nature of social practices and in the relations between social practices (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 42).

pelas relações estabelecidas na sociedade, em virtude do momento histórico em que vive.

García Canclini (2013), numa visão antropológica, compreende o sujeito moderno como um resultado “[...] do processo tecnológico de convergência digital e da formação de hábitos culturais diferentes em leitores que, por sua vez, são espectadores e internautas (GARCÍA CANCLINI, 2013, s/p.)”. Sendo assim, a configuração do sujeito na modernidade tardia se dá, em grande medida, nos ambientes digitais, por assim dizer.

Como pesquisadores do campo da LA, nesta pesquisa, objetivamos entender estes fatores sociais e linguísticos, no intuito de produzir conhecimento científico que atenda às necessidades reais da sociedade como um todo. Em um contexto de pesquisa social, voltada para a educação linguística de sujeitos contemporâneos, implica em estabelecer que a LA não se preocupa com transposições advindas da linguística teórica, mas com uma teoria própria que traga “[...] ganhos a práticas sociais e a seus participantes, no sentido de uma melhor qualidade de vida, num sentido ecológico” (ROJO, 2006, p. 258).

Desse modo, o ambiente digital e os sujeitos nele inseridos, as práticas sociais de uso da linguagem e os enunciados resultantes das interações são nosso objeto de pesquisa, sob o prisma teórico-metodológico da LA. O gênero do discurso *post*, portanto, mostrou sua grande relevância para os propósitos deste estudo e consolida-se como um dos gêneros que se origina no meio digital. Logo, para melhor compreendê-lo mostra-se a necessidade de um olhar do linguista aplicado, tendo em vista a sua relevância nos dias atuais.

É neste sentido que a presente pesquisa se inscreve, pois: (1) os textos-enunciados selecionados para a obtenção de dados estão inseridos em ambientes multimidiáticos e atendem aos **anseios no paradigma hipermoderno de organização social**; (2) o diálogo com os filósofos contemporâneos que trabalham com a perspectiva e com a existência de uma mudança acelerada no processo interacional entre os seres-humanos é fundamental para buscar respostas acerca do **uso de novas linguagens, mídias, aplicativos e ferramentas na constituição dos enunciados**.

1.5 PARADIGMA DA PESQUISA

A pesquisa que propomos se orienta pelo paradigma qualitativo, de base interpretativista, uma vez que visamos entender um fenômeno social que está em ascensão, tendo em vista o gênero do discurso por meio do qual a interação se organiza. Para Bortoni-Ricardo (2008),

A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações. Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto para a aprendizagem dos educandos (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 42).

Neste sentido, ao analisarmos o gênero “post em rede social”, estamos cientes de que, por hora, trata-se de um trabalho relevante, dado o contexto em que estamos inseridos. Mesmo que a linguagem online mude rapidamente e o meio tecnológico proporcione aceleradas mudanças de paradigma, entendemos que se trata de um estudo necessário para compreendermos como a linguagem se configura em diferentes ambientes e contextos sociais.

Flick (2009) leva em consideração que

A mudança social acelerada e a conseqüente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais. Tratam-se de situações tão novas para eles que suas metodologias dedutivas tradicionais – questões e hipóteses de pesquisa obtidas a partir de modelos teóricos testadas sobre evidências empíricas – agora fracassam devido à diferenciação dos objetos. Desta forma, a pesquisa está cada vez mais obrigada a utilizar-se das estratégias indutivas. Em vez de partir de teorias e testá-las são necessários ‘conceitos sensibilizantes’ para a abordagem dos contextos sociais a serem estudados. (FLICK, 2009, p. 21).

Como pesquisadores, inserimo-nos no ambiente digital com o propósito de entender este contexto de usos de linguagem na perspectiva de contribuir com nosso campo epistemológico. Tendo em vista o acelerado processo de mudança e os avanços tecnológicos, não podemos ignorar essa emergência no trabalho, ainda pouco explorada, de acordo com o levantamento que fizemos e apresentamos na introdução dessa dissertação. É neste sentido, então, que unimos nossa perspectiva

às palavras de Flick (2009), pois não se trata de uma análise empírica, mas de um estudo que busca contribuir frente a problemas relevantes socialmente.

Pretendemos abordar nesta pesquisa, de acordo com o que pressupõe o paradigma qualitativo-interpretativo, um gênero do discurso, inserido num ambiente digital, e uma necessidade dialógica como objeto de estudo, numa tentativa de trazer ganhos não apenas para o nosso campo da atividade humana (acadêmico), mas também para o campo cotidiano e educacional. Neste sentido, buscamos analisar enunciados do gênero “post de rede social”, especificamente, da rede social Facebook, das páginas “Quebrando Tabu”, observando os aspectos da dimensão social e da dimensão verbo-visual, atentando-nos para as (re)configurações da linguagem em sua multimodalidade.

Tendo delineado a metodologia do trabalho, passamos a discutir, no próximo capítulo, de forma mais aprofundada, os conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin, que, juntamente ao método sociológico, são o guia para as análises tecidas.

2 A CONCEPÇÃO DIALÓGICA DA LINGUAGEM E A NOÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO NO IDEÁRIO DO CÍRCULO DE BAKHTIN

A língua é deduzida da necessidade do homem de autoexpressar-se, de objetivar-se. A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, se reduz à criação espiritual do indivíduo.
(Mikhail Bakhtin)

A porta de entrada para um estudo da linguagem é o gênero do discurso no qual se configura um dado enunciado³⁰. Linguagem essa que não se reduz à materialidade, mas às criações individuais de seres socialmente inseridos, conforme Bakhtin no início deste capítulo. Devemos a Bakhtin e aos demais estudiosos do Círculo o crédito de terem sido os primeiros a debruçarem-se no estudo dos gêneros do discurso. Muito embora existam outras grandes abordagens, que não a dialógica, é praticamente consensual a ideia de que o Círculo desenvolveu uma filosofia de linguagem original que nos deu sustentação para entender os fenômenos linguísticos num âmbito histórico e social.

A publicação do texto “*Os gêneros do discurso*” se deu apenas em 1979, porém Bakhtin já o escrevera entre 1952 e 1953, num período em que a gramática normativa e a retórica clássica, herdada dos romanos, ainda predominava no ensino da Língua. Apenas na década de noventa do século XX é que as obras dos autores russos começaram a chegar no ocidente e, portanto, foi neste período que os pesquisadores começaram a debruçar-se em seu estudo e a perceber a amplitude que propunha Bakhtin e os demais estudiosos do Círculo.

A questão dos gêneros do discurso não fica estabelecida em uma única obra do autor. Sua complexidade e os conceitos do Círculo não estão apenas presentes em uma única obra, mas espalham-se em diversos textos escritos desde os primórdios da década de vinte do século passado e se estendem até o final dos anos setenta, com algumas publicações póstumas do próprio Bakhtin.

Nosso objetivo, neste capítulo é, portanto, recapitular alguns conceitos bakhtinianos para melhor entender a noção de gêneros do discurso que parece trazer consigo todos os demais conceitos cunhados pelos autores do Círculo. A noção de gêneros, por assim dizer, trata, sem dúvida alguma, conforme postulado pelo próprio Bakhtin, do conteúdo temático, do estilo de linguagem e da construção composicional.

³⁰ Ver nossa discussão acerca de “enunciado” no item 2.4.

Não se trata apenas de uma terminologia baseada no purismo linguístico, mas de uma linguagem que é envolvida por um contexto social e histórico e que vai muito além das fronteiras e das linhas de um texto-enunciado.

Entendemos que não apenas é necessário compreender o que fora dito pelos teóricos do Círculo em outros textos, que não o ensaio “Os gêneros do discurso”, mas relacionar tais conceitos-chave com as noções estabelecidas nesta importante obra de Bakhtin. Assim sendo, retomamos o conceito de “dialogismo”, que trata da concepção de linguagem adotada pelo Círculo, numa perspectiva sociológica e histórica, tendo em vista a sua relação com uma dimensão que ultrapassa o verbal, e que busca relacionar aos aspectos de sua natureza social constitutiva. Fazemos isso na seção 2.1, intitulada “**O dialogismo: a concepção de linguagem do Círculo**”. Em seguida, na seção 2.2, intitulada “**A interação discursiva**”, apresentamos o conceito de interação do Círculo, pensando nessa natureza social e de trocas entre os sujeitos e os seres sócio-historicamente situados. Em seguida, na seção 2.3, intitulada “**A ideologia**”, reportamo-nos ao termo “ideologia” atrelando-o aos campos de atividade humana, bem como à noção de signo ideológico. Por seguinte, passamos a explanar acerca do enunciado, que, na linguagem do Círculo, é o guia para as interações e o fator em que a ideologia se manifesta. Fazemos isso na seção 2.4, intitulada “**Os enunciados**”. Por fim, apresentamos, ainda, na última seção (2.5), intitulada “**Os gêneros do discurso: ‘os tipos relativamente estáveis de enunciados’**” a noção de gênero do discurso, organização social viva que dá tom e vida ao enunciado. Muitos conceitos, porém, estão relacionados a este. Por isso, subdividimos esta seção em duas partes: “*A dimensão social dos enunciados*”, em que nos debruçamos para esclarecer o horizonte espacial e temporal, o horizonte axiológico e o horizonte temático. Em seguida, apresentamos “*A dimensão verbo-visual dos enunciados*”, para discutir os conceitos de conteúdo temático, estilo linguístico/semiótico e construção composicional.

Selecionamos esses conceitos, dentre tantos que se incorporam à concepção dialógica de linguagem, pois mesmo que não estejam diretamente relacionados ao método sociológico, são conceitos-chave para uma análise discursivo-enunciativa. Ainda, entendemos que são intrínsecos ao gênero do discurso, isto é, a amplitude do estudo de um gênero depende desses conceitos selecionados.

2.1 O DIALOGISMO: A CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM DO CÍRCULO

Tanto Bakhtin como os demais autores do Círculo, viveram em um período em que começava a efervescer uma ciência que, depois, seria chamada “Linguística”. Neste período histórico, duas grandes correntes de estudos da linguagem, denominadas por Volóchinov (2017[1929]) **subjativismo individualista/idealista**³¹ e **objetivismo abstrato** foram o ponto de partida para que os teóricos chegassem ao que hoje costumamos chamar dialogismo (BRAIT, 2005).

Os escritos do Círculo revelam um caráter bastante original e inovador pela forma como encaram a linguagem e a ciência, principalmente, quando os autores tecem críticas ao que chamam de **subjativismo idealista/individualista** e **objetivismo abstrato**. Essas duas grandes abordagens teóricas vigentes à época³² determinavam os caminhos para as análises e pesquisas científicas cujo escopo era a língua. Passamos, portanto, a entender melhor o subjativismo idealista e o objetivismo abstrato.

Por uma questão cronológica, o *subjativismo idealista/individualista* é o primeiro postulado a ser analisado. De acordo com o próprio Volóchinov (2017[1929]), ao se referir a esse primeiro grupo de pesquisadores, essa corrente teórica tem como principais representantes Karl Vossler e Leo Spitzer, filólogos comparativistas, que desempenharam papéis fundamentais nos estudos da linguagem no final do século XIX e no início do século XX.

Para desenvolver seu pensamento e sua própria filosofia da linguagem, os pensadores dessa corrente tomavam como base o texto literário a fim de compará-lo em diversas línguas para encontrar padrões de ordem morfossintática, postulando, assim, a existência de uma língua que deu origem a todas as outras línguas

³¹ A noção de “idealista” e “individualista” na apresentação da corrente de pensamento filosófico pareceu um problema da tradução das obras do Círculo de Bakhtin para o ocidente. Entretanto, ambos os termos são facilmente aceitáveis, pois, de acordo com o próprio Volóchinov (2017[1929]), os pesquisadores da corrente ressuscitam um idealismo neokantiano em suas análises. Em seguida, o termo individualista ressalta a concepção de linguagem e de sujeito deste grupo como monológica e individual. Trata-se da manifestação das ideias psicológicas dos sujeitos, sem qualquer relação com os aspectos sociais da linguagem. Mais tarde, Geraldi (1984) chama esta concepção de “linguagem como representação do pensamento”, dado o seu olhar para os aspectos da natureza subjetiva e psicológica dos enunciadores.

³² A filologia comparativista, que foi convencionada pelo Círculo por “subjativismo idealista/individualista”, teve grande força nos estudos da linguagem no final do século XIX e início do século XX, enquanto que o estruturalismo saussureano, conhecido por “objetivismo abstrato” dentre os autores bakhtinianos, ganhou força no início do século XX, como um contraponto às ideias da primeira corrente do pensamento linguístico.

existentes. Para dar conta desse propósito, os representantes do subjetivismo idealista/individualista recorriam a métodos de investigação científica de base positivista, uma vez que buscavam formular leis gerais para um dado fenômeno estudado.

Volochínov (2017[1929]) explana que essa abordagem tem uma visão de sujeito como individual e psico-suficiente. Logo, a linguagem refletiria a individualidade da consciência de cada um de seus usuários, o que significa negar, no estudo da língua, qualquer relação existente com os aspectos de natureza extraverbal. Esta premissa, de acordo com o próprio Volóchinov, deriva não apenas da visão psicologizante, mas também do método positivista, ao qual recorriam os representantes da corrente em suas explicações.

Na mesma onda positivista, que basicamente foi um guia no início do século XX, até mesmo para as ciências humanas, inseria-se o *objetivismo abstrato* de Ferdinand de Saussure, ou a corrente estruturalista dos estudos da linguagem, como é denominada atualmente pela maior parte dos linguistas. Saussure não publicou o seu “Curso de Linguística Geral”, no qual o termo “estruturalismo” foi usado pela primeira vez, mas deixou uma noção de qual é a concepção de linguagem para os estudiosos desta corrente.

Para Saussure (2006[1916]), a língua organiza-se dentro de um sistema de signos linguísticos que, por sua vez, contemplam significante e significado, isto é, uma imagem acústica de um dado signo (o significante) e o conceito que carrega (o significado). A noção de sujeito em Saussure é praticamente nula, uma vez que são apenas aqueles que fazem uso do sistema da língua. Assim sendo, a performance de um sujeito, usuário de uma língua, depende unicamente de seu conhecimento acerca dos aspectos formais desta sua língua. Na compreensão de Bakhtin (2016[1952-53]), porém, “evidentemente, um grupo linguístico, uma multiplicidade de falantes, jamais pode ser ignorado quando se fala da língua; no entanto, quando se define a essência da língua, esse momento não se torna necessário e determinante da natureza da língua” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 24).

Na visão de Saussure, cabe ao falante da língua entender as regras, as leis gerais do sistema para que se saia bem na árdua tarefa de comunicar-se com os outros. Ao pesquisador da linguagem bastava apenas entender o fenômeno linguístico e sistematizá-lo para que as leis deste sistema se tornassem válidas. Contrapondo-se a essa visão, Volochínov (2013[1930]) assevera que

[...] devemos recordar que a língua não é algo imóvel, dada de uma vez para sempre e rigidamente fixada em 'regras' e 'exceções' gramaticais. A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado, da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social. Este movimento progressivo da língua se realiza no processo de relação entre homem e homem, uma relação não só produtiva, mas também *verbal* (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 157, destaque do autor).

A estrutura morfológica e sintática das palavras e das frases eram o grande foco da análise dos estruturalistas. Neste sentido, cabe dizer que sua noção de método de análise científica inseria-se, em grande medida, também nos postulados positivistas. Bakhtin (2010[1928]), ao tecer críticas a tal maneira de conceber a língua, pontua:

Na linguagem, como objeto da linguística, não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis no sistema da língua (por exemplo, entre palavras no dicionário, entre os morfemas, etc.) ou entre os elementos do 'texto' num enfoque rigorosamente linguístico com deste [objetivismo abstrato] (BAKHTIN, 2010[1928]).

Principalmente, no trabalho de Volóchinov (2017[1929]) tem-se uma grande crítica às correntes da época, mas também uma proposição acerca de como a linguagem funciona, tendo em vista a sua natureza sócio-histórica. Conforme sua compreensão:

A realidade efetiva da linguagem não é um sistema abstrato de formas linguísticas nem um enunciado monológico isolado, tampouco um ato psicofisiológico de sua realização, **mas o acontecimento social da interação discursiva**, que ocorre por meio de um ou vários enunciados. Desse modo, **a interação discursiva é a realidade fundamental da língua** (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 218-219, grifos nossos).

Essa ideia do autor sustenta-se em uma compreensão discursiva, interacionista e dialógica da linguagem, que se concretiza por meio da interação com o outro, o que comprova a necessidade de sua existência. A linguagem ganha vida na interação entre sujeitos que interagem, que dialogam entre si e com outros discursos. É esse entendimento que confere à linguagem o seu caráter dialógico.

O dialogismo, ou a natureza dialógica da linguagem, portanto, nada mais é do que a concepção de linguagem do Círculo de Bakhtin e de suas teorias. Apenas o

dialogismo é capaz de dar conta da natureza extraverbal, pois esse é um conceito que está para o discurso. De acordo com Brait,

[...] o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os **diferentes discursos** que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza **interdiscursiva** da linguagem (BRAIT, 2005, p. 95, grifo nosso).

Entendemos, assim, que a natureza constitutiva da linguagem está no diálogo entre os sujeitos, social e historicamente situados, que atuam e se valem da linguagem para constituir enunciados concretos, novos e nem sempre unilaterais. Isto significa que os sujeitos usam a língua(gem) em seus discursos e sua consciência é capaz de fazê-los valorar um dado enunciado, mas esta consciência já não é mais individual, e sim social, pois carrega um arcabouço gigantesco daquilo que já foi dito em inúmeras situações de interação. O sujeito compreende o mundo a sua volta de acordo com suas experiências e de acordo com os discursos com os quais já entrou em contato. Portanto, tem-se que, de acordo com Bakhtin,

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas **relações dialógicas**. A compreensão é sempre prenhe de resposta. Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para sua resposta. Isto se manifesta com maior clareza no **discurso dialógico**. A relação entre as réplicas do diálogo difere da relação entre duas orações de um contexto monológico ou entre dois enunciados centrados no mesmo tema e não relacionados dialogicamente (BAKHTIN, 2016[1950], p. 113, grifos nossos).

Não existe o mesmo enunciado, ainda que sua estrutura seja repetida por um determinado enunciador de um campo de atividade humana. O enunciado, na concepção dialógica, é novo e sempre está orientado para a alteridade do indivíduo que enuncia. Assim sendo, e reportando-nos a nosso próprio *corpus* de pesquisa, quando alguém compartilha um “post”, um conteúdo de uma dada página, a pessoa não está simplesmente reproduzindo um enunciado. Ela o toma para si, reflete e

refrata este diálogo em seu próprio discurso e esse recurso, ainda, permite que todos os que acompanham aquele que está (re)enunciando percebam que o conteúdo faz parte da constituição desse enunciadador.

A partir disso, esse ser, sócio-historicamente situado, está dialogando com o(s) outro(s), mostrando aos seus interlocutores seus pensamentos, suas vontades, suas expressões, suas formas de enxergar o mundo, enfim, sua valoração. Obviamente, este processo dialógico não é algo unilateral. Podemos concordar, bem como discordar de um dado enunciado, ou ainda, ser parcialmente simpático àquilo que fora enunciado. Para Bakhtin,

De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25).

O autor defende que o diálogo consiste na réplica, no agir, no fazer valer a vontade enunciativa. A resposta a um dado enunciado não vem senão por meio de outro enunciado. É nesta troca mútua que consiste o dialogismo. Não existe diálogo sem enunciado e não existe enunciado sem diálogo. É essencial, portanto, para se entender o dialogismo, que concebamos o sujeito concreto e os enunciados como mecanismos de interação. Compreendemos, assim, que as relações dialógicas se concretizam entre sujeitos, entre o(s) sujeito(s) e o enunciado e entre os próprios enunciados.

Fundamental, também, é encararmos o **sujeito bakhtiniano** não como alguém que está além das forças sociais que o circundam; tampouco como um mero usuário de um sistema linguístico de formas isoladas; ou, ainda, como um refém de suas faculdades mentais e de sua psique individual. O sujeito bakhtiniano, nas palavras de Renfrew, “[...] é uma pessoa ‘concreta’, encarnada, que pensa e age no fluxo dos eventos singulares contra o pano de fundo de uma série de contextos em constante mudança” (RENFREW, 2017, p. 48). O autor ainda acrescenta que

O sujeito bakhtiniano encontra no mundo não apenas 'objetos', a realidade material à qual devem ser impostos ordem e sentido, mas outros sujeitos – outras pessoas responsáveis concretas, corporal e temporalmente situadas, vivendo seu próprio evento de ser único e singular (RENFREW, 2017, p. 52, destaque do autor).

Um simples aceno de cabeça pode configurar um novo evento da comunicação discursiva. Um clique na tela do computador para configurar uma reação a um conteúdo postado por um colega de trabalho ou familiar pode conformar uma avaliação do sujeito que se envolve por este conteúdo, inserido num âmbito social. Não se trata apenas da individualidade ou de qualquer pensamento individual a qualquer pessoa, mas da reação do sujeito como ser socialmente situado, que age de acordo com suas crenças, seus conhecimentos e o posicionamento social que ocupa diante de uma sociedade organizada. A esse respeito, Renfrew (2017) destaca que

O sujeito bakhtiniano não faz simplesmente a mediação entre mente e mundo, ou pelo menos o faz de modo muito particular: o sujeito age, realiza um ato e, ao fazê-lo, concretiza e atribui valor a toda forma particular de conhecimento (RENFREW, 2017, p. 48, destaque do autor).

Esse agir é o que de fato configura o dialogismo, pois os seres agem em favor de seu auditório social, de seu campo de atividade humana e, ao mesmo tempo, em favor de si mesmo, pois sua individualidade se constitui no outro, isto é, se constitui socialmente, graças ao diálogo estabelecido com os demais seres situados histórica e socialmente. Assim sendo, nas palavras de Clark e Holquist,

O diálogo é concebido de maneira mais compreensiva como o extensivo conjunto de condições que são imediatamente moldadas em qualquer troca real entre duas pessoas, mas não são exauridas em semelhante intercâmbio. Em última análise, diálogo significa comunicação entre diferenças simultâneas (CLARK; HOLQUIST, 2008[1984], p. 36).

Portanto, o dialogismo subentende não apenas uma concepção de linguagem, mas de sujeito, que age por meio desta linguagem para constituir enunciados, revelando seus discursos, valorando o mundo a sua volta, agindo em favor (ou não) de sua posição assumida, tendo em vista a sua alteridade e o campo de atividade humana que o constitui em numa sociedade organizada. O **dialogismo**, no sentido

bakhtiniano do termo, só existe na **interação discursiva**, conceito que passamos a discutir na próxima seção.

2.2 A INTERAÇÃO DISCURSIVA

Na linguagem do Círculo de Bakhtin, a interação discursiva (ora tida como interação verbal, dependendo da tradução de obra que se adote) é um conceito que dá vida ao dialogismo, pois abrange uma série de fatores que se formam no seio arquitetônico da linguagem teórica dos autores. Muito embora o Círculo tenha se dedicado a esclarecer como os fatores linguísticos reverberam nos enunciados, é na interação discursiva que os enunciados, e também os fatores de natureza linguística, ganham vida e, por assim dizer, significação.

Novamente, a noção das tendências de estudos da linguagem do início do século XX remontam às discussões tecidas pelos teóricos. A noção de língua como um todo é delineada a partir das contraposições estabelecidas pelos autores em relação a essas teorias. Volochínov (2017[1929]), por exemplo, desenvolve suas considerações acerca da interação discursiva, contrapondo-se ao modelo de interação proposto por autores do pensamento idealista. Nesta visão de língua, de acordo com Volochínov, a interação discursiva é inexistente, pois a visão monológica e psicológica dá o tom característico da concepção de língua adotada pelos filólogos comparativistas. De acordo com Volochínov,

O que seria então o enunciado monológico do ponto de vista do subjetivismo individualista? – Como observamos, ele é um ato puramente individual, uma expressão da consciência individual, dos seus propósitos, intenções, impulsos criativos, gosto e assim por diante. A categoria da expressão é superior e geral à qual é reduzido o ato linguístico, isto é, o enunciado (VOLOCHÍNOV, 2017[1929], p. 202).

Na visão do autor, porém, não existe interação discursiva ou quaisquer relações dialógicas, quando concebemos a língua como um ato monológico individual, pois a interação discursiva só existe entre duas ou mais consciências. Todo enunciado, por menor que seja, está orientado para alguém. Não é possível estabelecer uma interação com uma consciência individual. Isso não significa dizer que a consciência não fundamente as interações entre dados falantes, mas o ato de interagir envolve minimamente duas consciências, não apenas uma.

A grande essência da interação discursiva está no caráter social que assumem os enunciados e na maneira como estes estão endereçados ao outro. De acordo com o próprio Volochínov (2017[1929]), a palavra é o território comum entre o enunciador e seus interlocutores. Por isso, a interação só pode existir a partir do momento que existe o enunciado. Sem enunciado, não há interação discursiva.

A interação consiste, portanto, na troca mútua de enunciados concretos, revelados em ambientes sociais e obedece às convenções sociais existentes nestes mesmos ambientes. Assim sendo,

Mesmo a comunicação verbal não passa de uma das inúmeráveis formas de desenvolvimento – ‘de formação’ – da comunidade na vida social na qual se realiza a interação verbal entre as pessoas que vivem uma vida social. Por isso, seria uma tarefa desesperada tentar compreender a construção das enunciações, que formam a comunicação verbal, sem ter presente nenhum de seus vínculos com a efetiva situação social que as provoca (VOLOCHÍNOV, 2013[1930]).

É no âmbito social, por conseguinte, que as interações discursivas acontecem. Não há interação sem que se tenha uma real necessidade de se enunciar algo. Os interlocutores agem entre si para estabelecer relações uns com os outros e para sanar suas próprias necessidades. Isso não significa que as relações discursivas devam ser reduzidas a um ato puramente fisiológico. As necessidades humanas, muitas vezes são sociais; por isso, as relações entre o eu e o outro sempre terão, por mais breves ou por mais longas que sejam, um horizonte social e apreciativo.

A interação ainda consiste na troca mútua. Como já comentamos, a vida da linguagem não é um ato monológico individual. De acordo com Volochínov (2017[1929]), ao enunciarmos, estamos endereçando nossas palavras ao outro e, por assim dizer, atos responsivos, seja qual for a sua natureza. Bakhtin (2016[1952-53]) acrescenta que

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução, etc. (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 25-26).

A interação discursiva, conseqüentemente, só é possível a partir do entendimento entre os enunciadores. Para isso, é necessário que os interlocutores tenham conhecimento da língua(gem) comum, pois a linguagem é um dos meios dos quais se valem para a constituição de novos enunciados, essenciais no processo interacional. Espera-se, por conseguinte, do interlocutor, uma ação-resposta, uma vez que enunciamos com intenções envolvidas no processo.

Se pensarmos nas mídias sociais, temos um processo de interação que se enquadra na perspectiva bakhtiniana, porquanto nenhum usuário posta algo para si mesmo, mas endereça suas postagens ao outro que imediatamente poderá valorar esse enunciado, por meio de uma reação pré-estabelecida na rede, ou ainda, por um enunciado resposta formatado pelo gênero “comentário”.

Os gêneros, portanto, são os veiculadores da interação discursiva. Diversas formas de interação exigem gêneros específicos, convencionados e delineados, tendo em vista as diferentes formas de interagir das quais se valem os seres humanos. Volochínov (2013[1930]) esclarece que

Se se observa o processo de formação desses pequenos gêneros cotidianos, não é difícil notar que a comunicação verbal, em cujo âmbito eles nascem e se organizam, compõem-se de dois momentos: a enunciação feita pelo falante e sua compreensão por parte do ouvinte. Essa compreensão contém sempre os elementos da resposta. Em realidade, normalmente nós concordamos ou discordamos do que ouvimos. Habitualmente respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto: um movimento de cabeça, um sorriso, uma pequena sacudidela da cabeça, etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal se desenvolve sob a forma de intercâmbio de enunciações, ou seja, sob a forma do diálogo (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 163).

É importante ressaltarmos, ainda, que as interações discursivas se dão também entre os enunciados anteriores. Ao organizarmos o que será dito em um novo ato interacional, relacionamo-nos diretamente com os discursos que nos constituem e, por assim dizer, ao selecionarmos determinados signos para a interação, silenciemos outros tantos. É nesse sentido também que se dão as relações dialógicas, defendidas pelo Círculo, no diálogo entre os indivíduos situados. A resposta é um fator primordial para que o processo de interação se constitua. Assim, de acordo com Bakhtin,

[...] todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 26).

A interação discursiva, por fim, é um ato social de seres constituídos neste ou naquele campo da atividade humana. Entretanto, a interação não se dá de forma aleatória ou desorganizada; os limites entre os enunciados produzidos na interação ficam marcados por recursos composicionais e verbo-visuais, bastante visíveis, uma vez que a alternância entre os sujeitos dá o acabamento necessário para que passemos a palavra ao outro e o processo interacional siga seu fluxo. Bakhtin (2016[1952-53]) esclarece que

Essa alternância dos sujeitos do discurso, que cria limites precisos do enunciado nos diversos campos da atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diversas condições e situações de comunicação, tem natureza diferente e assume formas várias (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29).

As interações discursivas são condicionadas, também, por ideológicos. Tendo em vista a noção de **ideologia** que se convencionou no Círculo, passamos agora a discutir este conceito, por se tratar de algo fundamental na arquitetura da perspectiva dialógica da linguagem.

2.3 A IDEOLOGIA

O conceito de ideologia para os estudiosos do Círculo de Bakhtin está relacionado, principalmente, ao de signo. Esta compreensão fica evidente quando recorreremos às noções exploradas por Volochínov (2017[1929]), na obra “*Marxismo e Filosofia da Linguagem*”, e também quando o conceito de campos de atividade humana ou esferas sociais é desenvolvido por Bakhtin (2016[1952-53]), no texto “*Os gêneros do discurso*”. Tendo em vista o seu caráter discursivo, a ideologia é um conceito que está diretamente relacionado à dimensão social do gênero, pois ela é expressa de acordo com o momento histórico e o lugar do qual enuncia um dado

sujeito, de acordo com sua atitude valorativa frente aos temas instaurados no discurso e, ainda, cada tema evoca diferentes posicionamentos ideológicos do ponto de vista de diferentes enunciadores.

Ao recorrermos ao pensamento de Volochínov (2017[1929]), percebemos que o autor relaciona a ideologia diretamente ao signo, logo, na linguagem do Círculo de Bakhtin, a real natureza do signo só poderá ser estudada quando o encarar como um “signo ideológico”. De acordo com Volochínov,

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. *Onde não há signo também não há ideologia* (VOLOCHÍNOV, 2017[1929], p. 91, destaques do autor).

Parte do esclarecimento que o autor faz a respeito do *signo ideológico* se dá em razão das críticas tecidas ao *Objetivismo Abstrato*. Como já fora comentado neste texto, a visão sígnica desta corrente de estudo está relacionada a um sistema de signos que é regido pela dicotomia proposta por Ferdinand de Saussure, em que o signo possui duas dimensões: o significante e o significado. Volochínov, por sua vez, entende o signo como algo não-sistemático e contesta o caráter puramente linguístico das proposições de Saussure, ao defender sua natureza social e ideológica, uma vez que está vinculado à situação, ao tema e ao campo de atividade humana no qual se encontra inserido.

No caminho de construir uma análise sociológica do signo, Volochínov também contesta o fato de que, na visão sistemática/estruturalista da língua, o significado de uma dada palavra seja imutável. O autor busca explicar, em suas considerações, que assim como é único e irrepetível o enunciado, também o é o signo, pois cada sujeito, ao optar por uma palavra ou por um recurso de natureza linguística/semiótica, coloca sua própria expressividade e entonação, fazendo com que essa palavra ou recurso ganhe um significado único, próprio daquele momento específico. Na análise deste fenômeno, já não se trata de uma palavra da língua ou de uma manifestação semiótica, mas de um signo ideológico. De acordo com o autor,

Os signos também são objetos únicos e materiais e, como acabamos de ver, qualquer objeto de natureza, da tecnologia, ou de consumo pode se tornar um signo. Neste caso, porém, ele irá adquirir uma significação que ultrapassa os limites da sua existência particular. O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. As categorias de avaliação ideológica (falso, verdadeiro, correto, justo, bom etc.) podem ser aplicadas a qualquer signo. O campo ideológico coincide com o campo dos signos. Eles podem ser igualados. **Onde há signo há também ideologia.** *Tudo o que é ideológico possui significação sîgnica* (VOLOCHÍNOV, 2017[1929], p. 93, destaque do autor, grifo nosso).

Sob tal orientação entendemos que, ao analisarmos a natureza sîgnica de um elemento da linguagem, teremos como resultado de nossa análise um fenômeno social e ideológico. É por meio do signo ideológico que nossas atitudes valorativas ressoam e se fazem valer. Ao fazemos uso de um dado signo em nosso enunciado, nós o modificamos, pois nele impregnamos nossas ideologias e as forças do campo de atividade humana que agem sobre nós, refratando, assim, nossa valoração e um outro significado em um novo contexto.

Também é debatido por Volochínov, o caráter da ideologia proposto pelo *Subjetivismo Idealista/Individualista*, com sua proposição de que a natureza ideológica do signo está atrelada à consciência individual de cada um dos usuários de uma dada língua. O autor esclarece que

Um signo só pode surgir em um território interindividual, que não remeta à natureza no sentido literal desta palavra. O signo tampouco surge entre dois Homo sapiens. É necessário que esses dois indivíduos sejam socialmente organizados, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio sîgnico pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é capaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 96-97).

Ao adotarmos a noção de sujeito do Círculo de Bakhtin, remontamos para a natureza social e para o caráter de um ser sócio-historicamente constituído. Portanto, a interindividualidade da qual fala o autor remete à consciência social que o ser assume. Não significa, todavia, dizer que a consciência individual não exista. De fato, o sujeito bakhtiniano é consciente, mas não é monológico. Isso significa que, ao nos autoexpressarmos, nossa consciência reage de acordo com os paradigmas sociais ao

qual está submetido um dado sujeito. Nesse caso, a ideologia tampouco seria um fenômeno de caráter subjetivo, mas social.

A consciência, portanto, não é um fator determinante para a criação ideológica. Como mencionamos, os sujeitos são seres sociais conscientes e, ao enunciar e tomar a palavra para si, são regulamentados pelas leis ideológico-discursivas de seu campo de atividade humana. Volochínov (2017[1929]) esclarece que, “todos os demais materiais sígnicos são especializados em campos particulares da criação ideológica. Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos e símbolos específicos, inaplicáveis a outros campos” (VOLOCHÍNOV, 2017[1929], p. 99).

Esta noção de campos ideológicos de atividade humana proposto pelo autor, dialoga diretamente com Bakhtin (2016[1952-53]), quando esclarece acerca da **ideologia do cotidiano** e da **ideologia dos campos ideologicamente complexos**. A **ideologia do cotidiano**, segundo Bakhtin, constitui-se em um contexto mais fluído e dinâmico da sociedade, isto é, em diálogos cotidianos que temos com nossos amigos, vizinhos, colegas e familiares. Esse contexto ideológico corresponde ao campo cotidiano que organiza uma conversa entre mãe e filhos, um namorico entre casais, um cumprimento entre dois vizinhos, etc. Se olharmos para o campo digital no qual circulam os enunciados selecionados para esta pesquisa, teremos, muitas vezes, a ideologia cotidiana reverberando nas postagens de fotos entre amigos, e na constituição de gêneros mais simples e descontraídos como o “comentário” de um familiar em uma foto ou num texto de desabafo de um usuário de uma rede.

Na **ideologia dos campos ideologicamente complexos**, temos maior organização e maior convenção nas práticas sociais de uso da linguagem. Nesse contexto, as ideologias são determinadas por um conjunto de leis socioeconômicas e políticas organizadas na superestrutura, porém determinadas pela infraestrutura da sociedade. A partir das necessidades geradas pela força de trabalho e pelas lutas de classes sociais que organizam a infraestrutura, estabelecem-se orientações ideológicas intencionalmente planejadas pela superestrutura que, de certa forma, são impostas sobre a base econômica da sociedade. Conforme explica Volóchinov:

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sígnica, determinadas diretamente por todo o conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura

colocada diretamente sobre a base econômica. A consciência individual não é a arquiteta dessa superestrutura ideológica, mas apenas sua inquilina alojada no edifício social dos signos ideológicos. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 98)

Essa compreensão é reafirmada por Medviédev (2016[1928]) quando explica que “o meio ideológico é a consciência social de uma dada coletividade, realizada, materializada e exteriormente expressa. Essa consciência é determinada pela existência econômica e, por sua vez, determina a consciência individual de cada membro da coletividade” (MEDVIÉDEV, 2016[1928]), p. 57). Em outras palavras, entendemos que a nossa consciência é constituída, ideologicamente, a partir dos princípios da coletividade que chegam até nós por meio da linguagem expressa em signos sociais e ideológicos.

O individual, nesse caso, é social e, portanto, a ideologia expressa por cada sujeito por meio dos signos representa a coletividade (que pode ser política, religiosa, familiar, do trabalho etc.). Ao fazermos uso da linguagem, estamos recorrendo aos signos que são essencialmente dialógicos. Logo, não manifestamos, por meio da linguagem, nossa individualidade, mas sim, nossa interindividualidade, uma vez que somos constituídos nessa interação com o outro. Da mesma forma, nossa manifestação ideológica representa essas interações que imbricam por meio do discurso. É nesse sentido que Sobral e Giacomelli (2018) asseveram:

Sabe-se que o ideológico só se manifesta para sujeitos e por meio de sujeitos, e, o que é mais importante, entre sujeitos - ou seja, a individualidade é condição da interindividualidade que a constitui. [...] A própria percepção da realidade se dá em termos de uma construção simbólica, ancorando-se na linguagem, sendo, portanto, já ideológica, dada a íntima ligação linguagem-ideologia, sem que a linguagem se especialize em alguma esfera ideológica. (SOBRAL; GIACOMELLI, 2018, p. 311)

Por isso, é possível dizer que os signos, com sua bagagem ideológica, são resultados dessa interação entre sujeitos que se organizam socialmente, o que nos permite afirmar que suas “formas [...] são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 110, grifo do autor). Isso significa, por exemplo, que a linguagem de um jornalista, que está envolvido pelas leis e convenções do campo jornalístico, é dada de uma forma diferente da de uma

advogada, condicionada pelo campo jurídico. Cada campo ideológico da atividade humana expressa seus próprios discursos e, por assim dizer, suas ideologias socialmente construídas. De acordo com Faraco,

Ideologia é o nome que o Círculo costuma dar, então, para o universo que engloba a arte, a ciência, a filosofia, o direito, a religião, a ética, a política, ou seja, todas as manifestações superestruturais (para usar certa terminologia da tradição marxista) (FARACO, 2009, p. 46, grifo e destaque do autor).

É correto afirmar, nesse caso, que a ideologia das esferas socialmente organizadas e complexas são manifestadas por diferentes linguagens, isto é, por diferentes signos ideológicos. O entretecimento dessas duas ideias, do signo ideológico e do campo ideológico da atividade humana, parte de um princípio social para, em seguida, chegar à materialização do enunciado, já que as escolhas estilísticas feitas pelo autor de um dado enunciado são condicionadas também pelas convenções deste dado campo.

Contudo, é de especial importância atentarmos para o fato de que os sujeitos é que constituem e são constituídos pelos diferentes campos da atividade humana. Assim sendo, Faraco (2009) acrescenta que

Nos textos do Círculo, a palavra ***ideologia*** é usada, em geral, para designar o universo dos produtos do 'espírito' humano, aquilo que algumas vezes é chamado por outros autores de cultura imaterial ou produção ***espiritual*** (talvez como herança de um pensamento idealista); e, igualmente, de formas da consciência social (num vocabulário de sabor mais materialista) (FARACO, 2009, p. 46, grifos e destaques do autor).

Retomando as palavras de Faraco, entendemos que a ideologia, na concepção do Círculo, está atrelada ao discurso e à forma como os sujeitos manifestam suas individualidades, moldadas por um horizonte social. Assim sendo, a ideologia de um sujeito lhe é dada por meio de enunciados com os quais tem tido contato ao longo de sua inserção como indivíduo, porém, é por meio de sua individualidade que valora e expressa sua própria ideologia, algo que é de si próprio, mas também social.

Entendemos, assim, que a ideologia e os discursos que nos perpassam se manifestam nos enunciados que produzimos. Portanto, na próxima seção, voltamos nossa atenção para noção de enunciados no ideário bakhtiniano.

2.4 OS ENUNCIADOS

Os enunciados são a grande essência da interação discursiva, pois, de acordo com o próprio Volochínov (2013[1930]), todo ato de interação que se dá num meio social jamais poderia assim se constituir senão por enunciados concretos, inseridos num âmbito histórico e social, para estabelecer os propósitos discursivos e interacionais de um sujeito que age em razão de seu auditório e de seu campo de atividade humana.

Assim sendo, o enunciado, compreendido como fenômeno da interação discursiva, deve ser visto a partir de seus entornos sociais, isto é, das forças e das vontades enunciativas que fazem com que ele exista no fluxo histórico. Um enunciado, nesse caso, não é apenas um conjunto de frases e de sentenças isoladas, mas é orientado para/pela alteridade do falante que, inserido num ambiente histórico-social, faz valer suas vontades e as convenções de seu campo de atividade humana. Por isso, de acordo com Bakhtin,

Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 20).

As unidades da língua(gem) são fundamentais na constituição de um dado enunciado. Todo e qualquer enunciado – escrito, oral e/ou semiótico – se vale de inúmeros recursos de natureza gramatical, linguística, lexical e semiótica em sua constituição. Porém, tais recursos nada mais são do que aspectos estéticos ou estilísticos selecionados com o propósito de fazerem ressoar as vontades discursivas daqueles que enunciam. Portanto, as unidades da língua(gem) constituem o enunciado, mas não apenas estas. Elas são vazias de sentido ou de qualquer expressividade se tomadas de forma isolada. Podemos dizer o mesmo acerca do enunciado, que, de acordo com o próprio Volochínov (2013[1930]), é apenas um **monólogo**, um acontecimento irreal, sem qualquer significado expressivo, se tomarmos-lo sem considerar seus aspectos sociais circundantes. Porém, se tratarmos do enunciado, tendo em vista seus aspectos constitutivos, o concebemos como um

diálogo, o que faz com que ele se torne vivo e efetivamente se constitua como real elemento da comunicação discursiva. Assim esclarece Bakhtin:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva – o enunciado. Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está difundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm como unidades da comunicação discursiva peculiaridades estruturais comuns, e antes de tudo limites absolutamente precisos. Esses limites, de natureza especialmente substantiva e principal, precisam ser examinados minuciosamente (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 28-29, destaques do autor).

Recorrendo às palavras do autor, compreendemos o enunciado como portador de discursos, como o lugar de materialização de nossas ideologias constitutivas, como um produto final (provisório) de nossas interações. Ele não termina no momento em que o interlocutor disse tudo aquilo que objetivava dizer, mas completa-se no outro e em outros enunciados, pois não enunciamos para nós mesmos ou para um vazio, mas para sujeitos pensantes que também materializam seus discursos e ideologia por meio de outros enunciados. Ao construirmos um enunciado, esperamos um enunciado-resposta, uma atitude valorativa de outro sujeito frente ao que se enunciou. Logo, cada um dos nossos enunciados tem um acabamento provisório para que possamos passar a palavra a outra pessoa e, assim sendo, construirmos novos enunciados, tendo em vista o diálogo que se cria a partir deles. Para Bakhtin,

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos do discurso, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado – da réplica suscinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, os enunciados dos outros; depois de seu término, os enunciados responsivos dos outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro ou, por último, uma ação responsiva baseada nessa compreensão). O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes

[como sinal] de que o falante concluiu sua fala (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 29, destaques do autor).

O enunciado é, portanto, uma resposta que se origina a partir de um tema socialmente relevante. Seus limites e seu acabamento não se dão ao acaso, mas de acordo com as especificidades de cada sujeito que enuncia, do tema e do gênero discursivo no qual se organiza. Ele pode se dar por meio de uma palavra, ou até mesmo por grandes elaborações vinculadas a um campo de atividade humana que faz surgir gêneros complexos e enunciados gigantescos, que obedecem às leis específicas convencionadas de acordo com esta ou aquela esfera. Para Bakhtin,

[...] o direcionamento, o endereçamento do enunciado, é sua peculiaridade constitutiva sem a qual não há nem pode haver enunciado. As várias formas típicas de tal direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatário são peculiaridades constitutivas e determinantes dos diferentes gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 68).

Entendemos que Bakhtin, ao comentar o relativo acabamento do enunciado, busca apresentá-lo como um aspecto de natureza social, mas que também é condicionado pelos recursos estilístico-composicionais, uma vez que todo enunciado se constitui em um gênero do discurso, o qual determina um acabamento que lhe confere a sua relativa estabilidade de composição. Esta relativa estabilidade está voltada ao interlocutor, pois, até mesmo o acabamento é um fator que está para a organização da interação. Renfrew (2017), ao reportar-se às ideias de Bakhtin, acrescenta que

O enunciado está sempre ‘voltado para um interlocutor’ (...), não um interlocutor imaginário nem abstrato, mas uma pessoa concreta, que pode ser mais ou menos conhecida do falante, que pode ocupar uma posição superior ou inferior numa hierarquia profissional ou social, e assim por diante. Portanto, o sentido do enunciado não é determinado pelo sentido abstrato das palavras selecionado pelo sistema da língua, ou pela simples intenção expressiva do falante, mas pela totalidade dos elementos – verbais e extraverbais – presentes na ‘situação de fala’. De maneira semelhante, a forma do enunciado não é inteiramente determinada pelo falante, é antes um produto do processo concreto de ‘interação verbal’ (RENFREW, 2017, p. 88-89, destaque do autor).

De acordo com o próprio Volochínov (2013[1930]), uma simples palavra, ou uma mera expressão semiótica do corpo (como um aceno de cabeça) configuram um enunciado, pois este ato está impregnado de valoração e de expressividade por parte de um interlocutor, que agiu e continuará agindo com intencionalidade, a partir das convenções sociais propostas em seu ambiente social. Portanto, de acordo com Bakhtin,

[...] o enunciado pode ser construído a partir de uma oração, de uma palavra, por assim dizer, de uma unidade do discurso (predominantemente de uma réplica do diálogo), mas isso não leva uma unidade da língua a transformar-se em unidade da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 33).

As unidades da língua, os recursos de natureza gramatical e lexical, portanto, como já foi dito, são constituintes do enunciado, mas, ao adentrarem os seus limites, passam a receber o tom valorativo de quem enuncia e, posteriormente, a axiologia de quem o recebe, de quem entra em contato com este novo evento da comunicação dialógica.

É essencial, portanto, ressaltarmos, que na visão do Círculo, as formas da língua e sua natureza gramatical só fazem sentido se encaradas em enunciados concretos ou, ainda, como partes constitutivas de um todo orgânico, pois isoladas já não são mais enunciados, mas apenas palavras desprovidas de qualquer expressividade. Assim sendo,

Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por seu conteúdo semântico-objetal. A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, primeiramente, pelas tarefas (pela ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro elemento do enunciado que determina as suas peculiaridades estilístico-composicionais (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 46-47).

A interação discursiva é, por assim dizer, ininterrupta, porquanto novos enunciados estão a todo momento sendo acrescentados como “elos” (BAKHTIN, 2016[1952-53]) na interação discursiva, ou como “gotas” no rio da comunicação verbal (VOLOCHÍNOV, 2013[1930]), pois tais enunciados dialogam com todos os outros que o antecedem, os replicam e os refratam, de certa forma.

Esse fenômeno é o que se convencionou chamar em diversas áreas da linguística, a exemplo da Linguística Textual, **intertextualidade**. Porém, na perspectiva dialógica da linguagem, os enunciados revelam discursos e ideologias. Por isso, a relação que se evoca não se dá apenas entre textos, mas entre discursos, sendo, portanto, o termo **interdiscursividade (ou heterogeneidade discursiva)** mais próximo da teoria proposta pelos teóricos do Círculo. Atestamos isso em Bakhtin (2016[1952-53]), quando esclarece que “em realidade – repetimos –, todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 61).

A ideologia e o discurso são os elementos que evocam os temas sociais, expressos por meio de enunciados, sejam eles orais, escritos ou multimodais, a atitude do falante frente a esses temas. Ainda assim, existirá uma relação entre eles, isto é, um elo, pois relações interdiscursivas estabelecem o diálogo, uma vez que suscitam temas afins para constituir novos enunciados. Para Voloschinov e Bakhtin,

[...] cada enunciado nas atividades da vida é um entimema social objetivo. Ele é como uma “senha” conhecida apenas por aqueles que pertencem ao mesmo campo social. A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 8-9).

Assim, ao estudarmos o enunciado sob um viés dialógico, há de se levar em consideração o método sociológico proposto por Volochínov (2017[1929]), pois devemos entender, inicialmente, os fatores sociais que nele se imbricam para então analisarmos as formas da língua(gem) em conjunto a esses aspectos sociais. A seleção dos recursos linguísticos, gramaticais, lexicais e/ou semióticos nada mais são do que características enunciativas, uma vez que atendem às especificidades e aos propósitos interacionais dos interlocutores que selecionam tais recursos na constituição de seus enunciados.

Resumidamente, podemos dizer que todo enunciado, de acordo com os escritos do Círculo, é caracterizado por três elementos: a) a alternância de sujeitos na/da interlocução; b) sua conclusibilidade; e c) sua expressividade. A isso

acrescentamos o fato de que um dado enunciado não se constitui apenas de material verbal, mas por outras dimensões semióticas que foram convencionadas em determinados gêneros e em determinados campos da atividade humana. Para Rojo e Barbosa (2017),

Um texto ou enunciado é, como vimos, um dito (ou cantado, escrito, ou mesmo pensado) concreto e único, 'irrepetível', que gera significação e se vale da língua/linguagem para sua materialização, constituindo o discurso. Na era do impresso, reservou-se a palavra "texto" para referir os textos escritos, impressos ou não; na vida contemporânea, em que os escritos e falas se misturam com imagens estáticas (fotos, ilustrações) e em movimento (vídeos) e com sons (sonoplastias, músicas), a palavra 'texto' se estendeu a esses enunciados híbridos de 'novo' tipo, de tal modo que falamos em 'textos orais' e 'textos multimodais', como as notícias televisivas e os vídeos de fãs no YouTube (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 25).

Portanto, ao reportarmos-nos às palavras das autoras, percebemos que o enunciado acompanha o fluxo histórico e hoje se vale de inúmeras semioses para se constituir em diferentes momentos de enunciação. Quando olhamos para nosso objeto de pesquisa, temos enunciados próprios do momento histórico em que vivemos. A página "Quebrando o Tabu" não apenas suscita temas que estão em voga na sociedade, mas, também, seleciona recursos de natureza estilística que buscam estabelecer os propósitos interacionais. Isso também faz com que a natureza do gênero se constitua de diversas maneiras. Como todo enunciado manifesta-se nos parâmetros de um dado gênero do discurso e respeita sua constituição socialmente construída, passamos agora a esclarecer a concepção de gênero que subjaz os escritos do Círculo, bem como a deste estudo.

2.5 OS GÊNEROS DO DISCURSO: "OS TIPOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS DE ENUNCIADOS"

Os gêneros do discurso, no ideário do Círculo de Bakhtin, é um conceito bastante complexo, devido à relação que estabelece com os demais conceitos cunhados pelos próprios teóricos, como também, por pesquisadores contemporâneos que adotam a perspectiva dialógica da linguagem como guia para os estudos da linguagem. Bakhtin desenvolveu este conceito de forma mais aprofundada no ensaio "Os gêneros do discurso", escrito por volta de 1952-1953.

Dentro dos estudos dialógicos, entende-se que todo enunciado se reveste com as características de um determinado gênero do discurso, isto é, adota suas configurações estabelecidas sócio-historicamente, uma vez que os gêneros atendem às especificidades de sujeitos inseridos em um lugar social e histórico. De acordo com Bakhtin,

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade humana vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 12).

Na visão do autor, todo gênero do discurso está diretamente relacionado ao seu respectivo campo de atividade humana. Cada campo gera práticas de uso da linguagem bastante específicas que, em razão das interações das quais se valem os sujeitos nele inseridos, geram gêneros do discurso específicos e voltados para o estabelecimento de um propósito interacional. Nesse sentido, Bakhtin (2016[1952-53]), tendo em vista a noção de campos da atividade humana, opta por propor uma classificação de caráter metodológico, dividindo os gêneros do discurso em **simples** e **complexos** (primários e secundários).

Os gêneros **simples** ou **primários**, de acordo com o autor, são gêneros voltados às interações na vida cotidiana, na simplicidade interacional de falantes que não estão envolvidos com ou que não estão participando de nenhuma atividade especializada. Apesar de não ser uma regra, e isso é esclarecido pelo próprio Bakhtin, em *Os gêneros do discurso*, grande parte dos gêneros simples organizam-se e são registrados pelo uso da oralidade, embora possam aparecer no registro escrito. Se pensarmos em gêneros simples, temos, por exemplo, o bilhete, a conversa entre amigos, a lista de compras, a ordem de uma mãe para um filho, entre tantos outros.

Os gêneros **complexos** ou **secundários**, por outro lado, são mais elaborados, devido a sua inserção em campos da atividade humana mais especializados, que convencionaram certos usos da linguagem para o estabelecimento de propósitos discursivos específicos, tendo em vista os usuários da língua(gem). De acordo com Bakhtin (2016[1952-53]),

Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais

complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – o ficcional, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários, ao integrarem os complexos, nestes se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados reais (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 15).

Conforme explica o autor, cada campo de atividade humana especializado tem o seu próprio repertório de gêneros, que obedecem às especificidades do campo, bem como de outros elementos de sua dimensão social. Para exemplificarmos a noção de campos da atividade humana atrelada ao repertório de gêneros do discurso, o quadro a seguir sugere alguns dos vários gêneros do discurso relacionados aos seus respectivos campos da atividade humana, isto é, o jornalístico, o literário, o jurídico-político, o acadêmico e o publicístico (selecionados a título de exemplificação dentre tantos). Para a construção do quadro, reportamo-nos a gêneros sugeridos para o trabalho em sala de aula em documentos oficiais que regem o ensino da Língua Portuguesa, tais como os PCN (BRASIL, 1998) e a BNCC (BRASIL, 2017)³³.

Quadro 4: Os gêneros do discurso de campos de atividade humana complexos

Campo de atividade humana	Gêneros do discurso
<i>Campo jornalístico</i>	Telejornal, entrevista, artigo de opinião, carta do leitor, carta ao leitor, reportagem, editorial, notícia, artigo de divulgação científica, etc.
<i>Campo literário</i>	Romance, poesia, conto, poema, epopeia, haicai, conto de fadas, etc.
<i>Campo jurídico-político</i>	Petição, mandado, intimação, enquête de consulta pública, emendas, etc.
<i>Campo acadêmico</i>	Resumo, resenha, síntese, artigo científico, dissertação, tese, etc.
<i>Campo publicístico</i>	Propaganda, panfleto, outdoors, comercial, etc.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador, a partir de Bakhtin (2016[1952-53]) e documentos parametrizadores (BRASIL, 1998; 2017).

Cada campo, portanto, tem seus próprios modos de agir, suas próprias práticas, suas próprias interações e, conseqüentemente, seus próprios gêneros do discurso. Como são complexos, o sujeito que se insere em cada um desses campos precisa entender suas especificidades, tendo em vista que um gênero não é escolhido ao acaso, mas de acordo com a vontade discursiva dos integrantes da interação. De acordo com Bakhtin,

³³ Referimo-nos aqui aos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e à Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2017).

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos participantes, etc. Em seguida, a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gêneros. Tais gêneros sobretudo em todos os gêneros mais variados da comunicação oral cotidiana, incluindo o gênero mais familiar e o mais íntimo (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 37-38, destaque do autor).

Cada gênero do discurso, portanto, tem diferentes funções numa sociedade e num campo complexamente organizado. Estes gêneros carregam estilos de linguagem que vão depender da atitude de valor assumida pelo enunciador, que leva em consideração seu público alvo e, até mesmo, as possibilidades do que pode ou não ser dito, tendo vista seu lugar, seu momento histórico e seu campo de atividade humana específico. Esta perspectiva assumida é também defendida por Brait e Pistori (2012) ao explanarem que

O gênero emerge da totalidade concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço (BRAIT; PISTORI, 2012, p. 383, grifo das autoras).

Os gêneros são, assim, resultados de complexas interações ao longo da história da humanidade. Cada gênero nasceu e floresceu em um determinado campo da atividade humana. Sua forma e suas especificidades mudaram ao longo do tempo. Outros, por exemplo, deram origem a novos gêneros do discurso, muitos resultantes dos progressos tecnológicos e das mudanças paradigmáticas no escopo social.

Em síntese, todo gênero é convencionalizado, dado socialmente. De acordo com o próprio Bakhtin (2016[1952-53]), se tivéssemos que criar um novo gênero a cada nova interação, a comunicação humana seria praticamente impossível e, em alguns casos inexistente. Para Rojo e Barbosa, “os gêneros discursivos permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação. Nós os conhecemos e utilizamos sem nos dar conta disso. Mas, geralmente, se sabemos utilizá-los, conseguimos nomeá-los” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 17). Isso significa que os gêneros do discurso não são

apenas formas pelas quais interagimos, mas construtos sociais que estão consolidados nas práticas discursivas. Ainda, de acordo com as autoras, “[...] valemo-nos de vários gêneros discursivos – orais e escritos, impressos ou digitais – utilizados socialmente e típicos de nossa cultura letrada urbana (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 16)”.

É de especial importância também atentarmos para outra classificação de ordem metodológica, proposta por Bakhtin (2016[1952-53]), ao apresentar os gêneros predominantemente **orais** e os gêneros predominantemente **escritos**, muito embora, nesta pesquisa, lancemos mão da ideia de que os enunciados sejam **multimodais**. Como já comentamos inicialmente, os gêneros orais são aqueles que se registram na fala, principalmente na cotidiana. Os gêneros escritos, por sua vez, são aqueles em que os usuários interagem por meio de sistemas gráficos ou ideográficos, como por exemplo, o alfabeto (predominante na cultura ocidental do planeta). De acordo com Bakhtin (2016[1952-53]), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 11-12). Um gênero **multimodal**, seria, portanto, um gênero que se constituísse por múltiplas linguagens, a fim de estabelecer um enunciado em que imagens, movimentos e sons, por exemplo, dialogassem num todo enunciativo.

Embora os gêneros orais estejam predominantemente voltados para o diálogo cotidiano e para as práticas sociais de uso da linguagem de campos de atividade humana menos complexos, existem formas convencionadas complexas no registro oral. É o caso de uma aula expositiva em uma escola, que segue padrões socialmente cristalizados, ou de uma palestra com um professor numa universidade. São exemplos de gêneros orais com maior complexidade em que a oralidade, isto é, a fala é requisitada para que as interações sejam possíveis.

Da mesma forma, os gêneros de registro escrito, predominantemente, situam-se, de acordo com o que fora dito pelo próprio Bakhtin (2016[1952-53]), nos campos mais especializados, ou seja, complexamente organizados. Entretanto, novamente, existe a possibilidade de se usar a escrita nas atividades cotidianas e corriqueiras. Por exemplo, ao sairmos de casa com pressa, deixamos um breve bilhete aos nossos familiares, avisando onde estamos e quando voltamos. Necessariamente, este bilhete não precisa considerar a sistematização padronizada da escrita.

Rodrigues (2001), ao se basear na perspectiva dialógica da linguagem e na teoria dos gêneros do discurso para estudar, especificamente, o gênero “artigo”, reporta às dimensões constitutivas do gênero, isto é, à dimensão social e à dimensão verbal. Conscientes dos avanços tecnológicos e das múltiplas linguagens atuantes nos diferentes gêneros que circulam em nossa sociedade, o termo “verbal”, conforme já dito antes, não satisfaz os propósitos definidos para este trabalho. Por isso, buscamos em Brait (2004; 2013), o termo “verbo-visual”, que parece-nos ir ao encontro das múltiplas semioses que interagem nos diversos enunciados, com os quais agimos quotidianamente. Desta forma, reportamo-nos, neste estudo, à **dimensão social** e à **dimensão verbo-visual** (ACOSTA PEREIRA, 2008) dos gêneros do discurso.

Pautada em textos do Círculo, Rodrigues (2001) define *o horizonte espacial e temporal, o horizonte temático e o horizonte axiológico* como os aspectos constituintes da *dimensão social*. As nomenclaturas adotadas pela autora, porém, foram cunhadas por Voloschinov e Bakhtin (1926), no texto “Discurso na vida e discurso na Arte”, no qual os autores dedicam-se em apresentar uma análise acerca da poética sociológica. Para a constituição da dimensão verbal (neste trabalho, concebida como *verbo-visual*), a mesma autora adota termos cunhados por Bakhtin (2016[1952-53]) no texto “Os gêneros do discurso”. São eles: *o conteúdo temático, o estilo linguístico e a construção composicional*.

Dessa forma – e amparando-se no método sociológico – o estudo dos gêneros do discurso, na visão da autora, parte de uma dimensão social, uma vez que a partir da materialidade dos enunciados é possível identificar uma série de fatores sociais que o constituem como: o momento histórico, o local em que se situa a interação, o campo de atividade humana, os interlocutores, como os horizontes são tematizados do ponto de vista deste ou daquele lugar e momento histórico, a atitude valorativa dos enunciadoreis frente a estes temas socialmente relevantes, dentre outros aspectos.

Em seguida, após o estudo destes aspectos extraverbais, parte-se para a materialidade do enunciado, mas sem desvinculá-lo dos aspectos sociais constitutivos. Voloschinov e Bakhtin (1926) compreendem que

[...] a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, *a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da*

estrutura de sua significação. Conseqüentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida. É nesse sentido que o enunciado concreto pode ser comparado ao entimema (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 8, destaque dos autores).

De outro modo, podemos dizer que a análise de enunciados parte de um estudo sociológico-discursivo para, em seguida, voltar-se para sua organização interna, atrelada aos aspectos sociais que a determinam. Conforme esclarece Volochínov,

Cada enunciação da vida cotidiana – [...] – compreende, além da parte verbal expressa, também uma parte extra verbal não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 159).

Adotamos, portanto, a noção de Rodrigues (2001) para este estudo, tendo em vista a sua base teórica, isto é, os próprios escritos do Círculo de Bakhtin, e a sua corroboração com o método sociológico proposto por Volochínov (2017[1929]). Desta forma, nas próximas seções, esclarecemos, a luz da linguagem do Círculo e dos autores contemporâneos que dialogam com esta perspectiva, a **dimensão social** e a **dimensão verbo-visual** dos gêneros do discurso.

2.5.1 A dimensão social

A dimensão social dos gêneros do discurso, compreendida por Voloschinov e Bakhtin (1926) por contexto extraverbal, atrela, por assim dizer, aspectos sociais constitutivos dos enunciados. De acordo com os próprios autores,

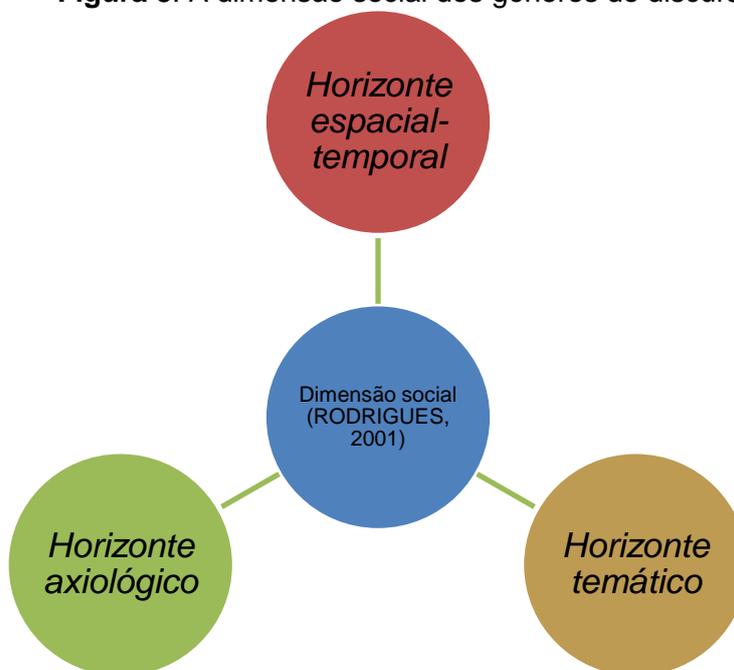
Este contexto extraverbal do enunciado compreende três fatores: 1) o *horizonte espacial comum* dos interlocutores (a unidade do visível – neste caso, a sala, a janela, etc.), 2) o *conhecimento e a compreensão* comum da situação por parte dos interlocutores, e 3) sua *avaliação comum* dessa situação (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 7, destaques dos autores).

Obviamente, a análise dos autores na época partiu do texto literário, tendo em vista o contexto histórico e o escopo teórico de caráter sociológico-filosófico em que estavam inseridos os autores. Tem-se na tríade proposta pelos autores o estudo do **horizonte espacial e temporal** (comum dos interlocutores), o **horizonte temático** (o

conhecimento comum da situação por parte dos interlocutores) e o **horizonte axiológico** (sua avaliação comum dessa situação).

Desta forma, podemos representar a dimensão social no diagrama que segue:

Figura 3: A dimensão social dos gêneros do discurso



Fonte: Elaborado pelo pesquisador, baseado em de Voloshinov e Bakhtin (1926) Rodrigues (2001; 2005), Acosta Pereira (2012), Brocardo (2015) e Costa-Hübes (2017).

Assim sendo, na análise que propomos do gênero “post em Facebook”, partiremos do **horizonte espacial e temporal** dos enunciados, quando poderemos questionar: *Em que momento/período histórico vivem os participantes do discurso? De que lugar (físico) falam?*

Ao relacionarmos o nosso objeto de estudo com o **horizonte espacial**, temos uma interlocução entre a página “Quebrando o Tabu” e os seus seguidores. Esses são os interlocutores que agem por meio dos enunciados vinculados nesta página do Facebook e que promovem a situação de interação por meio do gênero “post”, dentre outros. A página “Quebrando o Tabu”, portanto, foi o local em que ocorreram as interações que interessam para esta pesquisa. Conforme especificado anteriormente, a página configura-se de forma a aproximar-se das políticas progressistas, pois apresenta temas latentes socialmente voltados para um público marginalizado e, muitas vezes, que luta por melhores direitos em uma sociedade democrática.

Quanto ao papel social dos interlocutores, temos uma página moderada por diversas pessoas físicas, que se torna uma entidade social representativa e que busca

apresentar temas socialmente relevantes. O campo da atividade humana em que as interações estão inseridas é cotidiano, tendo em vista a linguagem corriqueira e o fácil acesso dos usuários à rede social “Facebook”, mas, ao mesmo tempo, pela forma como são apresentados os enunciados, o caráter da esfera jornalística se deixa transparecer. As características do campo jornalístico e a intercalação de gêneros fortemente presentes em tais enunciados revelam, por assim dizer, um caráter informacional e apresentação de valores jornalísticos, como o esclarecimento de fatos, por meio de uma linguagem altamente argumentativa.

O momento histórico, **horizonte temporal** dos enunciados, compreende o mês de setembro de 2018, período em que o Brasil viveu seu Sufrágio Universal para a eleição de representantes do poder legislativo e executivo e, como a Língua Portuguesa fora usada para a produção dos enunciados, e a maior parte dos interlocutores, isto é, os seguidores da página são brasileiros, o Brasil passa a ser o lugar (horizonte espacial) de fala de tais enunciadore. Por tratar das eleições, fica evidente que o momento histórico é diretamente influenciado pelo tema, uma vez que, no período recortado, os enunciados constituíram-se pela temática voltada às eleições. Porém, uma mídia social foi usada para a interlocução e para a mediação das interações. Portanto, **as telas de computadores, de tablets e de smartphones** tornam-se o suporte das práticas discursivas e o ciberespaço o real local das interações.

Ao tratarmos do **horizonte temático**, entendemos que este constitui-se no social, pois, nas palavras de Medviédev (2016[1928]), “O tema transcende sempre a língua. Mais do que isso, o tema não está direcionado para a palavra, tomada de forma isolada, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do enunciado como apresentação discursiva” (MEDVIÉDEV, 2016[1928], p. 196). Desta forma, o horizonte temático transcende as possibilidades de análise da língua, uma vez que não pertence apenas a um único enunciado isolado, mas a todo uma sociedade organizada. Se olharmos para o recorte temático de nosso *corpus* de pesquisa, percebemos que os temas mais suscitados na constituição dos enunciados, majoritariamente, são: política de caráter nacional e internacional, o feminismo, os direitos de grupos marginais da sociedade, tais como homossexuais, negros e nordestinos, além de doenças psiquiátricas do século XXI, responsáveis pelo suicídio de pessoas, em sua maioria, com idade inferior a trinta anos de idade. Cada um dos temas não aparece

individualmente em um enunciado. Todos são trazidos na constituição do enunciado, ainda que como interdiscursos.

Por último, tratamos do **horizonte axiológico**, que compreende as atitudes valorativas dos interlocutores frente aos enunciados. Tais atitudes são construídas a partir do arcabouço social e do tema em discussão. Diferentes temas suscitam diferentes atitudes valorativas, que também dependerão do horizonte espacial e temporal em que se encontram inseridos os atores da comunicação discursiva. Para Voloschinov e Bakhtin (1926),

Julgamentos de valor presumidos são, portanto, não emoções individuais, mas atos sociais regulares e essenciais. Emoções *individuais* podem surgir apenas como *sobretons* acompanhando o tom básico da avaliação social. O “eu” pode realizar-se verbalmente apenas sobre a base do “nós” (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 8, destaques dos autores).

Ao se contrapor às ideias propostas pelo Subjetivismo Individualista/Idealista, novamente, para tratar dos aspectos axiológicos, Voloschinov e Bakhtin pontuam a individualidade como não satisfatória para entender a globalidade das interações discursivas. Neste momento, os autores reconhecem a individualidade que se manifesta no “eu”. Mas, como participantes de determinadas práticas discursivas, podemos avaliar a situação, todavia, isso dependerá do lugar social em que estamos inseridos, de nossa alteridade e, principalmente, do gênero do discurso que medeia tal prática discursiva.

A escolha de um gênero e, posteriormente, dos próprios recursos estilístico-composicionais, é uma atitude valorativa. Um sujeito, ao enunciar a mais simples saudação, leva em consideração todo o seu horizonte social. Obviamente, suas individualidades serão também expressas, porém, esta se constrói a partir da vivência social e dos valores adquiridos ou apreendidos pelos falantes ao longo de suas vidas. Conforme Voloschinov e Bakhtin (1926),

[...] um julgamento de valor qualquer existe em sua totalidade sem incorporar-se ao conteúdo do discurso e sem ser deste derivável; ao contrário, ele determina a *própria seleção do material verbal e a forma do todo verbal*. Ele encontra sua mais pura expressão na entoação. A entoação estabelece um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal – a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 10, destaques dos autores).

O uso de um adjetivo para caracterizar uma pessoa, a construção de um gráfico para exemplificar os dados obtidos em uma pesquisa, ou a escolha da fonte em que um enunciado será redigido faz parte da atitude valorativa do enunciador, que coloca suas próprias expectativas, emoções e tons avaliativos para atingir seu propósito discursivo. O sujeito valora seu próprio enunciado, antes mesmo de sua exauribilidade e o faz por meio da seleção de **recursos linguísticos**, como o uso de adjetivos e advérbios, construções sintáticas específicas e escolhas de ordem lexical, por exemplo; e **semióticos**, tais como o esquema de cores, o movimento corporal, o tom da voz, as imagens selecionadas, entre outros.

O sistema da língua, na visão de Volochínov (2017[1929]), é limitado e não dá conta de explicar todos os fenômenos da interação discursiva. Como podemos construir tantos novos significados tendo um sistema limitado? – questiona o autor. Para Clark e Holquist, “[...] as mesmas palavras podem significar coisas diferentes dependendo da entonação particular com que são enunciadas em um contexto específico: a entonação é o som que o valor faz” (CLARK; HOLQUIST, 2008[1984], p. 37). Assim sendo, as palavras ganham novas significações e novos tons avaliativos, dependendo do julgamento de seus interlocutores, da atitude de valor que estes imprimem em seus enunciados.

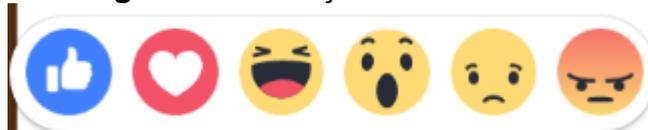
O posicionamento axiológico não é unilateral, ou seja, não corresponde a apenas uma das partes dos atores da interação. Da mesma forma que um enunciador, produtor de um dado enunciado, coloca suas expressões, emoções e entonações para a constituição deste mesmo enunciado, seu interlocutor reage ativamente, rechaçando, concordando total ou parcialmente, isto é, colocando suas próprias atitudes valorativas frente ao enunciado do outro, tendo em vista o horizonte social que se constitui em torno de ambos. Todavia, esses posicionamentos, de acordo com Volochínov, podem ser assim questionados:

Mas de onde extraí esse ponto de vista ‘pessoal’ se não dos pontos de vista daqueles com os quais estudei, cujas ideias tenho lido nos jornais e tenho escutado em encontros e conferências? E se eu refuto as opiniões do grupo social a que até agora pertencia, é somente porque a ideologia de outro grupo social começou a dominar minha consciência, preenchendo-a e obrigando-a a reconhecer a exatidão da realidade social objetiva que a gerou (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 165).

Já esclarecia Santaella (2014), que no Facebook, por exemplo, a configuração axiológica do interlocutor se manifesta por meio da ferramenta *curtir*. Ao reportarmos às palavras da autora e também, com base no *corpus* de análise levantado para este estudo, entendemos que a axiologia nas interações mediadas por esta rede social pode se dar de três formas principais: (1) por meio de **reações** (curti, amei, haha, uau, triste, grr); (2) por meio de **compartilhamento**, que formam novos enunciados nos microblogs dos seguidores da página; e, por último, (3) pela produção de enunciados-resposta do gênero “**comentário**”.

A avaliação dos interlocutores frente aos enunciados desta rede social, portanto, pode ser expressa pelos recursos dispostos na própria arquitetura da rede social (FUJISAWA, 2015)³⁴. Primeiramente, temos as reações, especificamente seis delas: *curti*, *amei*, *haha*, *uau*, *triste* e *grr*. A imagem a seguir busca apresentá-las tal como aparecem na própria rede, isto é, como símbolos semióticos não-verbais:

Figura 4: As reações no Facebook



Fonte: Facebook

Podemos dizer, então, que, embora limitados, tais recursos permitem aos usuários desta rede social valorar, de forma instantânea, os enunciados do gênero “post”, seja esta atitude de qualquer natureza. Tais reações foram inseridas na arquitetura do Facebook ao longo do tempo. Inicialmente, apenas a reação “curtir” era disposta para os usuários da rede. As demais foram introduzidas posteriormente e representam, em maior ou em menor grau, as atitudes de valor dos usuários frente ao conteúdo e a forma como tal conteúdo é concebido no enunciado do gênero “post”. A seguir, organizamos um quadro para sintetizar as reações como fenômeno axiológico:

³⁴ A arquitetura do *Facebook* foi estudada especificamente por Fujisawa (2015). A autora explora os aspectos constituintes da rede, tomando a teoria bakhtiniana para fomentar suas discussões. Todos os aspectos comentados por nós, considerados parte do horizonte apreciativo, são colocados pela autora como aspectos constituintes do todo arquitetônico da rede social.

Quadro 5: As diferentes reações como ferramentas axiológicas no *Facebook*

Símbolo	Denominação	Possível atitude valorativa
	Curtir	É a primeira forma de expressão valorativa do <i>Facebook</i> . É usada, de maneira geral, para expressar-se um tom valorativo expressivamente positivo , de concordância e de apreciação pelo enunciado postado por outro usuário ou por uma página específica.
	Amei	Assim como o “curtir”, a reação amei levanta uma atitude valorativa positiva por parte do usuário frente a um enunciado. Entretanto, o tom valorativo desta reação é muito mais expressivo do que aquele tom da primeira reação. Ao termos esta reação, deixamos claro ao nosso interlocutor que realmente apreciamos o conteúdo postado.
	Haha	Esta reação, especificamente, está relacionada ao riso ou à ironia e ao deboche por parte dos interlocutores. Ao usar esta ferramenta, o usuário mostra ter se divertido com o conteúdo e com o enunciado postado. Ainda, porém, o riso pode se tornar uma ironia ou desacordo com a atitude expressa em um dado enunciado. Se expressar de fato o riso de deleite, tratar-se-á de uma atitude positiva em relação ao tema postado. Caso trate-se de riso irônico, a atitude é negativa.
	Uau	A reação “uau” está relacionado ao vislumbre de um usuário em relação ao conteúdo postado. A reação surge, normalmente, quando o usuário descobre algo novo ou, até mesmo, quando uma bela imagem paisagística ou incomum é postada. Geralmente, demonstra uma atitude positiva em relação ao tema postado.
	Triste	O agir por meio da ferramenta “triste” indica uma atitude valorativa negativa e de desaprovação frente ao conteúdo do enunciado postado. Pode-se tratar de algo que está relacionado a uma tragédia, ou até mesmo a morte de alguém bastante representativo em seu respectivo campo da comunicação. Em geral, a reação “triste” é usada em menor escala, em relação às outras.
	Grr	Esta última reação de uma forma geral é também pouco usada pelos usuários, mas representa uma atitude valorativa altamente negativa frente aos enunciados postados. A reação representa uma reação de raiva e de total descontentamento . Pode-se averiguar o uso desta reação, por exemplo, quando um grupo social é atacado por meio de enunciados eivados de conteúdo racista, homofóbico, sexista, etc.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

As reações, porém, não são as únicas formas de demonstrar o horizonte axiológico frente aos enunciados postados. Os enunciadores podem ainda expressar suas atitudes valorativas por meio da produção de um novo enunciado do gênero “comentário”. O *Facebook*, em seu todo arquitetônico, disponibiliza espaço para que tais enunciados sejam produzidos. Aqui é de fundamental importância ressaltar que estes enunciados-resposta se constituem por meio de diferentes linguagens. Na grande maioria dos casos, os comentários realizam-se pelo uso de linguagem verbal. A mixagem com *emojis* passa a caracterizar um enunciado multimodal ou verbo-visual. Por fim, imagens e *gifs* com movimentos também são postados para constituir um novo enunciado-resposta, mas isso acontece em menor escala.

Por último, a atitude axiológica pode ser expressa por meio da ferramenta “compartilhar”. Cada usuário da rede social tem seu próprio microblog, denominado “timeline” (linha do tempo), no qual pode compartilhar fotos, pensamentos, vídeos, links que direcionarão a outros sites da internet. Entretanto, além de seu próprio conteúdo, o usuário pode “compartilhar” aquilo que fora inicialmente postado por outro usuário, ou por uma página que segue, para que seus amigos, familiares e colegas possam reagir, comentar e, até mesmo, compartilhar novamente.

Enfim, a dimensão social compreende o estudo destes aspectos que estão voltados para um contexto social mais amplo, tais como os interlocutores, seu ambiente social, o momento histórico, suas atitudes de valor frente a enunciados de um dado gênero e os temas que suscitam para a constituição de novos enunciados. Porém, esta dimensão social é o que Voloschinov e Bakhtin (1926) chamam de parte presumida. Esta parte presumida só é analisada se tomarmos o verbo-visual, isto é, aquilo que nos é dado. Por isso, na próxima seção buscamos apresentar o que entendemos por verbo-visual, sempre atrelando a natureza extraverbal do enunciado aos aspectos constituintes do gênero.

2.5.2 A dimensão verbo-visual

Tendo em vista a exposição que fizemos na última seção, isto é, os aspectos sociais do enunciado, passamos agora a esclarecer acerca da dimensão verbo-visual. Recorrendo às reflexões de Rodrigues (2001), a dimensão verbo-visual constitui-se do que Bakhtin (2016[1952-53]) convencionou chamar **conteúdo temático**, **estilo linguístico** e **construção composicional**, uma vez que estes aspectos estão

diretamente relacionado à teoria do gênero proposta pelo autor e apontam para uma análise de caráter linguístico do enunciado, obviamente, atrelada aos seus aspectos sociais constitutivos.

Ao pensarmos em nosso objeto de estudo, temos, majoritariamente, o conteúdo temático voltado para a política nacional, isto é, para as eleições do ano de 2018, pois, neste período, acontecia no Brasil o sufrágio universal para eleição do poder legislativo e executivo, ou seja, os brasileiros, naquele momento, elegeriam seu presidente, os 27 governadores das unidades federativas, senadores, deputados federais e deputados estaduais. Quanto ao estilo linguístico/semiótico, os enunciados se constituíram de imagens em movimento (vídeos), linguagem oral e escrita, como aspectos verbais e sons de diversas naturezas (música, efeitos sonoros, onomatopeias, etc.). Ainda, por último, a construção composicional mostrou-se reconfigurada por hiperlinks em sua constituição, provando que esses links, então, fazem parte da composição dos enunciados configurados neste gênero.

A dimensão verbo-visual dos enunciados, assim, se constitui de múltiplas faces semióticas, e não se define em um único conceito isolado, isto é, não apenas no conteúdo temático, no estilo linguístico/semiótico e na construção composicional, mas é afeta a todos, tendo em vista que se vale de todos e não apenas de um deles. O *conteúdo temático*, por exemplo, se manifesta por meio de movimentos e de imagens. Uma imagem pode ser tão representativa quanto as pistas linguísticas que nos fazem compreender o conteúdo temático. O *estilo*, por sua vez, é afetado pela seleção da fonte, pela seleção das cores, por imagens representativas e por movimentos específicos. Por último, a *construção composicional* dos enunciados, ao constituir-se em ambientes online, se vale de hiperlinks e formatação dos layouts, que também é afetada pelos diferentes modos de agir na hipermídia. Portanto, ao discorrermos acerca de cada um dos conceitos, será necessário manter um diálogo com as múltiplas semioses, por acreditar que estas múltiplas linguagens afetam diretamente cada um dos aspectos constituintes da dimensão verbo-visual.

Entendemos, assim, que dimensão verbo-visual de um enunciado pode ser representada, de acordo com a figura que segue:

Figura 5: A dimensão verbo-visual dos gêneros do discurso



Fonte: Elaborado pelo apresentador, baseado em de Bakhtin (2016[1952-53]), Rodrigues (2001; 2005), Acosta Pereira (2012), Brait (2004; 2013), Brocardo (2015) e Costa-Hübes (2017).

Tendo em vista esta discussão preliminar, passamos agora a discorrer acerca de cada um dos aspectos constitutivos da dimensão verbo-visual. Primeiramente, temos o **conteúdo temático**, que está relacionado diretamente com a forma com que o horizonte temático se revela em enunciados específicos, portanto, “o tema do enunciado é diferente, à medida que se diversificam as situações de interação” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 41).

Portanto, de acordo com Rodrigues (2001), “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo, sua orientação de sentido específica para com ele” (RODRIGUES, 2001, p. 43). Assim sendo, o conteúdo temático, em termos bakhtinianos, reflete e/ou refrata a realidade. Da mesma forma que o enunciado está orientado para uma situação específica de interação, que é determinada pelos fatores sociais, o conteúdo temático também está voltado para os diversos temas relevantes num escopo social. Para Rojo e Barbosa, “O tema é o sentido de um dado texto tomado como um todo, ‘único e irrepitível’, justamente porque se encontra viabilizado pela refração da apreciação de valor do locutor no momento de sua produção. É pelo tema que a ideologia circula” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 88).

Porém, cada um de nós, ao explanarmos um determinado conteúdo temático em nossos enunciados, colocamos nossas atitudes de valor, tendo em vista não

apenas nossa alteridade, mas também o campo de atividade humana e o cronotopo que nos cerca; apresentamo-lo de uma forma extremamente nova e significativa, dando ao enunciado um caráter ainda mais singular e irrepetível. De outra forma, algo é tematizado, de acordo com o horizonte espacial e temporal que circunda a interação como um todo. Rojo e Barbosa (2015) acrescentam que

O tema é o conteúdo inferido com base na **apreciação de valor**, na avaliação, no **acento valorativo** que o locutor (falante ou autor) lhe dá. É o elemento mais importante do texto ou do enunciado: um texto é todo construído (composto e estilizado) para fazer ecoar um tema (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 87, grifos das autoras).

Com base nos esclarecimentos apresentados pelas autoras, entendemos que a apreciação é que dá o real tom de como um tema se realiza em um dado enunciado. O tom valorativo, por sua vez, também está relacionado com a ideologia, portanto, cada enunciado expressa diferentes pontos de vista, de acordo com as escolhas axiológicas de seus autores. Em outras palavras, o conteúdo temático revela-se no enunciado, expressando a ideologia e o ponto de vista de quem o defende.

O **estilo linguístico/semiótico**, que trata dos recursos fraseológicos, lexicais, gramaticais e semióticos, são selecionados pelo autor de um dado enunciado para melhor estabelecer seus pontos de vista e sua posição axiológica e, assim, fazer ressoar o conteúdo temático (ROJO; BARBOSA, 2015). Cada gênero, ao respeitar as especificidades de seu respectivo campo da atividade humana, convencionou estruturas gramaticais e recursos semióticos específicos para sua constituição. De acordo com o próprio Bakhtin,

No fundo, os estilos de linguagem ou funcionais não são outra coisa senão estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação. Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 18).

Assim sendo, o campo de atividade humana jornalístico, por exemplo, se caracteriza por se valer de uma linguagem mais fluída e dinâmica do que a linguagem poética e emocional da esfera literária. É comum, no gênero “conto de fadas”, a escolha estilística “Era uma vez...”. Quando tratamos do “post”, observamos uma grande aplicação de períodos longos, dada a fluidez e a predominância da linguagem

oral do campo cotidiano. Além disso, por se tratar de um gênero multimodal, percebemos o uso de imagens e de movimento, principalmente pelo fato de o *corpus* desta pesquisa se constituir por vídeos, como recursos de estilo, típicos deste gênero. O gênero do discurso, por fim, tem estilo próprio.

Para Bakhtin (2016[1952-53]), entretanto, não existe apenas o estilo do gênero; há também o estilo individual do autor. Mesmo que cada um de nós esteja inserido em campos de atividade humana específicos, valendo-nos de gêneros também específicos para estabelecermos nossos propósitos interacionais, deixamos transparecer nos enunciados a estilística individual, que também está atrelada à forma como valoramos o conteúdo temático. Para o autor,

Em diferentes gêneros podem revelar-se diferentes camadas e aspectos de uma personalidade individual, o estilo individual pode encontrar-se em diversas relações de reciprocidade com a língua nacional. A própria questão da língua nacional na linguagem individual é, em seus fundamentos, uma questão de enunciado (porque só nele, no enunciado, a língua nacional se materializa na forma individual) (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 18).

Ainda, para Rojo e Barbosa (2015),

[...] a **forma de composição** e o **estilo** das letras vêm a serviço de fazer ecoar o **tema** do texto. O estilo são as escolhas linguísticas que fazemos para dizer o que queremos dizer ('vontade enunciativa'), para gerar o sentido desejado. Essas escolhas podem ser de léxico (vocabulário), estrutura frasal (sintaxe), do registro linguístico (formal/informal, gírias) etc. Todos os aspectos da gramática estão envolvidos (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 92, grifos das autoras).

Assim sendo, afirmamos mais uma vez que o estilo é um recurso diretamente relacionado ao conteúdo temático, uma vez que as escolhas estilísticas são ideológicas e expressam as atitudes de valor de um enunciador. Para Bakhtin (2016[1952-53]),

O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e – o que é de especial importância – de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com outros participantes da comunicação discursiva – com os ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra a unidade do gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 18).

Logo, cada grupo social e cada falante específico é dotado de estilo próprio. A mesma linguagem não é usada em diversas situações de interação. Enquanto pesquisadores de um programa de pós-graduação, não podemos nos valer dos mesmos estilos de linguagem dos quais nos valem em situações que nos encontramos como filhos, amigos, colegas de trabalho, etc.

De especial importância, é válido ressaltarmos que, na visão do Círculo, os estilos não se confundem unicamente com as unidades gramaticais e lexicais da língua. Nesta perspectiva assumida, podemos dizer que as unidades da língua fazem parte do estilo, mas não são seus únicos constituintes. Para Bakhtin,

Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já estamos diante de um fenômeno estilístico. **Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico** (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 22, o destaque é nosso).

Se enxergarmos uma determinada palavra ou até mesmo uma oração do ponto de vista de sua classificação habitual, ou, até mesmo, como uma simples estrutura no texto, estamos tratando de um fenômeno estruturalmente gramatical, mas, do ponto de vista dos estudos do Círculo, esta visão é simplista e não dá conta do real fenômeno estilístico. Para que se tenha uma análise verdadeiramente estilística dos componentes estilísticos dos enunciados, é necessário que enxerguemos estes recursos como produtos da interação entre sujeitos que agem por meio de enunciados concretos e vivos. O autor ainda ressalta que,

Quando escolhemos um tipo de oração, não escolhemos apenas para uma oração, não o fazemos por considerarmos o que queremos exprimir com determinada oração; escolhemos um tipo de oração do ponto de vista do enunciado *inteiro* que se apresenta à nossa imaginação discursiva e determina a nossa escolha (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 43, destaque do autor).

Uma escolha gramatical, portanto, não é apenas uma escolha de ordem estrutural, mas um ato estilístico, pois ela age no enunciado como um todo para estabelecer os propósitos discursivos de quem a usa. Desta forma,

A oração enquanto unidade da língua é desprovida da capacidade de determinar imediata e ativamente a posição responsiva do falante. Só depois de tornar-se um enunciado pleno, uma oração particular adquire essa capacidade. Qualquer oração pode figurar como enunciado acabado, mas, neste caso, é completada por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, que lhe modificam a natureza pela raiz (BAKHTIN, 2016[1952-53], p. 44).

As unidades da língua nada mais são do que classificações que convencionamos de acordo com suas funções estruturais, mas os recursos estilísticos são seleções embasadas em nossos valores, em nossas memórias, em nossas intenções. De outra forma, as escolhas gramaticais estão para a compreensão de língua enquanto sistema, enquanto o estilo está para uma compreensão de língua enquanto fenômeno de natureza sócio-histórica, que se manifesta, portanto, em um enunciado de um gênero. Para Volochínov (2013[1930]), portanto, “a orientação social é uma das forças vivas organizadoras que, junto com a situação da enunciação constituem não só a forma estilística mas também a estrutura puramente gramatical da enunciação” (VOLOCHÍNOV, 2013[1930], p. 169).

Completando a dimensão verbo-visual, temos, por último, a **construção composicional**, que trata da forma como os enunciados se organizam. Cada gênero apresenta uma construção composicional específica, fluída e dinâmica, isto é, “relativamente estável”. A natureza fluída e dinâmica da construção composicional se dá, principalmente, em virtude do estilo autoral já discutido. Assim como o enunciador está livre para colocar seus estilos individuais em seus enunciados, sua constituição e organização também estará direcionada para estabelecer seus propósitos interacionais. Costa-Hübes (2017) esclarece que

Geralmente, a maneira como os textos-enunciados se organiza, seu plano textual, aponta para a identificação do gênero. Todavia, nem todos os gêneros são, assim, tão facilmente identificáveis, devido à sua plasticidade. **Embora a construção composicional esteja, de alguma forma, relacionada à estrutura formal do gênero, não podemos aprisioná-la em formas estruturais rígidas, haja vista que todo gênero se organiza dentro de uma dimensão fluída e dinâmica**, tendo em vista o próprio estilo que o autor pode lhe conferir, dentro dos limites instáveis do contexto (COSTA-HÜBES, 2017a, p. 566, grifo nosso).

A construção composicional pode contribuir para identificarmos o gênero, porém, somente ela, em si, não é suficiente para a identificação deste. Devemos atentar para o fato de que o gênero não é uma forma, mas uma organização que, acima de tudo, acontece, tendo em vista os fatores sociais. Rojo e Barbosa (2015) ainda concluem observando a ‘exauribilidade’ da qual fala Bakhtin (2016[1952-53]), que consiste na finalização, ainda que temporária, de um dado enunciado, para que se possa passar a palavra ao outro, tendo em vista a natureza dialógica da linguagem e o eterno diálogo mantido entre os interlocutores de um dado grupo social. Para as autoras, portanto,

[...] [A construção composicional] é a **organização** e o **acabamento** do todo do enunciado, do texto como um todo. Está relacionada ao que a teoria textual chama de ‘(macro/super)estrutura’ do texto, à progressão temática, à coerência, e coesão do texto. Como vimos, estas formas de acabamento servem para marcar fronteira do enunciado e passar a palavra ao outro (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 94, grifo das autoras).

Sendo assim, a construção composicional diz respeito à estrutura que convém ao gênero. Entretanto, essa estrutura não é rígida e obrigatória. Ela diz respeito à forma como os diversos enunciadores organizaram seus enunciados tendo em vista os campos de atividade humana em que estão inseridos, seus respectivos momentos históricos e lugares de fala, bem como sua alteridade, isto é, seus interlocutores. Portanto, a construção composicional nada mais é do que a organização orgânica, socialmente e historicamente construída do enunciado, tendo em vista a esfera à qual se filiam determinados gêneros do discurso.

Passamos agora a discutir a perspectiva dos multiletramentos no próximo capítulo e as diversas linguagens que constituem os enunciados que se realizam em um gênero do discurso.

3 A CULTURA DIGITAL E OS NOVOS MULTILETRAMENTOS EM CONSONÂNCIA COM A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

Um letramento é sempre um letramento em algum gênero
(Jay Lemke)

Ao estudarmos os gêneros do discurso, inseridos na perspectiva dialógica de Bakhtin, percebemos a grande aproximação dos conceitos com os estudos dos Letramentos, uma vez que o gênero é a entidade que medeia as interações sempre que há uma prática de letramento socialmente situada. É nisso que reside as palavras de Lemke (2010) na epígrafe acima, que toda prática de letramento só existe em um gênero do discurso.

Amparados em tais pressupostos, neste capítulo, objetivamos refletir sobre os estudos dos Letramentos, na sua relação com a natureza sócio-histórica presente na linguagem do Círculo. Para tanto, na primeira seção, intitulada “**A cultura digital e os modos históricos estabelecidos na história da humanidade**”, amparados em Santaella (2003), descrevemos os processos tecnológicos, que culminaram nas tecnologias que temos dispostas nos dias atuais. Em seguida, na seção “**Os Letramentos e os Novos Letramentos**”, apresentamos algumas considerações iniciais acerca destes estudos, tendo em vista a proposta de autores que dialogam com a perspectiva, para introduzir a última seção, “**Os multiletramentos**”, na qual discorreremos acerca dos conceitos centrais: a multiculturalidade e a multimodalidade/multissemiótica.

3.1 A CULTURA DIGITAL E OS MODOS ESTABELECIDOS NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Recentemente, a noção de Bakhtin acerca dos gêneros orais e escritos é, de certo modo, extrapolada, tendo em vista a natureza multissemiótica dos enunciados. Apesar de não se ater especificamente a enunciados de natureza multissemiótica, Bakhtin (2010[1928]) já antecipava e mostrava clareza acerca das múltiplas linguagens que se unem aos enunciados, quando esclarece que “as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística” (BAKHTIN, 2010[1928], p. 211). Entretanto, as múltiplas faces semióticas dos enunciados não foram estudadas de forma

aprofundada pelo Círculo. Essa tarefa ficou a cargo principalmente de autores contemporâneos, em sua maioria, inseridos no campo da LA.

Santaella (2003), por exemplo, de um ponto de vista semiótico da ciência, cunhou cinco grandes fatores históricos, os quais relacionou a momentos de manifestação cultural. São eles: *a cultura oral*, *a cultura escrita*, *a cultura impressa*, *a cultura midiática* e *a cultura digital*. A autora defende que a primeira forma de interação e a mais primitiva de toda a história da humanidade é a **cultura oral**, tendo em vista que os primeiros humanos interagem, principalmente, pela fala e pela oralização, mesmo quando se tinha o campo literário. Exemplo disso é caso dos gêneros literários, propostos por Aristóteles: o lírico, o épico e o dramático (ROJO; BARBOSA, 2015).

Em seguida, de acordo com Santaella (2003), os seres humanos criaram diversas formas de representação gráfica da fala, o que se conhece comumente por “**escrita**”. Exemplos disso são as tábuas pictográficas das civilizações antigas, a escrita cuneiforme e a própria invenção da escrita alfabética, que é largamente usada por vários povos, principalmente das sociedades ocidentais. Mesmo a escrita tendo surgido com as grandes civilizações antigas (Egito, Pérsia, Mesopotâmia, etc.) e com as civilizações clássicas (Grécia e Roma), a linguagem semiótica é mais antiga do que a escrita. Povos pré-históricos, por exemplo, já criavam sequências narrativas, representando suas vidas, por meio de desenhos em paredes de cavernas, observáveis, por exemplo, em estudos de arqueologia antiga. Significa, portanto, dizer que as imagens e as cores já faziam parte da constituição dos enunciados muito antes da invenção da escrita.

Por seguinte, temos a **cultura impressa**, que surgiu, segundo estudos de Santaella (2003), com a invenção da imprensa de Guttenberg. Podemos dizer que gêneros bastante importantes se despontam nesse momento, pois a imprensa é a consolidação do campo de atividade humana jornalístico. Mesmo muito primitivo, as diversas linguagens começam a interagir para formar o todo do enunciado. A seleção de recursos linguísticos e tipográficos, a seleção da fonte e de cor de impressão são grandes marcos plurisemióticos desse momento.

O grande diálogo entre elementos de diversas linguagens se deu, de fato, no momento da **cultura midiática**, que se consolidou no momento da revolução industrial, uma vez que o avanço tecnológico possibilitou a criação de veículos de comunicação como o rádio e a televisão. Também, no início do século XX, o cinema

passou a fazer parte da vida da população dos grandes centros urbanos. Assim sendo, a imagem, o som e o movimento passaram a agir num todo enunciativo para fazer sentido.

Por último, dado o momento histórico emergente em que nos inserimos, as relações entre sujeitos começaram a se dar por meio de novas mídias. Esta última etapa é denominada por Santaella (2003) por **cultura digital**. Outros autores preferem o termo cibercultura³⁵ (LÉVY, 1999). A hipermodernidade, por assim dizer, trouxe novos recursos e novas formas de interação no ciberespaço. Não apenas imagens, sons, vídeos, movimentos, escrita e fala, mas por diferentes modos de ação. As mídias sociais, como o *Facebook*, permitem aos seus usuários a replicação, o compartilhamento, a ação, a criação de comentários, apresentando diferentes modos de agir no ambiente *ciberespacial*. Entendemos, assim como Rojo (2012), que a hipermodernidade nos trouxe variadas modos de agir nos ambientes multimídia.

Ao considerarem os momentos históricos propostos por Santaella (2003), Rojo e Moura (2019) propõem o seguinte quadro:

³⁵ Para Santaella (2003), “fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e difusão da informação impulsionada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e de cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura” (SANTAELLA, 2003, p. 60).

Quadro 6: Cinco eras culturais das mídias

Cinco eras culturais das mídias			
<i>Eras Culturais</i>	<i>Mídias</i>	<i>Tecnologias comunicacionais</i>	<i>Semioses</i>
Cultura Oral	Aparelho fonador/ondas sonoras		Línguas orais
Cultura Escrita	Paredes/Tabuinhas de barro/rolo/códex	Diversos instrumentos de gravura	Línguas Escritas/Iluminuras
Cultura Impressa	Impressos	Prensa/litografia/impressão offset/impressão digital/Gramofone/rádio/rádio-vitrola/projetores-telas-filmadoras/televisores analógicos	Línguas escritas/imagens estáticas
Cultura das massas/cultura midiática	Rádio Cinema TV Videogames/videoclipes Filmes em vídeo TV a cabo	Fotocopiadoras/Videocassetes/Videogravadores/Gravadores de áudio/ <i>Walkman/Walktalk</i> /Fitas K-7 e VHS	Línguas Orais e escrita/música/imagens estáticas e em movimento
Cultura Digital	Computadores/ <i>tablets/laptops</i> /celulares/TV digital	Programas/software/ <i>apps</i> de edição e reprodução de texto, áudio, imagem e vídeo	Línguas Orais e escrita/música/imagens estáticas e em movimento

Fonte: adaptado de Rojo e Moura (2019)

Rojo e Moura (2019), ao considerarem os estudos de Santaella (2003), resumem neste quadro as diversas semioses advindas das diferentes eras culturais e nos mostram que são muitas as formas de agir neste último momento cultural da sociedade. Entendem também que o que temos hoje, como ferramenta de interação, é um construto histórico e social que não foi constituído a partir de agora, mas de um longo processo que envolve os cinco mil anos da história de nossa existência humana.

Passamos agora, a discutir acerca do conceito de Letramento, em que a noção da escrita era bastante cara aos autores que discorreram acerca deste primeiro momento da teoria.

3.1 O(S) LETRAMENTO(S) E O(S) NOVO(S) LETRAMENTO(S)

Os estudos do(s) letramento(s), a princípio, “Letramento”, teve suas origens, principalmente em países anglófonos. Os pesquisadores, na época, preocupavam-se, especialmente, com o fracasso escolar, que se dava principalmente por uma leitura

não-crítica de textos cotidianos. No Brasil, a palavra “Letramento” foi usada pela primeira vez por Kato (1987), para traduzir o termo em língua inglesa “literacy”.

Daí, portanto, iniciou-se um grande debate causado pela dualidade da tradução do termo, isto é, “alfabetização” e “letramento”. **Alfabetização** comumente é vista pelos pesquisadores como o conhecimento do código da língua, isto é, as convenções linguísticas formais e os aspectos sistemáticos da língua dos quais se apropria o usuário ao longo de sua formação escolar. De outro modo, alfabetização é tida como a apropriação do código linguístico, principalmente, no que tange a escrita alfabética (ROJO, 2009). Nas palavras de Rojo (2010),

Alfabetizar-se pode ser definido como a ação de se apropriar do alfabeto, da ortografia da língua que se fala. Isso quer dizer dominar um sistema bastante complexo de representações e de regras de correspondência entre letras (grafemas) e sons da fala (fonemas) numa dada língua; em nosso caso, o português do Brasil (ROJO, 2010, p. 23).

Porém, o termo **letramento** diferencia-se por tratar de um processo mais abrangente que leva em consideração as práticas sociais de uso da linguagem, isto é, não apenas o conhecimento da escrita alfabética ou de seus recursos formais, mas de uma língua viva que se organiza para a interação com o outro e para os diversos agires numa sociedade, cuja a escrita é uma das principais fontes de produção de enunciados. Em seguida, tem-se, portanto, o problema do letramento relacionado às práticas de linguagem voltadas para a escrita e para a compreensão por meio da leitura.

Esta noção de letramento, a princípio, vai ao encontro da noção de alfabetização proposta pelo educador brasileiro Paulo Freire, que, ao analisar criticamente o contexto de ensino no Brasil, opõem-se ao que chamou “educação bancária”, que consiste no depósito de informações e conhecimentos nem sempre relevantes e verossímeis com a realidade vivida pelos educandos. A alternativa proposta por Freire consiste num processo “libertador”, levando a sala de aula para um contexto mais significativo que contribuísse para uma melhor preparação dos educandos, tendo em vista sua inserção como sujeitos sócio-historicamente situados. O autor esclarece que

Na concepção “bancária” que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a educação bancária mantém e estimula a contradição (FREIRE, 1981[1968], p. 67).

O autor defende, portanto, que o acesso à escrita não se limite aos aspectos meramente de conhecimento do código da língua, mas que este seja um instrumento que auxilie na reflexão do sistema que oprime o educando. A mesma ideia, mais tarde, é reforçada pelo Grupo de Nova Londres (2006[1996]) e por Cope e Kalantzis (2009) ao refletirem sobre a forma tradicional de se ensinar a Língua. Os autores defendem que o método tradicional que consistia na memorização, por parte do aluno, de representações simbólicas (escrita) do sistema fonético-fonológico (sons) de uma dada língua, não era significativo, pois tal método não compreende o mundo que circunda a vida do educando. De outro modo, podemos entender que há uma grande aproximação entre a pedagogia freireana, a pedagogia dos multiletramentos e a linguagem dialógica do Círculo de Bakhtin, pois mesmo os autores do Círculo compreendem a linguagem em sua amplitude, tendo em vista seus aspectos estilístico-composicionais situados numa interação com horizontes sociais e apreciativos agindo para que ela ocorra. Freire (2014[1979]) ainda salienta que

É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência deste estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada. Quer dizer, é capaz de intencionar sua consciência para a própria forma de estar sendo, que condiciona sua consciência de estar (FREIRE, 2014[1979], p. 19).

Deste modo, existe uma diferenciação entre os conceitos de alfabetização e letramento no contexto brasileiro de pesquisa e, portanto, novos termos, como *analfabetismo*, *alfabetismo* e *analfabetismo funcional*³⁶ tornam-se recorrentes, principalmente, por servirem de base para os principais exames que visam mensurar

³⁶ Por não tratarmos destes conceitos especificamente no trabalho, não os esclareceremos. Apenas suscitamos a noção de alfabetização para esclarecer a dualidade entre este conceito e o conceito de letramento, na perspectiva brasileira de pesquisa. Entendemos, portanto, que há um processo histórico que atravessa os estudos do Letramento, os Novos Estudos do Letramento, até chegarmos aos Multiletramentos.

quantitativamente o nível de escolarização no país, tais como O INAF³⁷, a Prova Brasil e o Exame Nacional do Ensino Médio (ROJO; MOURA, 2019). Os conceitos dependem diretamente do período histórico do qual se fala. Por anos, a alfabetização foi tida como o saber assinar o próprio nome.

Para os Novos Estudos do Letramento (NEL), as práticas de Letramento não se remetem apenas ao letramento escolar. Muitas outras práticas, inclusive as não prestigiadas pela escola e pela sociedade são práticas que circundam o contexto em que vive o aprendiz de uma dada língua. Neste momento, os estudiosos não chamam mais “*Letramento*” e sim “*Letramentos*”³⁸, no plural, uma vez que são múltiplas as possibilidades de uso da linguagem, em diversos contextos de interação (ROJO, MOURA, 2019). Para Mattos (2014),

Os novos letramentos abarcam uma noção de linguagem como prática social e a compreensão de que é necessário proporcionar o desenvolvimento do senso crítico dos cidadãos/alunos, permitindo questionar, analisar e contestar as relações de poder existentes, com vistas a provocar mudança social (MATTOS, 2014, p. 103).

Os NEL, portanto, concebem toda forma de interação, da mais cotidiana até a mais complexamente organizada, como formas de interação preche de atenção e estudo. Mesmo não dominando a escrita, os sujeitos podem se envolver em práticas de Letramento. Ao pegar um ônibus, ao postar uma foto *online*, ao conversar com o atendente do supermercado, os sujeitos estão envolvidos por **práticas de letramentos** que, conforme Barton e Lee (2015),

[...] são um conceito-chave para os pesquisadores de *estudos do letramento*. O conceito engloba as formas práticas de utilizar a leitura e a escrita, mas também inclui, de modo crucial, os sentidos situados na base das práticas. A noção de ‘práticas’ é importante na medida em que é tanto empírica e próxima de dados quanto, ao mesmo tempo, invoca uma teoria e ajuda a ligar atividades a conceitos mais amplos. Práticas de letramento são constituídas por atividades específicas e, ao mesmo tempo, fazem parte de processos sociais mais amplos (BARTON; LEE, 2015, p. 40, destaque dos autores).

³⁷ O INAF trata do Índice de Alfabetismo Funcional e é aplicado pelo Instituto Paulo Montenegro com jovens e adultos de idade entre 15 a 64 anos. O objetivo é analisar a qual o índice de alfabetização de cada um dos participantes.

³⁸ Ainda que corroborem com esta ideia, estamos cientes de que alguns autores inseridos no campo dos estudos do(s) letramento(s) não compactuem com tal ideia e prefiram o uso do termo “letramento”, no singular.

Portanto, as práticas de letramentos estão relacionadas às interações discursivas estabelecidas pelos sujeitos sócio-históricos, uma vez que a linguagem é o meio do qual se valem os enunciadores para interagirem em seus cotidianos. Práticas de Letramento compreendem, assim, situações específicas em que o ser organiza seus enunciados em um dado momento para estabelecer vínculos com outros sujeitos, interagindo de forma profícua, tendo em vista seus auditórios sociais.

Toda prática de letramento é diretamente relacionada a uma **agência de letramento**, que são órgãos ou instituições sociais responsáveis por organizar as práticas de letramento. Para Baltar, Cerutti-Rizzatti e Zandomenego (2011),

Para os NLS [New literacy studies, em português Novos Estudos do Letramento], o fenômeno do letramento é sempre socialmente situado (em uma esfera da sociedade: família, escola, universidade, trabalho) e condicionado por aspectos socioeconômicos, históricos, culturais, políticos e educacionais. Desse modo, os processos de letramentos têm sempre uma dimensão social, decorrente dos fatores e das convenções sociais que regulam as práticas discursivas em determinada esfera; e uma dimensão individual, decorrente da história e das experiências de vida de cada indivíduo que atua ou pretende atuar numa determinada esfera (BALTAR; CERUTTI-RIZZATTI; ZANDOMENEGO, 2011, p. 25-26).

Nesse sentido, portanto, temos como agências de letramento: escolas, igrejas, família, comércio, editoras, empresas, locais de trabalhos variados, etc. Os autores, ainda, mencionam as “esferas da atividade humana”, um conceito que aproxima os estudos do NEL da teoria do Círculo, pois as esferas têm o caráter de regulamentar e propor padrões aos enunciadores que nela se inserem. Neste caso, as agências de Letramento, aproximam-se do que Bakhtin (2016 [1952-53]) e Volochínov (2017[1929]) chamam de campo de atividade humana. Os campos, por sua vez, apresentam um repertório de gêneros do discurso para fomentar as interações que se dão em diferentes contextos. Eis, então, a noção de que toda prática de letramento só existe em um gênero.

Passamos, agora, a discorrer sobre os preceitos do Grupo de Nova Londres, que apresentaram um manifesto para contribuir com as ideias dos letramentos nos ambientes digitais e multimídia, ou seja, o foco deste trabalho.

3.2 OS MULTILETRAMENTOS

Pesquisadores da Austrália, Estados Unidos e Inglaterra, nos anos de 1990, preocuparam-se não apenas com a não eficácia dos processos de aquisição da cultura escrita e dos processos de letramentos escolares, mas, também, com os avanços tecnológicos das mídias, trazidos pela hipermodernidade, que estavam distantes das escolas e dos conhecimentos das práticas cotidianas comuns. Além disso, observaram que poucos eram aqueles que tinham acesso aos bens de consumo deste novo paradigma tecnológico.

Tais pesquisadores reuniram-se na cidade de Nova Londres, nos Estados Unidos, para discutir acerca de tais avanços e de como estes afetavam a vida das pessoas envolvidas por práticas de letramento, seja escolar ou relacionadas a outras áreas, principalmente, aquelas que os autores denominaram, “do trabalho”. Foi essa preocupação que delineou os objetivos de sua reunião:

Primeiro, queremos estender a ideia e o escopo da pedagogia do letramento para dar conta do contexto de diversidade cultural e linguístico e a crescente sociedade globalizada, para culturas multifatoriais em que os textos inter-relacionados circulam. Segundo, argumentamos que a pedagogia do letramento agora deve dar conta de uma variedade florescente de formas textuais associadas à informação e às tecnologias multimídia (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996], p. 61, a tradução é de nossa responsabilidade)³⁹.

Como resultado dessa discussão e do conceito de pesquisa vivido por cada um dos pesquisadores envolvidos, em 1996, uma primeira edição do texto “Pedagogia dos Multiletramentos” (em inglês, “*A Pedagogy of Multiliteracies*”) foi publicado para que se esclarecesse e se estabelecesse um possível trabalho que, no futuro, pudesse contribuir para a constituição de currículos escolares, com o problema das mudanças aceleradas e de como lidar com tais mudanças. Assim sendo, os pesquisadores que publicaram este manifesto ficaram conhecidos como “Grupo de Nova Londres” (em

³⁹ *First, we want to extend the idea and scope of literacy pedagogy to account for the context of our culturally and linguistically diverse and increasingly globalized societies, for the multifarious cultures that interrelate and the plurality of texts that circulates. Second, we argue that literacy pedagogy now must account the burgeoning variety of text forms associated with information and multimedia technologies (NEW LONDON GROUP, 2006[1996], p. 61).*

inglês, *New London Group*). Assim, portanto, foi cunhado o termo “multiletramentos” (em inglês, “*multiliteracies*”), que é explicado pelos próprios pesquisadores:

Decidimos que o resultado de nossa discussão poderia ser encapsulado em uma palavra – multiletramentos – uma palavra que escolhemos para descrever dois pontos importantes que deve-se à imersão cultural, institucional e à ordem global: a multiplicidade de canais de comunicação e mídias e a saliência crescente de diversidade linguística (GRUPO DE NOVA LONDRES, 1996[2006], p. 63, a tradução é de nossa responsabilidade)⁴⁰.

Conforme explanado pelos próprios autores, o conceito de multiletramentos tem suas relações com a teoria dos letramentos, uma vez que vários autores inseridos no Grupo de Nova Londres eram pesquisadores deste campo dos letramentos. Porém, acrescenta-se a este estudo a ideia de multiculturalidade e a ideia de que as interações discursivas se davam por meio de enunciados eivados de múltiplas faces semióticas. Esta mesma visão é apresentada por Rojo (2012), ao defender que

Diferente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não se faz senão apontar para uma multiplicidade de variedades das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (ROJO, 2012, p. 13, destaques da autora).

Neste sentido, o prefixo “multi”, empregado pelos autores, contempla os diferentes meios culturais e de linguagem dos quais se valem os sujeitos para constituírem-se em suas práticas sociais, isto é, retrata as diferentes culturas, além das múltiplas linguagens presentes nos ambientes espaciais, como, o som, a imagem, as cores, o movimento, etc. Logo, dois conceitos despontam-se no/do ideário de Nova Londres: a **multiculturalidade** e a **multimodalidade**.

A **multiculturalidade** está relacionada à multiplicidade cultural que se manifesta nos discursos/nos enunciados produzidos por sujeitos naquela ou noutra prática de letramento. Apesar de muitos sujeitos estarem inseridos no ambiente digital,

⁴⁰ *We decided that the outcomes of our discussions could be encapsulated in one word – multiliteracies – a word we chose to describe two important arguments we might have with the emerging cultural, institutional, and global order: the multiplicity of communications channels and media, and the increasing saliency of cultural and linguistic diversity* (NEW LONDON GROUP, 2006[1996], p. 63).

suas diferentes culturas e suas variadas formas de agir e de pensar refletem-se nos enunciados produzidos. Observou-se, por parte do Grupo de Nova Londres, que a cultura popular, aquela advinda dos grupos marginais da sociedade, de uma forma geral, estava em desprestígio, mesmo com o acesso à tecnologia e com a inserção de muitos nos ambientes digitais.

Rojo (2012), ao trabalhar com o conceito de multiculturalidade, proposto pelos autores de Nova Londres, esclarece que

Essa visão dessencializada de cultura(s) já não permite escrevê-la com letra maiúscula – **A** Cultura –, pois não supõe simplesmente a divisão entre culto/inculto ou civilização/barbárie, tão cara à escola da modernidade. Nem mesmo supõe o pensamento com base em pares antiéticos de culturas, cujo segundo termo pareado escapava a esse mecanicismo dicotômico - cultura erudita/popular, central/marginal, canônica/de massa – também esses tão caros ao currículo tradicional que se propõe a ‘ensinar’ ou apresentar o cânone ao consumidor massivo, a erudição ao populacho, o central aos marginais (ROJO, 2012, p. 13-14, destaque da autora).

O que percebemos é que há um embate acerca da visão de cultura na sociedade. Principalmente, nos contextos escolares, privilegia-se o clássico em detrimento do popular, o central em detrimento do marginal, o cânone em detrimento do massivo, excluindo-se, portanto, grande parte da sociedade, que, em sua maioria, não tem acesso às práticas de letramento prestigiadas socialmente. Essa quebra de paradigma com as novas tecnologias, conforme explanada pelos autores de Nova Londres, poderia, na visão dos pesquisadores, trazer um novo paradigma também do ponto de vista sociocultural: a valorização das diferentes culturas da sociedade hipermoderna. Assim sendo, os autores corroboram a ideia de que

[...] mudanças radicais estão ocorrendo na natureza pública, na comunidade e na vida econômica. Um forte senso de cidadania parece dar forma a uma fragmentação local e as comunidades estão apresentando-se cada vez mais como grupos subculturais definidos (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996], p. 61, a tradução é de nossa responsabilidade)⁴¹.

⁴¹ [...] *radical changes are occurring in the nature of public, community, and economic life. A strong sense of citizenship seems to be giving a way to local fragmentation, and communities are breaking into ever more diverse and subculturally defined groupings* (NEW LONDON GROUP, 2006[1996], p. 61).

As ideias advindas de Nova Londres corroboram o objeto de nossa pesquisa, uma vez que a página “Quebrando o Tabu” trabalha com enunciados concretos que visam estabelecer diálogos com grupos marginalizados socialmente, a fim de dar voz e visibilidade para as causas dos grupos minoritários. E que grupos sociais seriam esses? Comunidade *queer*, feministas, ativistas do movimento negro, ativistas de grupos que lutam contra a xenofobia, seja ela provida aos imigrantes, ou até mesmo por membros locais desprestigiados, o que acontece com os nordestinos no Brasil. Ao tratarmos do tema “política” nos enunciados selecionados para o nosso estudo, percebemos que este engloba, em certa medida, todos os debates dos grupos marginalizados. Tais debates e temas são próprios deste momento histórico em que vivemos, denominado hipermodernidade. O resultado disso tudo é que as múltiplas culturas, embora marginalizadas, manifestam-se nos ambientes digitais e têm seu espaço de voz, o que demonstra que a noção de Nova Londres era assertiva, pois

Ao invés de um testemunho cultural e um padrão nacional, o reino do cívico é um espaço para a negociação de diferentes tipos de ordem social: onde diferenças são ativamente reconhecidas, onde essas diferenças são negociadas de forma que complementem uma a outra, e onde as pessoas tenham a chance de expandir seus repertórios linguísticos e culturais para que tenham acesso e maior alcance aos bens culturais e institucionais (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996], p. 69, a tradução é de nossa responsabilidade)⁴².

Os pesquisadores envolvidos no grupo de Nova Londres e autores contemporâneos que adotam suas ideias discutem, ainda, a questão da **multimodalidade**, o que, neste trabalho, corrobora a ideia de verbo-visualidade proposta por Brait (2004; 2013). A multimodalidade, portanto, está vinculada às múltiplas linguagens que circulam nos ambientes digitais. Nessa direção, esclarece Lemke (2010) que

[...] todo letramento é letramento multimidiático: você nunca pode construir significado com a língua de forma isolada. É preciso que haja sempre uma realização visual ou vocal de signos linguísticos que também carrega significado não-linguístico (por ex.: tom da voz ou estilo da ortografia). Para funcionarem como signos, os signos devem

⁴² *Instead of core culture and national standards, the realm of the civic is a space for the negotiation of a different sort of social order: where differences are actively recognized, where these differences are negotiated in such a way they complement each other, and where people have the chance to expand their cultural and linguistic repertoires so that they can access a broader range of cultural and institutional resources (NEW LONDON GROUP, 2006[1996], p. 69).*

ter alguma realidade material, mas toda forma material carrega, potencialmente, significados definidos por mais de um código. Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimidiático (LEMKE, 2010, p. 456).

Para agirmos de acordo com os novos paradigmas sociais trazidos pela hipermodernidade e sermos efetivos nas práticas de letramentos presentes neste momento histórico, é necessário dominarmos as linguagens próprias, convencionadas pelas agências de letramento atuais. Neste sentido, a noção de estilo linguístico/semiótico, que se origina, principalmente, em Bakhtin (2016[1952-53]), pode ser relacionada ao pensamento de Lemke (2010), uma vez que os estilos de linguagem são recursos empregados pelos sujeitos, produtores de enunciados, para estabelecer seus propósitos interacionais e valorativos, vinculados a um campo de atividade humana, socialmente organizado.

Rojo (2013) defende a ideia de que as novas linguagens dão novo tom à teoria do Círculo de Bakhtin, uma vez que a noção de estilo passa a extrapolar a natureza léxico-gramatical e une-se a outras tantas linguagens para a produção de sentido nas práticas de letramento que suscitam diferentes gêneros. Assim sendo, para o Grupo de Nova Londres (2006[1996]),

Isso inclui em entender e ter um controle competente de formas que começam a crescer significativamente no ambiente das comunicações gerais, como imagens visuais e sua relação com a palavra escrita – por exemplo, design visual em áreas de trabalho publicadas ou a interface do significado multimídia, visual e linguístico (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996], p. 61, a tradução é de nossa responsabilidade)⁴³.

Entender novos fatores de natureza estilística e interacional é crucial para que exista uma interação efetiva entre os sujeitos. Os gêneros, que organizam tais interações, portanto, ganham novos recursos e novos modos em sua constituição. Assim sendo, a noção de gêneros do discurso defendida nos escritos do Círculo não está sendo reformulada, mas ressignificada, uma vez que a ideia de Nova Londres apenas acrescenta recursos ao repertório dos gêneros. Cope e Kalantzis (2009),

⁴³ *This includes understanding and competent control of representational forms that are becoming increasingly significant in the overall communications environment, such as visual images and their relationship to the written word – for instance, visual design in desktop publishing or the interface of visual and linguistic meaning in multimedia* (NEW LONDON GROUP, 2006[1996], p. 61).

membros do grupo de Nova Londres, esclarecem o que entendem por multimodalidade ao explicar os seguintes aspectos desta:

- **Linguagem escrita:** escrita (representação de sentidos para o outro) e leitura (representação de sentidos para mim mesmo) – manuscrito, página impressa, a tela digital
- **Linguagem oral:** ao vivo ou discurso gravado (representação de sentido para o outro); ouvir (representação de sentido para mim mesmo)
- **Representação visual:** imagem estática ou em movimento, escultura, manuseamento (representação de sentido para o outro); visualização, vista, cena, perspectiva (representação de sentido para mim mesmo)
- **Representação auditiva:** música, sons de ambiente, barulhos, alertas (representação de sentido para o outro); ouvir, escutar (representação de sentido para mim mesmo)
- **Representação tátil:** toque, cheiro e gosto: a representação para mim mesmo a partir das sensações do corpo e sentimentos e representações para o outro “no toque” ao próprio corpo. Formas de representação tátil incluem cinestesia física, sensações da pele (temperatura, textura, pressão), aperto, objetos manipuláveis, artefatos, cozinhar e comer, aromas
- **Representação gestual:** movimentos das mãos e dos braços, expressões da face, movimento dos olhos e olhares lançados, comportamento do corpo, modo de andar, roupas e estilo de vestir, corte de cabelo, dança, sequência de ações, pontualidade, frequência, cerimônia e ritual. Aqui, gestos são entendidos amplamente e metaforicamente como o ato físico numa performance musical (como em “um gesto para...”), além do sentido literal mais estreito do movimento de mãos e braços
- A representação para mim mesmo pode tomar a forma dos sentimentos e emoções ou uma sequência de ações ensaiadas na mente de alguém
- **Representação espacial:** proximidade, espaço, layout, distância interpessoal, territorialidade, arquitetura/construção, paisagem de rua, paisagem urbana, paisagem natural (COPE; KALANTZIS, 2009, p. 178-179, a tradução e os grifos são nossos).⁴⁴

⁴⁴ • *Written language: writing (representing meaning to another) and reading (representing meaning to oneself)—handwriting, the printed page, the screen*

• *Oral language: live or recorded speech (representing meaning to another); listening (representing meaning to oneself)*

• *Visual representation: still or moving image, sculpture, craft (representing meaning to another); view, vista, scene, perspective (representing meaning to oneself)*

• *Audio representation: music, ambient sounds, noises, alerts (representing meaning to another); hearing, listening (representing meaning to oneself)*

• *Tactile representation: touch, smell and taste: the representation to oneself of bodily sensations and feelings or representations to others that “touch” one bodily. Forms of tactile representation include kinaesthesia, physical contact, skin sensations (temperature, texture, pressure), grasp, manipulable objects, artefacts, cooking and eating, aromas*

• *Gestural representation: movements of the hands and arms, expressions of the face, eye movements and gaze, demeanours of the body, gait, clothing and fashion, hairstyle, dance, action sequences (Scollon, 2001), timing, frequency, ceremony and ritual. Here gesture is understood broadly and*

Nesse caso, entendemos que existe uma relação direta entre as teorias dos multiletramentos e a linguagem do Círculo de Bakhtin, uma vez que a noção de gêneros é bastante debatida pelos autores russos, e os gêneros são elementos fundamentais de uma prática de letramento. Além disso, a multiculturalidade debatida pelos autores corresponde à multiplicidade de vozes sociais que se valem de enunciados para estabelecer discursos e ideologias, conforme pontua Volochinov (2017[1929]), por exemplo.

Tendo em vista, as noções iniciais apresentadas neste capítulo, passamos a discutir o método sociológico bakhtiniano no próximo capítulo, tendo em vista as mudanças sociais acentuadas que se dão em nosso momento histórico, e a inserção de nosso trabalho nos estudos da LA para fundamentar aquilo que se procura defender, principalmente, do ponto de vista das mudanças aceleradas que foram discutidas neste capítulo.

Passemos agora ao último capítulo desta dissertação em que nos dispomos a analisar os enunciados selecionados de acordo com os aspectos teóricos desenvolvidos até então.

metaphorically as a physical act of signing (as in “a gesture to . . .”) rather than the narrower literal meaning of hand and arm movement

• *Representation to oneself may take the form of feelings and emotions or rehearsing action sequences in one’s mind’s eye*

• *Spatial representation: proximity, spacing, layout, interpersonal distance, territoriality, architecture/building, streetscape, cityscape, landscape (COPE; KALANTZIS, 2009, p. 178-179).*

4 A DIMENSÃO SOCIAL E A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST” NO FACEBOOK: REFLEXÕES TEÓRICO-ANALÍTICAS

Neste quarto e último capítulo, apresentamos as reflexões sobre o gênero do discurso selecionado para estudo, tendo em vista a proposta dialógica de análise e as relações possíveis com a teoria dos multiletramentos, conforme exposto nos capítulos anteriores. Para tanto, dividimos o capítulo em duas seções, subdividindo-as de acordo com a perspectiva metodológica assumida.

A fim de tornar mais palpável a leitura do trabalho, optamos por transcrever os enunciados e anexamo-nos ao final desta dissertação. Ainda que tenhamos disponibilizados os *QR Codes* no primeiro capítulo, ainda disponibilizamos as *urls* de acesso para aqueles que não consigam utilizar esta tecnologia. Para tanto, os dez enunciados selecionados para a constituição do *corpus* da pesquisa ora proposta, tornaram-se dez anexos nesta dissertação. O quadro a seguir, busca referenciar cada um dos enunciados e o seu anexo correspondente:

Quadro 7: Os enunciados constituintes da pesquisa

Título do vídeo	Anexo
Top fake news da semana #2 (vídeo 1)	Anexo 1
PLANTÃO QOT – ELEIÇÕES 2018 #5 (vídeo 2)	Anexo 2
Não temos um museu da escravidão (vídeo 3)	Anexo 3
Top 5 fake news da semana #3 (vídeo 4)	Anexo 4
Plantão QOT – Eleições 2018 #6 (vídeo 5)	Anexo 5
PLANTÃO QOT – ELEIÇÕES 2018 #7 (vídeo 6)	Anexo 6
Top fake news da semana #4 (vídeo 7)	Anexo 7
PLANTÃO QOT – ELEIÇÕES 2018 #8 (vídeo 8)	Anexo 8
Mulheres contra Bolsonaro (vídeo 9)	Anexo 9
Você acha que bandido bom é bandido morto? (vídeo 10)	Anexo 10

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Primeiramente, apresentamos as discussões acerca da **dimensão social** dos enunciados que compõem o *corpus* deste estudo, na seção 4.1, que contempla os horizontes *espacial e temporal*, *temático* e *axiológico*. Para que possamos cumprir com esta proposta, retomamos as discussões sobre multiculturalidade e cultura digital feita no terceiro capítulo, baseados nos escritos do Grupo de Nova Londres (2006[1996]), Rojo (2012); (2013), Rojo e Barbosa (2015) e Rojo e Moura (2019), bem como pelos autores que discutem as interações em ambientes digitais e no atual

momento histórico (LÉVY, 1999; SANTAELLA, 2003; GARCÍA CANCLINI, 2013), juntamente à linguagem do Círculo, discutida no segundo capítulo.

Em seguida, na seção 4.2, refletimos sobre a **dimensão verbo-visual** dos enunciados selecionados, mobilizando os conceitos de conteúdo temático, estilo linguístico/semiótico e a construção composicional, pautados, principalmente na teoria do Círculo de Bakhtin e de seus interlocutores contemporâneos. Novamente, voltamos às bases dos estudos dos multiletramentos para buscar subsídios nas discussões que serão feitas acerca da dimensão multissemiótica dos enunciados.

Entendemos que os aspectos linguístico-composicionais, que se restringem, de certa forma, à dimensão verbo-visual dos enunciados, são diretamente influenciados pelas condições sociais de sua produção, isto é, a dimensão social do enunciado. Acreditamos ainda que essas condições não podem ser desvencilhadas, por isso, será necessário em ambas seções apresentar tanto as reflexões de caráter linguístico-semiótico, quanto as de caráter dialógico-sociológico.

4.1 A DIMENSÃO SOCIAL DO GÊNERO “POST”

Ao tratarmos do gênero do discurso em questão, o “post”, especificamente na rede social *Facebook*, é necessário entender, conforme a ordem metodológica assumida no primeiro capítulo e conforme as ideias do Círculo de Bakhtin, que partimos de um contexto mais amplo de pesquisa para, em seguida, chegarmos aos aspectos textuais-enunciativos dos enunciados selecionados para estudo.

Novos caminhos e novas formas de interação estão em evidência na época da cibercultura. Essa realidade não só afeta a forma como as pessoas interagem, mas as formas de avaliação social de um dado enunciado e a maneira como será tematizado nos textos produzidos por internautas, páginas e, até mesmo, por usuários de redes sociais, que são cada vez mais numerosos. A interação face a face não deixa de ser um recurso dos usuários da linguagem, mas novas tecnologias aproximam na tela de computadores, tablets e smartphones, por exemplo, pessoas que estão a quilômetros de distância.

Um simples clique na tela no celular pode significar a abertura de uma discussão, uma expressão de valor dada pelo usuário a um enunciado com o qual teve contato, graças ao conteúdo exposto na rede. São vários os dispositivos que suportam as interações e cada um deles traz sua especificidade. Inicialmente, o

Facebook foi criado para interações mediadas por computador, mas, com a evolução tecnológica, aplicativos foram desenvolvidos para smartphones e tablets, que passaram a ser suporte de interações provenientes desta rede social.

Como já mencionamos no terceiro capítulo, um dos grandes aspectos de caráter social é a multiculturalidade, termo cunhado pelo Grupo de Nova Londres (2006[1996]) para dar conta dos inúmeros grupos sociais e personalidades distintas que se encontram e interagem no meio digital. Ao olharmos para o nosso próprio objeto de pesquisa, percebemos que a página “Quebrando o Tabu” caracteriza-se por ser um espaço de interlocução para vários, porém, seu conteúdo busca abranger temas efervescentes no âmbito social, tais como os direitos da comunidade LGBT, o feminismo e suas interfaces com a sociedade contemporânea, os direitos de grupos étnico-raciais, marginalizados na sociedade, como negros, indígenas, etc.

Lévy (1999), ao explorar a ascensão da internet, nos dá uma pista acerca da organização desta nova atividade humana nos tempos atuais ao explicar que

Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação **diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem**. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos **econômico, político, cultural e humano** (LÉVY, 1999, p. 8, grifos nossos).

Nas palavras do autor, mantém-se um diálogo com as ideias de multiculturalidade de Nova Londres. Além disso, é possível perceber, conforme o quadro 2, apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, que temáticas de caráter econômico, político, cultural e humano foram as mais presentes nos enunciados selecionados para estudo. Por isso, é importante ressaltar, com base em Lévy, que embora tenhamos interações mediadas por máquinas, são os seres humanos orgânicos que organizam e desempenham tais interações. Atualmente, a inteligência artificial possibilita ao usuário de uma rede interagir com enunciados que abordam temas de seu interesse, porém não se interage apenas com as máquinas, pois, em termos bakhtinianos, um aplicativo ou uma página cibernética veicula enunciados produzidos por outros. Ao entrar em contato com essa página ou com esse aplicativo, interage-se, de certa forma, com o enunciador, isto é, o criador da página ou da

aplicação e com os enunciados por ali propagados. Acerca disso, acrescenta Lévy (1999):

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material — e menos ainda sua parte artificial — das idéias por meio das quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, **que as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas, fornecem meios e razões de viver aos homens e suas instituições, são recicladas por grupos organizados e instrumentalizados, como também por circuitos de comunicação e memórias artificiais** (LÉVY, 1999, p. 18, grifos nossos).

Essas ideias do autor dialogam, de certa forma, com a teoria do Círculo, se entendermos que o material, isto é, o texto-enunciado, é o resultado das interações humanas, uma materialização orgânica do todo enunciativo. Os signos empregados pelo enunciador (as palavras, as imagens, os efeitos sonoros, etc.) constituem-se a partir da dimensão social dos enunciados, pois são representações da forma como os sujeitos interagem na sociedade contemporânea, de como vivem e de como expressam suas atitudes valorativas. Esta é uma característica crucial da interação em ambientes digitais: a expressão humana por meio de diversos recursos de natureza multissemiótica.

Com base em tal compreensão, nas próximas três subseções, apresentamos, por meio de exemplificações do objeto de estudo da pesquisa, como se constituem os horizontes espacial e temporal, o horizonte temático e o horizonte axiológico na perspectiva de demonstrar que os aspectos multiculturais também se fazem presentes, uma vez que estão vinculados às mídias digitais.

Antes de passarmos à análise propriamente dita, retomemos os conceitos e os aspectos metodológicos que subjazem cada um dos itens. A seguir, elaboramos um quadro que busca sintetizar cada uma das categorias de análise selecionadas na pesquisa, bem como os aspectos que envolvem cada uma delas.

Quadro 8: A análise da dimensão social e a multiculturalidade.

A dimensão social e a multiculturalidade dos enunciados	
<i>O horizonte espacial e temporal</i>	Os elementos de natureza social, relacionados ao tempo e ao espaço no qual se veiculam. A mídia social e o

	período eleitoral, portanto, passam a ser o foco de análise.
<i>O horizonte temático</i>	Os elementos de natureza social, relacionados aos temas debatidos ao longo dos enunciados. O período eleitoral e suas nuances: progresso nas discussões acerca de política , violência, feminismo e feminicídio, direitos LGBT, etc.
<i>O horizonte axiológico</i>	Os elementos de natureza social, relacionados à atitude valorativa daqueles que dialogam com a perspectiva da página. As reações, os compartilhamentos e os comentários como valoração na hipermídia.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passemos agora à análise dos aspectos constituintes da dimensão social dos enunciados, relacionados aos aspectos multiculturais que os circundam. Deste modo uma subseção foi designada para cada um, sendo a subseção 4.1.1 para o *horizonte espacial e temporal*, a subseção 4.1.2 para o *horizonte temático* e a subseção 4.1.3 para o *horizonte axiológico*.

4.1.1 O horizonte espacial e temporal

Nesta subseção, apresentamos considerações acerca do momento histórico e do espaço em que os enunciados selecionados para este estudo estão situados. Deste modo, situamos, inicialmente, a rede social em que os textos multimodais foram publicados, isto é, o *Facebook*.

De acordo com Paiva (2016), em março de 2014, a rede social *Facebook* alcançava a marca de 1,28 bilhão de acessos por mês, contando, também, com 609 milhões de acessos diários. A autora ainda expõe que, em abril de 2015, esta rede já contava com 1,31 bilhão de acessos por mês e, portanto, tratava-se (e ainda o é) da rede social com mais acessos em todo o mundo.

Barton e Lee (2015), porém, esclarecem que o *Facebook* não é uma rede social para todos. Na China, por exemplo, o governo bloqueou o site e o serviço oferecido pelo *Facebook* e, apesar de grande parte da população mundial estar conectada por meio desta rede social, alguns não têm acesso, ou tem acesso restrito. Porém, quanto às finalidades da rede social e quanto ao perfil de seus usuários, os autores esclarecem que

Outra ideia central da Web 2.0 é a de rede social, ou seja, participação e colaboração nas comunidades de usuários. Geralmente isso se dá pela interação das pessoas por escrito, mas também inclui *upload* de imagens e de vídeos. Sites de redes sociais como o **Facebook** e o Twitter são plataformas para as pessoas interagirem umas com as outras e se conectarem pela palavra escrita e outros conteúdos multimodais. Os usuários desses sites geralmente compartilham seus interesses e experiências cotidianos, avaliando e reagindo à música que ouviram, aos livros que leram e aos hotéis e restaurantes que visitaram (BARTON; LEE, 2015, p. 22, destaque dos autores, grifo nosso).

Tendo em vista as palavras dos autores, o *Facebook* é uma rede social que pode conectar não apenas pessoas que tem proximidade em sua vida cotidiana, mas aqueles que tem os mesmos interesses em determinados assuntos, aqueles que frequentam/frequentaram os mesmos lugares, aqueles que ouvem as mesmas músicas, ou que assistiram ao mesmo filme. Isto significa que este espaço virtual inclui inúmeras possibilidades de interação entre os usuários. Este também é um dos motivos que, possivelmente, uniu os usuários da página “Quebrando o Tabu”, ou seja, seus interesses pelo conteúdo divulgado nesta página.

Cada um dos usuários que ocupa um espaço nesta rede social, conecta-se por meio do todo arquitetônico, isto é, suas interações ocorrem pela publicação de posts escritos ou multimodais, compartilhamentos, reações e comentários nas publicações. Porém, como ressalta Fujisawa (2015), no *Facebook*, cada um dos usuários tem uma “*timeline*”, o que a autora chama de “*weblog*”. Neste espaço, é possível visualizar o conteúdo postado por cada um dos usuários da rede. Lá estão salvos todos os pensamentos, as fotos, os vídeos, os gifs, etc., que foram postados por um dado usuário. Além disso, cada *timeline* contém informações acerca do usuário tais como lugar em que nasceu, estado civil, educação escolar e de ensino superior, local em que trabalha, entre outros. Para a autora,

Além dos weblogs, existem várias possibilidades de se fazer presente no ciberespaço, isto é, constituir-se como ator, seja por uma página no Twitter, um perfil no Facebook, uma identidade profissional no LinkedIn, por um site, por um nickname em uma sala de bate-papo etc. É dessa forma, tornando-se visível, que o sujeito existe no ciberespaço (FUJISAWA, 2015, p. 60).

Na visão da autora, o *Facebook* é um espaço virtual em que usuários virtuais se conectam uns com os outros. A versão física de um usuário projeta uma imagem virtual dele mesmo em sua *timeline*. A rede social, portanto, torna-se um espaço virtual, projetado no espaço físico também. Elementos do mundo físico são transpostos para a rede social, mas, em alguns momentos, as interações mediadas pela rede são impossíveis da mesma forma como se dão no mundo físico. O toque, o abraço, o beijo, do mundo real, não são possíveis no *Facebook*, porém, emojis e reações são estepe para que os usuários possam demonstrar suas afetividades e emoções.

E quem são esses usuários? Os mais variados possíveis. Neste contexto é que se faz presente o aspecto multicultural da rede (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996]). Usuários de diversas raças, etnias, culturas, orientações sexuais e idades. Quanto a isso, Paiva (2016) esclarece que “O FB [*Facebook*] é uma amostra virtual do mundo real. Lá estão crianças [...] e adultos de várias partes do mundo, de crenças e culturas diferentes e com hábitos e intenções diferentes” (PAIVA, 2016, p. 68).

Tendo em vista essas primeiras palavras acerca do que trata o *Facebook*, passemos agora a apresentar, mais especificamente, a página “Quebrando o Tabu”. Como já explanamos, a página em questão é oriunda de um documentário de mesmo nome (Cf. REZENDE, 2017), que discorreu acerca da violência contra grupos marginalizados, especialmente, negros que habitam em favelas do Rio de Janeiro. Só mais tarde é que nasceria a página do *Facebook*, que também divulga conteúdos no Twitter, Instagram e YouTube, outras redes sociais de grande acesso.

No *Facebook*, especificamente, a página “Quebrando o Tabu” conta com milhões de seguidores. Em nossa última verificação, em 19 de maio de 2020, a página contava com 10.709.666 seguidores. Trata-se, portanto, de uma página que tem grande abrangência dentro da rede social e, também, fora dela.

Inicialmente, conforme já explanamos, o “Quebrando o Tabu” tratava do abuso das ações policiais em favelas do Rio de Janeiro contra a população local que nem sempre estava envolvida com o crime organizado. Porém, ao alcançar as redes sociais, novos temas, também de caráter marginal, foram introduzidos na rede, tais como a comunidade LGBT e seus simpatizantes, os movimentos feministas e o feminicídio, as causas da estigmatização de parte da sociedade em virtude de seu

grupo étnico-racial, a intolerância religiosa, as ações de políticas públicas e casos de corrupção no país.

No momento histórico específico em que consta o nosso recorte de pesquisa, isto é, em setembro de 2018, o país passava pelo processo de sufrágio universal para a eleição de presidente da república, governadores dos estados, senadores, deputados federais e estaduais. Por isso, uma grande efervescência em torno da questão “política” se dava neste período. Evidente também é o fato de que o período das eleições gerais no Brasil em 2018 não foi nada tranquilo. Conforme dados analisados por nós com base nos enunciados da página, grupos de extremidades opostas protagonizavam o que foi chamado de “polarização política”.

A polarização política tem seu início após as eleições presidenciais em 2014, em que a então presidenta da república Dilma Rousseff foi reeleita para ocupar o cargo por mais quatro anos, isto é, até 2018. Dilma pertence(u) ao partido dos trabalhadores (PT), que já havia conquistado por quatro vezes as eleições ao cargo máximo do executivo, ou seja, o cargo de presidente. Em 2002 e 2006, Luiz Inácio Lula da Silva tinha sido eleito e, em 2010 e 2014, Dilma conquistara a disputa. Em todos esses momentos, os candidatos haviam disputado o cargo com seus concorrentes do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), o mesmo do ex-presidente da república Fernando Henrique Cardoso (1994-2001). Em 2002, Lula venceu José Serra, que também foi derrotado por Dilma em 2010; em 2006, o ex-presidente venceu Geraldo Alckmin e, em 2014, Dilma venceu o então senador pelo estado de Minas Gerais, Aécio Neves.

As disputas entre governo e oposição no Brasil ganharam maior dimensão a partir do segundo mandato de Rousseff, que se deu a partir de 2015. Disputas essas que ganhavam cada vez mais força na câmara dos deputados em Brasília, pois, de acordo com os opositoristas, Dilma estava governando impropriamente. Além disso, outros grupos de direita acusavam os governos do PT de instaurar o “comunismo” no país, fazendo com que a popularidade do partido se tornasse cada vez mais baixa dentre os grandes centros urbanos, principalmente, quando se tratava das classes mais altas e escolarizadas da sociedade. Além, é claro, da estreita relação mantida com países com governos de esquerda, majoritariamente da América Latina, incluindo Cuba, Venezuela, Colômbia e Argentina que causaram tensões entre aqueles que não apoiaram tais relações diplomáticas.

As tensões entre o governo e a oposição tomou grande dimensão em 2016, quando o processo de impeachment de Dilma foi aprovado pelo ex-deputado federal e, atualmente, presidiário, Eduardo Cunha, do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB-RJ), aliado político de Dilma nas últimas eleições. O impeachment de Dilma seguiu-se da posse de seu vice-presidente, Michel Temer, também do PMDB.

As ideias de o “comunismo” ser instaurado no Brasil também fez com que grupos ideológicos de direita culpabilizassem os governos do PT pela profanação dos ideais de família, religião e desenvolvimento infantil influenciado pela sexualidade e por homossexuais. Tais grupos também se mostraram antagônicos às políticas progressistas que visavam maior inserção e direitos justos para grupos marginais, tais como os homossexuais, os negros, os indígenas, as mulheres e os nordestinos, maiores eleitores do PT no Brasil.

O projeto “anti-petista” que já estava em curso desde 2014, quando Dilma vencera as eleições, foi protagonizado pelo atual presidente da república, Jair Bolsonaro. Bolsonaro teve grande aprovação popular por maior parte da população inspirada na causa “anti-petista”. Deste modo, estava instaurada a polarização política que circundaria o processo eleitoral de 2018, momento histórico em que selecionamos para o presente estudo.

A página em questão se coloca contrária à polarização política, mas também esclarece não ser uma página adepta às ideias do Partido dos Trabalhadores. Entretanto, o “Quebrando o Tabu” sempre manifestou-se contrário às ideias defendidas por Bolsonaro, justamente, pelo fato de o então candidato à presidência da república defender pautas que andavam de encontro aos ideais delineados pela página.

Em vários momentos essa característica histórica está presente em trechos dos vídeos selecionados para este trabalho. No **vídeo 9** (ANEXO 9), ao produzir post com base em depoimentos de mulheres que marchavam contra Bolsonaro, a página seleciona o seguinte depoimento:

[Entrevistador]: Se não é o Bolsonaro, é quem?

[Falante 2]: O segundo. Não importa quem seja.

[Falante 9]: Só tem uma resposta: ele não e ele nunca. Olha que festa bonita. Tem criança, tem família, tem gente com flores, mas ele não! (ANEXO 9).

O entrevistador tenta persuadir às falantes para que estas revelassem seus votos nas eleições, já que estavam contrárias ao então presidencial. Elas respondem que não importava quem fosse o candidato vencedor, mas que este não poderia ser Bolsonaro. O vídeo termina com a clássica frase que foi popularizada pelos opositores de Bolsonaro “ele não”. Nesta última citação, vê-se um movimento feminino que se contrapõe às ideias de Bolsonaro e, também, à sua eleição para presidente.

Em outro enunciado, no vídeo 2 (ANEXO 2), fica evidente também o posicionamento da página, quando trata de aspectos homofóbicos por parte do presidencial.

[Renata Vasconcelos]: O senhor já disse que não é homofóbico, mas o senhor também já declarou que vizinho gay desvaloriza o imóvel. O senhor já disse que prefere que um filho morra a ser gay. O senhor inclusive já relacionou pedofilia com “homossexualismo”. Candidato, essas declarações não são homofóbicas?

[Fabrício Andrietta]: E aí, a gente pensa: “pô, mas esse é um assunto que ele manja, né?” Já que mortes por homofobia estão ligadas diretamente a segurança pública. Mas, ao invés, de responder com propostas, o candidato veio, novamente, com aquela fanfic clássica do “Seminário LGBT Infantil” e do “Kit Gay” (ANEXO 2).

Neste trecho, duas vezes aparecem, a de Renata Vasconcelos, apresentadora do Jornal Nacional da Rede Globo de televisão, emissora mais popular no país e a de Fabrício Andrietta, vlogueiro do Quebrando o Tabu. Renata Vasconcelos encontrava-se entrevistando o então presidencial Jair Bolsonaro e é a ele que se dirigem os questionamentos expostos na citação acima. Fabrício Andrietta e a equipe do Quebrando o Tabu valem-se do trecho em que Renata faz o questionamento para usá-lo como recurso argumentativo para o que se deseja expor.

Ao terminar sua exposição, o vlogueiro recorre ao “Seminário LGBT Infantil” e ao “Kit Gay”, usados por Bolsonaro para combater às políticas dos petistas anteriores. Assim sendo, a página assume um papel que se contrapõe ao candidato a presidente, porém, não deixar transparecer seu apoio a nenhum dos outros candidatos.

Ainda recorreremos a um trecho do **vídeo 3** (ANEXO 3) para reportar-nos ao momento histórico que envolve os enunciados em estudo. Neste, os participantes debatem acerca do racismo na sociedade brasileira. No vídeo, o atual presidente não é mencionado, mas sua publicação se deu em virtude dos ataques verbais por parte de Bolsonaro, que foram considerados racistas por grande parte de seus opositores.

[Comentarista]: O Brasil é mal resolvido com as suas maiores dores. Ele é mal resolvido com a escravidão. Tanto que a gente não tem um museu da escravidão. Ele é mal resolvido com a ditadura. Tanto que a gente não tem um museu da ditadura. Você vê, por exemplo, países que tiveram dores profundas, por exemplo, a Alemanha, todo campo de concentração que você vai, tem um museu, falando daquela dor e como aquilo foi terrível.

[Gabi Amarantos]: **E tem gente que tá querendo que a ditadura volte** (ANEXO 3, grifos nossos).

Nestas falas, a escravidão brasileira é colocada em pauta, pois atos racistas advindos de diversos grupos sociais, naquele momento, eram recorrentes. O comentarista chama a atenção para o fato de que o problema “[...] é mal resolvido com a ditadura”, referindo ao período de 1964 -1985 da história do país, quando os militares tomaram o poder. Ao fazer essa exposição, a ideia ditatorial é reforçada pela cantora Gabi Amarantos no trecho acima grifado, referindo-se de forma indireta a Jair Bolsonaro, que já havia adotado discursos a favor da ditadura e, também, proferido falas racistas às multidões.

Com tais exemplos, percebemos o aspecto multicultural dos enunciados, pois é intrínseco a eles contemplá-los no curso da história, principalmente, quando se trata de temas debatidos no contexto vivido e que se alongam até os dias atuais. Portanto, o momento histórico dos enunciados caracteriza-se pela polarização e pelos debates entre grupos com ideias extremas, a exemplo de Jair Bolsonaro, e grupos com ideias progressistas, a exemplo da página e dos enunciados ora estudados.

Enfim, podemos sintetizar a análise do horizonte temporal e espacial com o seguinte quadro:

Quadro 9: Horizonte espacial e temporal

Momento histórico a que se reporta o corpus	Conforme mencionado no capítulo metodológico, os enunciados foram propositadamente selecionados no período de setembro de 2018. Neste momento ocorreram as eleições gerais no Brasil, por isso percebemos a influência de tal momento histórico no conteúdo temático de cada um dos enunciados. Além disso, a política mundial também interfere nas enunciações, uma vez que ideias dicotômicas passam a ganhar espaço neste momento histórico.
Espaço no qual está inserido	Por se tratar de um conteúdo <i>hipermidiático</i> , o espaço em que circulam os enunciados é a internet. Cada um dos internautas pode acessar remotamente o conteúdo por meio de diversos suportes, como laptops, smartphones, tablets, etc.

Local de circulação do corpus	Os enunciados estão inseridos exclusivamente na rede social <i>Facebook</i> . Como a página “Quebrando o Tabu” divulga seus materiais em diferentes locais de circulação midiática, como o <i>YouTube</i> , o <i>Twitter</i> e o <i>Instagram</i> , o mesmo conteúdo, possivelmente, tenha sido disponibilizado aos usuários destas redes. Entretanto, nesta pesquisa, nos propomos a analisar sua veiculação juntamente ao <i>Facebook</i> .
Sujeitos que interagem com este espaço temporal	Os sujeitos envolvidos são os próprios administradores da página, quanto os usuários do <i>Facebook</i> que entram em contato diretamente com o conteúdo disponibilizado.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passamos agora a discutir, na próxima subseção, como os temas se encontram nesse momento histórico e como se situa no ambiente social, seja ele virtual ou orgânico.

4.1.2 O horizonte temático

Ao observarmos o horizonte temático dos enunciados selecionados, entendemos que muitas delas se entretecem no todo enunciativo. Vários são os temas apresentados ao longo de um enunciado, porém, em virtude do momento histórico e do local em que são proferidos e divulgados, todos abarcam, de alguma forma, embates políticos.

Na última seção, apresentamos tal momento histórico e o espaço em que os enunciados estão engajados. Assim sendo, pelo teor argumentativo da página, por seu posicionamento ideológico e por seus assuntos de interesse, as temáticas apresentadas foram relacionadas a gênero, raça, sexualidade e *fake news*.

Especialmente, por causa da divulgação de informações falsas no período eleitoral, vários dos enunciados que selecionamos no escopo desta dissertação são textos-enunciados criados pela página especialmente para esclarecer e clarificar acerca de informações falsas divulgadas em Grupos de WhatsApp e de redes sociais diversas. Essa é a discussão central nos vídeos 1 (ANEXO 1), vídeo 4 (ANEXO 4) e no vídeo 7 (ANEXO 7). Todos estes vídeos têm a apresentação de Mariana França, vlogueira do Quebrando o Tabu. Tais enunciados, inclusive, foram produzidos para tratar justamente desta temática e para esclarecer inverdades divulgadas à população.

É possível percebermos o horizonte espacial e temporal ressoando nas temáticas apresentadas nos enunciados, pois, a divulgação de Fake News se deu,

principalmente, pela polarização política entre os candidatos à presidência da república e seus cabos eleitorais. Por esta razão, apesar de não serem produzidos com a finalidade de esclarecer Fake News, os vídeos 2 (ANEXO 2) e o vídeo 5 (ANEXO 5) também contemplam essa discussão em sua constituição.

No primeiro vídeo (QUAL? – RETOME), a apresentadora retoma a notícia falsa, que, geralmente, é publicada em uma rede social e, logo em seguida, a desmente apresentando o fato real. No trecho a seguir, extraído do primeiro enunciado (ANEXO 1), Mariana França retoma uma notícia falsa vinculada ao candidato a deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo. Em seguida, na edição do vídeo, um trecho da fala de Freixo é apresentado para desmentir a notícia falsa em questão:

[Mariana França]: Terceira notícia: é sobre um tweet do Marcelo Freixo, lamentando a morte de um assaltante. O próprio Freixo postou um vídeo esclarecendo, **desmentindo** toda essa notícia falsa, né?

[Marcelo Freixo]: A gente foi surpreendido com um twitter **falso** que começou a circular pelas redes sociais, que tem a minha foto, tem o meu nome, mas ele é acompanhado de uma logo, escrito STF [Superior Tribunal Federal]. Super tweet fictício. O que já mostra que é uma suposta brincadeira (ANEXO 1, grifos nossos).

Por ser membro de um partido, considerado de esquerda, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Marcelo Freixo é vítima de publicação de fake news, por duas razões: (1) devido à sua alta popularidade no estado do Rio de Janeiro, principalmente, em virtude de sua luta em prol de causas sociais e de minorias, o que condiz com a pauta defendida pela página Quebrando o Tabu; (2) devido ao seu posicionamento político-ideológico que contradizia e combatia as ideias defendidas por seus adversários. O mesmo acontece no vídeo 4 (ANEXO 4), em que, novamente, notícias falsas são espalhadas em grupos de distintas redes sociais:

[Mariana França]: Será que você caiu em uma delas essa semana? Primeira notícia: venezuelanos recebendo título de eleitor brasileiro. Esses comunistas, aahn? Pessoal, isso é mais uma **mentira**. Se tem alguma coisa que nossos vizinhos estão recebendo de nós brasileiros é o gostinho da capacidade do brasileiro de passar vergonha (ANEXO 4, grifo nosso).

Grande parte dos apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro opõem-se à política de Nicolás Maduro (neste período, em que ocorreram as eleições no Brasil,

presidente da Venezuela e reconhecido por alguns países como líder do país atualmente), por se tratar de uma política bolivariana que tende ao ponto de vista ideológico da esquerda. Maduro e seu antecessor e mentor Hugo Chávez sempre tiveram relações comerciais e políticas bastante diretas e amigáveis com Lula e Dilma. O intuito de manter o discurso de que venezuelanos estariam fazendo títulos de eleitor para votar no Brasil, portanto, reforçaria a ideia de que isso contribuiria para o então candidato à presidência da república pelo PT, Fernando Haddad.

Ainda que outros temas afins sejam apresentados, o período eleitoral sempre parece estar presente no horizonte temático dos enunciados. Isso confirma-se no vídeo 7 (ANEXO 7), também produzido para esclarecer notícias falsas. Ao introduzir seu enunciado, Mariana França opta por começá-lo da seguinte forma:

[Mariana França]: Só que não! Tem eleitor tão desesperado pra que seu candidato ganhe que fica espalhando **notícia falsa** por aí. E isso é de todos os lados. E é por isso que estou aqui! O que você está esperando pra curtir a nossa página Quebrando o Tabu? O Daciolo descer do monte? (ANEXO 7, grifo nosso).

Neste trecho, busca-se produzir humor ao citar o candidato à presidência da república, Cabo Daciolo, que representava uma posição ideológica conservadora e religiosa em seus pronunciamentos. Portanto, ao associar o nome do candidato à ação “descer do monte”, a página mantém uma relação interdiscursiva com o texto bíblico. Além disso, de um ponto de vista interdiscursivo, Daciolo foi responsável por uma acusação, que, por seu teor acusatório, foi rechaçado pela maioria dos eleitores no Brasil e usado como motivo de ironia e humor por quem se sentiu atacado. Em um dos debates, o então candidato mencionou uma organização que teria o objetivo de fundar a União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL), usando, inclusive as iniciais da antiga e extinta União Soviética, a maior representante do comunismo até os dias atuais.

No vídeo 2 (ANEXO 2), apesar de este não ter sido produzido com a finalidade de esclarecer acerca de notícias falsas, a temática é apresentada logo no início do enunciado:

[Fabrício Andrietta]: “Kit Gay”. Olha, se tem uma coisa que eu não queria mais fazer, era estar aqui, de novo, para falar daquele cujo nome não deve ser mencionado. Então, a gente vai esclarecer, de uma vez por todas, essa **historinha delirante** de kit gay, de onde ela saiu

e o porquê dela ser uma tremenda de uma **mentira** escrota. Na última sabatina do Jornal Nacional, o presidenciável Voldemort foi colocado na parede, sobre um assunto de extrema importância: Homofobia (ANEXO 2, grifos nossos).

Fabrizio Andrietta, vlogueiro do Quebrando o Tabu, opta por reportar-se a comentários homofóbicos e a insultos e mentiras divulgadas publicamente pelo então candidato e atual presidente da república, Jair Bolsonaro. Andrietta, inclusive, se aborrece com o fato de ter que esclarecer acerca de fake news em seu vídeo, tanto que usa uma palavra bastante informal e ofensiva para descrever os eventos narrados. O vlogueiro relaciona a figura do candidato ao vilão da saga Harry Potter, Lorde Voldemort, que também é mencionado pelos demais personagens como aquele “cujo nome não devem ser mencionado” (ANEXO 2).

O grande evento do período eleitoral, porém, se deu quando o então candidato já mencionado foi esfaqueado em uma passeata entre sua multidão de eleitores. Deste evento seguiram-se muitas teorias acerca do que poderia ter acontecido e de como os fatos poderiam influenciar no pleito eleitoral. No vídeo 5 (ANEXO 5), novamente, o vlogueiro Marcelo Andrietta trata da problemática de notícias falsas divulgadas em virtude de tal evento:

[Fabrizio Andrietta]: Por mais que a gente repudie tudo o que o Bolsonaro representa, ele foi, sim, vítima de um crime. Mas, também tem algumas coisas que a gente precisa falar. Depois do ocorrido, a galera enlouqueceu de vez, e começou a rolar uma chuva de **teorias da conspiração** e, conseqüentemente, **desinformação** (ANEXO 5, grifo nosso).

Portanto, em metade dos enunciados por nós analisados, a temática relacionada às eleições e, especialmente, às notícias falsas produzidas em virtude deste momento histórico estão bastante aparentes e presentes.

No vídeo 3 (ANEXO 3), porém, o foco temático consiste em problemas raciais, escravidão e ditadura. As pessoas que falam no vídeo retomam momentos históricos do Brasil como a escravatura e a ditadura militar para problematizar o fato de não existir um Museu para preservar a memória destes dois acontecimentos tão duros para a população brasileira. O vídeo atrela, ainda, o racismo à não-consciência da população de que tais eventos foram destrutivos para o povo e, portanto, atos racistas e autoritários são oriundos da desinformação instituída socialmente.

[Fábio Porchat]: Acho que no Brasil, a gente precisava deixar mais claro o que foi a **escravidão**! Por que a gente fala assim: “Ah, **escravo**! Trouxeram da África os **negros**.” Parece que trouxeram da África, veio a CVC, e o pessoal falou: “Quem quiser tá partindo o barco da Nigéria para o Brasil! Vamos nessa?” (ANEXO 3).

Fábio Porchat, importante ator e humorista brasileiro, neste trecho inclusive cita a CVC, uma companhia de turismo que vende pacotes de viagens nacionais e internacionais, a fim de satirizar o discurso de quem acredita na possibilidade de a escravidão no país ser apenas um período findado, que não tem mais relação com as mazelas sociais, e mostrar a seriedade do período escravocrata no Brasil. Deste modo, ainda que a temática política não seja mencionada diretamente no enunciado, a discussão e a postagem do vídeo na página se dá em virtude dos ataques do então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, aos membro de uma comunidade quilombola e das constantes minimizações dos atos do período militar no Brasil, também por parte de Bolsonaro.

Por último, no vídeo 9 (ANEXO 9), é trazida a temática de gênero. O título do vídeo “Mulheres contra Bolsonaro” apresenta a ideia de contrariedade do público feminino ao candidato em virtude de suas declarações misóginas. Neste trecho do anexo 9, este posicionamento fica evidente: “[Falante 14]: Sou social-democrata e estou aqui contra o Bolsonaro. Assim como **outras colegas minhas, companheiras** de luta. Ele fala cada coisa que **dá medo**” (ANEXO 9, grifo nossos).

Muito embora, o posicionamento feminino seja o tópico de discussão central, novamente, o momento histórico faz com que o horizonte temático se volte para as eleições gerais. Isso é evidenciado também nos demais enunciados.

Ainda, seguindo as ideias propostas por Acosta Pereira e Oliveira (2020), temos a relação do horizonte temático com o **cronotopo**, com o **campo de atividade humana**, com o **conteúdo ideológico**, com as **atitudes valorativas** e com as **relações dialógicas** que se estabelecem no todo enunciativo.

O *cronotopo* subentende as relações espaciais e temporais do enunciado. Analisar o horizonte temático a partir de um cronotopo significa estabelecer relações entre o modo como os temas se realizam em um dado momento histórico e no ambiente em que se veiculam. Por tratarmos de enunciados que foram disponibilizados por uma página ideologicamente organizada em um momento histórico em que o país passava por eleições para escolha de seus representantes do poder legislativo e executivo, as eleições passam, então, a fazer parte do horizonte

temático em questão. Ainda que houvesse discussão acerca de temas transversais como o lugar da mulher nos futuros governos e as mazelas sociais trazidas pela escravidão, por exemplo, esses temas geraram frutos e refletiram na discussão acerca das eleições.

Em seguida, estes enunciados refletiram o *campo de atividade humana* ao qual estão vinculados. Ainda que a linguagem cotidiana predomine e, portanto, a esfera social se caracterize por uma linguagem mais cotidiana, alguns aspectos aproximaram tais enunciados, em virtude do horizonte temático, de uma organização do campo jornalístico. Isso é refletido não apenas na composição, mas também no planejamento e na escolha de recursos de linguagem para a constituição dos enunciados. A seleção dos temas que circundam os enunciados, portanto, se deve ao fato do período histórico em que estão inseridos os enunciados, mas também em relação à organização dessa esfera, que busca apresentar dados autênticos e comprovadamente reais para que o seus interlocutores tenham acesso a informações no sentido de contribuir com a decisão que seria tomada no período eleitoral.

Parte-se, então, para as questões ideológicas dos enunciados, isto é, para as projeções do campo da atividade humana em relação ao horizonte temático dos enunciados. Questionou-se em vários momentos a veracidade dos fatos apresentados pelos candidatos nas eleições ao longo dos enunciados. Existe, portanto, um posicionamento ideológico da página que reflete no horizonte temático e nos enunciados de não-aceitação e discordância em relação à forma como os temas são colocados nos enunciados. Inclusive, a existência de muitos dos enunciados dependeu do posicionamento ideológico assumido pelos locutores, isto é, pela própria página. Os enunciados “Top Fake News da semana” (ANEXOS 1, 4 e 7), por exemplo, configuram-se, como enunciados-resposta a uma série de notícias não-verídicas, a fim de esclarecer acerca da realidade. Portanto, ao passo que se apresenta as notícias falsas, os enunciadore as descaracterizam-nas por meio da apresentação de fatos reais, por meio de recursos de linguagem⁴⁵ e de estratégias de argumentação, dentre as quais destacamos: (a) *citação de fontes confiáveis*; (b) *alusão a períodos históricos*; e (c) *uso de dados estatísticos*.

⁴⁵ Ver o item 4.2.2, “O estilo linguístico/semiótico”, que apresenta uma discussão mais profunda dos recursos de linguagem usados para estabelecer propósitos argumentativos e ideológicos na constituição dos enunciados.

Em seguida, temos as atitudes de valor ou axiologias, que surgem a partir dos interlocutores e de suas vivências de mundo e que influenciam diretamente na forma como será concebido o enunciado. Alguns interlocutores posicionam-se⁴⁶ em favor às ideias expostas pela página em relação ao horizonte temático, outros nem tanto e uma parcela se mostra contrária à forma como a página organiza seus enunciados em relação ao tema.

Por último, ainda, existem as relações dialógicas que se dão por meio do horizonte temático. Assim sendo, este horizonte temático projeta enunciados-resposta e relações interdiscursiva entre enunciados produzidos pela página e outros enunciados ao qual respondem estes primeiros. Deste modo o tema é ressignificado no novo enunciado, uma vez que é valorado e ideologizado de uma forma nova. O horizonte temático das eleições, portanto, é tido como um período conturbado, cheio de nuances que são esclarecidas pelos produtores dos enunciados.

Para sintetizar, o quadro a seguir mostra uma síntese geral acerca do horizonte temático dos enunciados selecionados para esta dissertação. Tendo como horizonte temático geral, em decorrência, principalmente, do cronotopo, as eleições gerais de 2018, os seguintes aspectos figuram nos enunciados:

Quadro 10: Horizonte temático

O horizonte temático geral dos enunciados	O horizonte temático principal de cada enunciado gira em torno do momento histórico e político em que o país se insere no momento em que se enuncia, isto é, as eleições gerais de 2018 para escolha de cargos do poder legislativo (deputados estaduais, deputados federais e senadores da república) e do poder executivo (governadores das unidades federativas e presidente da república).
As nuances temáticas particulares	No primeiro enunciado (ANEXO 1), assim como nos enunciados quatro e sete (ANEXOS 4 e 7), a página cria uma série espacial para debater acerca das fake news, bastante comuns no período eleitoral, a fim de esclarecer a realidade por trás de mentiras inventadas, que, na visão da página, comprometeriam o período eleitoral. Nos enunciados dois, cinco, seis e oito (ANEXOS 2, 5, 6 e 8), os enunciadorees buscaram apresentar as últimas notícias acerca do período eleitoral, apresentando também seu ponto de vista acerca de cada uma das situações ocorridas. Por fim, nos enunciados três, nove e dez (ANEXOS 3, 9 e 10), ainda que haja certo distanciamento temático, proporcionando discrepância em relação aos demais

⁴⁶ No item seguinte, 4.1.3, intitulado o horizonte axiológico, uma discussão e uma apresentação de dados obtidos na própria página mostram de forma mais profícua as atitudes de valor assumidas pelos interlocutores da página.

	enunciados, os temas gerados também atendem ao cronotopo e, portanto, o horizonte temático atende ao tema geral, isto é, as eleições 2018. Deste modo tem-se (a) no terceiro enunciado, um debate acerca da escravidão e de como este período reflete na atual conjuntura; (b) no nono enunciado, movimentos femininos que se colocam contra um candidato específico, em virtude de suas declarações misóginas e machistas; e (c) no décimo enunciado, reflexões acerca de como a ideia de violência e crime é bastante deturpada por quem defende a pena de morte.
--	---

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Assim sendo, na próxima seção, passamos a discutir acerca de como este horizonte temático e de como este momento histórico e refletido nas atitudes de valor dos usuários da rede social, especialmente, dos internautas que acessam o Quebrando o Tabu.

4.1.3 O horizonte axiológico

Ao tratarmos do horizonte axiológico dos enunciados, entendemos que essa axiologia, ou atitudes de valor dos interlocutores frente aos enunciados se dão de duas formas: (1) a apreciação valorativa e ideológica dos produtores dos enunciados, tendo em vista seu público alvo e o campo da atividade humana no qual estão inseridos; (2) a avaliação dos interlocutores frente a este “novo enunciado” com o qual interagem. No segundo caso, conforme explorado teoricamente no capítulo dois deste trabalho, observamos que a rede social selecionada para o estudo do gênero “post”, isto é, o *Facebook*, em seu todo arquitetônico, desenvolveu formas para que os usuários expressassem suas atitudes axiológicas (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926) frente aos enunciados. São elas as ferramentas: (a) reagir/curtir, (b) comentar e (c) compartilhar.

No que consiste cada uma dessas ferramentas? A ação de reagir/curtir trata das atitudes de valor imediatas dos usuários da rede frente a um enunciado do gênero “post”. É possível reagir com cinco formas, expressadas por *emojis*, que são recursos de natureza verbo-visual, conforme exploramos no capítulo anterior. A ferramenta comentar trata da possibilidade de interação por meio de um enunciado-resposta do gênero “comentário”. O primeiro recurso valorativo, isto é, as reações, também se destina para valorar comentários. Por último, cada usuário da rede tem um microblog, ou seja, sua própria página, que apresenta o conteúdo que o usuário cria e

compartilha. Assim sendo, o internauta pode compartilhar em sua “timeline” enunciados com os quais concorda ou discorda, a fim de levar a discussão para seus amigos.

Passamos agora a apresentar como o horizonte axiológico funciona nas mediações do gênero post no *Facebook*. Ao olharmos para o corpus desta pesquisa, observamos que a página “Quebrando o Tabu”, por sua grande abrangência, lida com altos números de reações, comentários e compartilhamentos. Obviamente, o *Facebook* disponibiliza dados quantitativos acerca de cada uma delas. Nosso objetivo, neste momento, é apresentar e catalogar tais dados para que possamos analisá-los qualitativamente.

Tomemos como base, a figura a seguir em que um infográfico, elaborado por nós, resume as interações para o enunciado “*Top fake news da semana #2*” (ANEXO 1), publicado em 3 de setembro de 2018. Cerca de oito mil reações foram destinadas ao post, que ainda contou com 327 comentários, cerca de mil e cem compartilhamentos e cerca de 217 mil visualizações.

Figura 6: Atitudes valorativas frente ao enunciado "Top fake news da semana #2"



FONTE: elaborado pelo autor a partir de informações da página "Quebrando o Tabu" da rede social Facebook.

Ao olharmos para tais reações, é possível pensarmos na postura axiológica assumida pelos usuários da rede frente a este enunciado. Por mais que dados quantitativos sejam disponibilizados, é possível enxergá-los de um ponto de vista qualitativo. Cerca de cinco mil pessoas usaram a ferramenta "curtir" para reagir a esta publicação, conforme o gráfico acima, totalizando cerca 63,1% das reações obtidas. Isso significa que a grande maioria dos usuários aprovou o conteúdo e a publicação de uma forma geral.

Porém, vários usuários também usaram a ferramenta "haha" para valorar o enunciado ora em questão. Talvez essa seja a reação axiológica mais difícil de interpretar, pois ela pode significar tanto ironia, quanto divertimento. Se o riso é irônico, é provável que as atitudes valorativas tenham sido negativas para a página. Pelo fato de o conteúdo da página não ser restrito, usuários de pensamentos contrários também podem reagir, comentar e compartilhar os posts desta página. Além da ironia desta

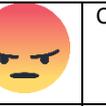
ferramenta, existe a possibilidade de se mostrar divertido pelo conteúdo. Esta última interpretação pode ter sido a mais comum entre os usuários que interagiram por meio desta ferramenta, pois a construção do post e os recursos trazidos refletem humor, de certa forma.

Por seguinte, temos a reação “amei”, somando cerca de 1400 de usuários que a usaram para valorar tal enunciado. De acordo com a figura 5, isto representa cerca de 17,7% das reações, confirmando, portanto, que a maioria dos usuários valorou positivamente o conteúdo da publicação. Somado o número de usuários que reagiram por meio da ferramenta “amei” e “curtir”, tem-se um valor de acima de 70% das reações destinadas ao post. É correto afirmar, assim sendo, que o post foi valorado positivamente em relação aos propósitos discursivos do enunciado e amplamente aceito.

Em menor proporção, foram usadas as ferramentas “grr”, “ual” e “triste”, que foram usadas por 13, sete e dois usuários, respectivamente. Isso mostra que as informações situadas nesta postagem específica proporcionaram poucas avaliações negativas em relação ao posicionamento da página em relação ao conteúdo temático, mostrando que o posicionamento e a forma de enxergar dos usuários é muito parecida com o conteúdo da página. Ideologicamente, portanto, os internautas identificam-se com o conteúdo da página. É possível atestar esse fato ainda pelo número alto de pessoas que compartilharam o conteúdo, isto é, cerca de 1100 compartilhamentos.

Ainda, isto acontece com todas as postagens publicadas pela página? A fim de tornar mais visível, elaboramos o seguinte quadro para resumir a forma como os usuários reagiram em cada postagem dos enunciados que compõem o corpus de pesquisa desta dissertação. Destacamos a reação usada de forma majoritária:

Quadro 11: Atitudes valorativas dos internautas frente aos enunciados da página “Quebrando o Tabu”⁴⁷

Dados sobre as atitudes valorativas dos internautas frente aos enunciados								
							Comentários	Compartilhamentos
Vídeo 1	5000	1400	1500	7	2	13	327	1100
Vídeo 2	34000	12000	928	185	87	1400	18000	83000
Vídeo 3	8500	1500	16	38	463	8	474	7500

⁴⁷ A rede social disponibiliza apenas dados aproximados a partir da unidade de milhar, ou seja, recursos que extrapolam mil interações. Por isso é possível, apenas, apresentar números aproximados, acima de mil. Nos destaques que fizemos no quadro, usamos negrito para a reação majoritária e itálico para a segunda reação mais usada.

Vídeo 4	9000	2400	1300	17	22	55	900	3900
Vídeo 5	25000	5400	3000	149	83	314	7000	21000
Vídeo 6	10000	2500	2600	53	26	26	2500	9600
Vídeo 7	4600	1200	1100	12	4	16	708	1200
Vídeo 8	5500	1100	735	35	29	25	712	4800
Vídeo 9	64000	40000	2900	329	93	355	16000	86000
Vídeo 10	17000	6800	3600	160	30	145	6800	23000

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de dados da página “Quebrando o Tabu”, no *Facebook*.

Tendo em vista, portanto, as reações majoritárias usadas pelos internautas em relação aos posts em formato de vídeo, conclui-se que a página é apreciada positivamente na maior parte dos casos. Como se trata de uma página, ou seja, seu conteúdo é aberto para todos os usuários da rede, algumas das pessoas, que reagiram de forma negativa podem ser: (1) usuários que *não concordam com o conteúdo específico e com o posicionamento axiológico da página em relação ao tema abordado no enunciado*; (2) usuários que *não concordam com o posicionamento da página, de forma geral, mas buscam segui-la e acompanhá-la para que possam debater acerca dos temas abordados nos enunciados*. Chegar a uma conclusão de quantos internautas pertencem a cada grupo não é possível, uma vez que uma análise de seus perfis e dos conteúdos que seguem e que postam em suas respectivas páginas seria necessária.

Além das atitudes valorativas por parte dos usuários, há ainda a atitude valorativa dos produtores dos enunciados, isto é, da página “Quebrando o Tabu”. Escolhas de linguagem, seja ela oral, escrita ou semiótica, dispõem e revelam a forma como os enunciadore valoram o tema que propõem a discutir em seus enunciados. Desta forma, podemos sumarizar o horizonte axiológico no quadro a seguir:

Quadro 12: Horizonte axiológico

A forma como valoram os enunciadore	Os enunciadore usam recursos linguísticos e/ou semióticos para estabelecer propósitos interacionais, valorando, assim, o horizonte temático, à medida que constituem seus próprios enunciados.
A forma como seus enunciados são valorados por seus interlocutores	Os interlocutores, em virtude dos recursos dispostos na rede social, dispõem de três recursos digitais para mostrar seu posicionamento axiológico: (a) as reações contidas na rede (curtir, amei, haha, uau, triste e grr) para estabelecer as emoções sentidas no momento em que entram em contato com o conteúdo disposto; (b) a possibilidade de constituir um enunciado-resposta por meio do gênero comentário, para explicar por meio de recursos verbais e semióticos sua valoraçãõ acerca de como o tema é valorado

	pelos enunciadores; e (c) a ferramenta “compartilhar” para transferir o conteúdo para seus próprios microblogs na rede social, para que outros usuários conectados ao usuário, que entrou em contato com o conteúdo da página, também possam valorar da mesma forma como fora feito inicialmente.
--	---

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passemos agora a discutir a dimensão verbo-visual para que possamos entender como tais elementos de força social influenciam diretamente nos enunciados ora analisados.

4.2 A DIMENSÃO VERBO-VISUAL DO GÊNERO “POST”

Nesta seção, objetivamos apresentar reflexões analíticas acerca da dimensão verbo-visual dos enunciados, principalmente, relacionadas ao **conteúdo temático**, ao **estilo linguístico/semiótico** e à **construção composicional**. Desta forma, retomaremos discussões teóricas dos capítulos segundo e terceiro para que possamos subsidiar as reflexões analíticas da presente seção.

Primeiramente, o conteúdo temático em relação aos multiletramentos é influenciado pelo uso de imagens como recurso axiológico para favorecer o posicionamento dos enunciadores. Conforme esclarece Bakhtin (2016[1952-53]), o conteúdo temático é um reflexo de um horizonte social maior que se manifesta em um dado enunciado a partir do tema que nele é explorado. Assim sendo, tais ideias corroboram com o que defendem os estudiosos de Nova Londres, pois os aspectos tecnológicos e digitais, de acordo com os autores, trazem mudanças significativas no universo dos diversos domínios do trabalho, da vida pública, do ponto de vista econômico e social, etc. Entende-se, portanto, que tais mudanças estão inseridas num escopo social e que, portanto, são tematizadas nos enunciados.

Em relação ao estilo linguístico, conforme já foi mencionado, tratamos dos usos de linguagem, seja de um ponto de vista gramatical, fraseológico e lexical, diretamente relacionado à situação de enunciação. De acordo com Cope e Kalantzis (2009), além dos aspectos verbais, sejam orais e escritos, é necessário a observância de recursos de imagem, sejam elas estáticas (fotografias) ou em movimento (gifs e vídeos, por exemplo); recursos de espaço, isto é, a organização do cenário, palco, estúdio em que o enunciado é produzido; recursos de som, ou seja, música e efeitos sonoros de

diversas naturezas; recursos táteis como a textura e os relevos que constituem os enunciados; e recursos de natureza gestual e de posição corporal.

Entendemos que essa orientação de Cope e Kalantzis (2009) não exclui e nem reinventa as proposições de Bakhtin e do Círculo, mas complementa-as, tendo em vista os anseios da enunciação nos tempos atuais. Como os teóricos do Círculo viveram e produziram em um período em que a cultura impressa e escrita era muito comum e, ainda, não presenciaram o advento da cultura midiática e, por fim, da cibercultura, esses autores não ativeram a tais aspectos, aos quais se referem Cope e Kalantzis. Entretanto, como já mencionamos neste trabalho, Bakhtin e o Círculo já antecipavam que aspectos semióticos constituíam o enunciado, principalmente, por tratarem e se interessarem especialmente pelo campo da produção cultural artístico-literária.

Por fim, quanto à construção composicional, entende-se que a linearidade e a organização dos enunciados estão condicionadas aos designs e aos links e hiperlinks que se constituem no todo arquitetônico da rede social em que está vinculado o enunciado do gênero “post”. Deste modo, existem uma pré-disposição, definida pela rede social, de como o enunciado será formatado, e uma série de recursos semióticos e linguísticos que podem ser adotados pelos enunciadores para constituir um dado enunciado. Passemos a observar estas características nas subseções seguintes.

4.2.1 O conteúdo temático

Ao apresentarmos a discussão acerca do conteúdo temático do gênero “post”, é fundamental atentarmos para questões relacionadas ao horizonte axiológico, pois conforme Rojo e Barbosa (2015), o acento valorativo é o que dá tom ao tema e a forma como ele será tratado no enunciado. As autoras ainda asseveram que o tema está diretamente relacionado à ideologia, uma vez que a forma valorativa com que se apresenta uma temática no enunciado, faz reverberar uma ideologia, isto é, a posição assumida diante de uma esfera ideologicamente organizada.

Para Acosta Pereira (2012), o conteúdo temático não trata apenas de um assunto explanado ao longo de um dado enunciado, mas de uma construção semântica que envolve o todo enunciativo, uma vez que não há como desvencilhá-lo de sua dimensão social. Rodrigues (2001) assevera que o conteúdo temático é

totalmente intrínseco ao gênero, pois este em si não pertence ao enunciado, mas ao gênero em toda a sua constituição.

Inicialmente, no capítulo segundo, especificamente, no quadro 2, apresentamos as temáticas principais que circundam os enunciados selecionados para a constituição do *corpus* desta pesquisa. Ainda, naquele momento, asseveramos acerca de que os temas, de um modo geral, se entreteciam no todo enunciativo, formando um enunciado genuíno com suas próprias características estilístico-composicionais que apontavam para a apresentação do conteúdo temático.

Majoritariamente, os enunciados selecionados para o nosso trabalho voltam-se para o conteúdo temático da política nacional e internacional, pois no momento histórico em que estão vinculados os enunciados, o país passava pelo processo de sufrágio universal para escolha de representantes dos poderes executivo e legislativo, isto é, deputados, senadores, governadores e o presidente da república. Isso suscitou não apenas debates relacionados ao aparecimento de grupos antagônicos e da divisão do país entre progressistas e conservadores, mas também de notícias falsas publicadas diariamente por seguidores de ambos os grupos. Tais notícias ficaram conhecidas por *fake news*.

No primeiro enunciado selecionado (ver a transcrição no Anexo 1), os produtores, ou, ainda, a página Quebrando o Tabu, publicam um vídeo para desmistificar *fake news* relacionadas ao processo eleitoral. Em tom sarcástico e humorístico, e com um posicionamento axiológico contrário às *fake news*, Mariana França, apresentadora da página Quebrando o Tabu, introduz a temática ao dizer:

Como minha avó já dizia: **a mentira possui várias versões, mas existe uma verdade.** É por isso que eu estou aqui. Não é pra militar, não é pra lacrar. **Estou aqui para mostrar a verdade.** E a primeira delas é: **não foi minha avó que falou aquilo que eu disse antes** (ANEXO 1, grifos nossos).

Daí em diante, é possível perceber que diversos recursos interdiscursivos são trazidos pelos enunciadores para estabelecer o propósito daquilo que se deseja expor. Várias imagens e trechos de vídeos advindos de outros enunciados são usados pelos produtores, de forma a construir o todo do conteúdo temático.

A apresentadora opta por discutir cinco *fake news*: (1) a apologia do Partido dos Trabalhadores ao relacionar seu maior expoente, o **ex-presidente** da república, Luís Inácio Lula da Silva, à imagem de Jesus Cristo, figura relacionada à cultura

judaico-cristã, especialmente católica; (2) a **candidatura** de Suzane Von Richtofen, conhecida por planejar o assassinato dos pais, para **deputada estadual** pelo estado de São Paulo; (3) as lamentações do, até então, **deputado estadual** e, atualmente, **deputado federal** pelo estado do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo, pela morte de um traficante de drogas; (4) o uso de aplicativos eletrônicos usados por **dirigentes de campanha** do até então **candidato à presidência** da república e atual **presidente** da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro; e, (5) a possível saída da cantora *drag queen*, Pablo Vittar, do Brasil, em caso de vitória do então **candidato** Jair Bolsonaro.

Como podemos perceber, até mesmos pelos destaques acrescentados por nós, todo o conteúdo do vídeo, de alguma forma, volta-se para o conteúdo temático das eleições no país. Isso revela, portanto, a efervescência desse conteúdo nas redes sociais e de sua relevância, pois o vídeo contou com cerca de 217 mil visualizações, praticamente um mês antes das eleições em primeiro turno que aconteceram em 7 de outubro de 2018.

Além disso, a dualidade estabelecida entre progressistas e conservadores trouxe novos temas para o enunciado: (1) a religião e a fé relacionadas à política; (2) problemas de corrupção e criminalidade na política nacional; (3) o tráfico de drogas e suas interfaces na sociedade; (4) a distribuição de informação enganosa em massa na mídia; e (5) o risco trazido à comunidade LGBT por discursos políticos.

Além disso, recursos interdiscursivos que revelam o posicionamento axiológico do produtor do enunciado são usados na constituição do tema de seu enunciado, porém, em diálogo com o conteúdo temático que o envolve. Ao desmistificar a primeira *fake new*, recorre-se a elementos da cultura popular nacional e internacional, conforme destacado no trecho a seguir:

[...] A notícia que começou a viralizar por conta de um tweet, ainda terminava dizendo: “Católicos, fiquem atentos!” Mas, na verdade, o cara, que estava conversando com Jesus Cristo, não é o Lula. Nada mais é que o Nicodemos. Quem é Nicodemos, gente? O artista que fez a ilustração é o italiano chamado Stefano Pachi. Mozzarella.

[Personagem de filme]: Spaghetti, tortellini, ravioli, zucchini.

[Mariana França]: E que provavelmente, ele não tá nem aí pra gente. Agora, essa paranoia precisa terminar. Porque se a gente for chamar qualquer cara barbudinho de apologia ao Lula, então vamos cancelar **Senhor dos Anéis**, **Harry Potter**, **Kill Bill** e, ainda por cima, o **Papai Noel**, porque, além de barbudo, usa roupa vermelha (ANEXO 1, grifos nossos).

A *fake new* relacionada a este primeiro momento tratava da imagem do ex-presidente, Luís Inácio Lula da Silva, conversando com Jesus Cristo, mas, conforme destacado no próprio enunciado, tratava-se de uma ilustração de um artista italiano. A *fake new*, portanto, consistia em características físicas semelhantes do homem representado na ilustração com o ex-presidente. Para posicionar-se axiologicamente contra a relação de homens com barba branca a Lula, os enunciadores mencionam três filmes bastante conhecidos do público: Senhor dos Anéis, Harry Potter e Kill Bill, além do Papai Noel, figura comercial relacionada ao principal feriado cristão, que representa o nascimento de Jesus. Em Senhor dos Anéis, o personagem *Gandalf*, um mago, tem longa barba branca, bem como o personagem *Alvo Dumbledore*, da série de filmes Harry Potter, e *Pai Mei*, do filme Kill Bill. Ao passo que a apresentadora mencionava cada um deles, as imagens a seguir eram apresentadas ao fundo:

Figura 7: Personagens mencionados no vídeo “Top fake news da semana #2”⁴⁸



Fonte: elaborado pelo pesquisador, a partir de *prints* de tela da página *Quebrando o Tabu*. Da esquerda para a direita: *Gandalf* (Senhor dos Anéis), *Alvo Dumbledore* (Harry Potter), *Pai Mei* (Kill Bill) e *Papai Noel* (da cultura judaico-cristã).

Concebemos as imagens e recursos de natureza semiótica como aspectos relacionados ao estilo, que será discutido na próxima seção. Entretanto, neste momento, já é possível perceber que a natureza multissemiótica do enunciado (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996]) influencia na discussão do tema proposto pelos autores do Círculo, pois, de acordo com o próprio Bakhtin (2016[1952-53]), o estilo é intrínseco ao tema. Tais recursos de natureza multissemiótica contribuem para o estabelecimento do tema, pois fazem parte de um horizonte espacial e temporal comum dos espectadores, fazendo com que estabeleçam uma relação entre tais elementos com seus enunciados de origem (VOLOCHÍNOV, 2017[1929]).

Segue-se ainda a discussão de outras fake news relacionadas a este enunciado. A exemplo do que apresentamos anteriormente, ao passo em que a apresentadora discorre suas apresentações, várias vezes o recurso se repete, isto é, imagens são usadas para apresentar o tema, ou relacioná-lo a interdiscursos que servirão de base para o propósito discursivo-enunciativo. A seguir, buscamos apresentar um quadro para sumarizar o conteúdo temático de todos os enunciados:

⁴⁸ O link de acesso para este vídeo é o seguinte: < <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/605545146509602/>>; Acesso em 7 de outubro de 2019.

Quadro 13: Conteúdo Temático

O conteúdo temático geral dos enunciados	Todos os enunciados analisados debruçam-se sobre “as eleições no Brasil do período de 2018”. Deste modo, ainda que outros temas tenham sido apresentados ao longo dos enunciados, este conteúdo temático geral prevaleceu em todos os enunciados.
As particularidades dos enunciados	Alguns temas transversais foram apresentados ao longo do enunciado. Entretanto, esses temas estão conectados com o conteúdo temático principal. Nos enunciados um, quatro e sete, os enunciadores explanaram acerca das <i>fake news</i> que circularam ao longo do período eleitoral. Nos enunciados dois, cinco, seis e oito, os enunciados organizam-se propriamente em trazer as últimas informações pertinentes acerca do período eleitoral. Ainda, no enunciado três, discute-se acerca da forma como o período escravocrata reflete a situação atual da comunidade negra no país; no enunciado nove, há a inserção do grupo feminino no debate das eleições, especialmente, relacionado a um candidato, que não obteve grande sucesso com este público, em virtude de suas declarações em desfavor a este mesmo grupo; por fim, no enunciado décimo, há uma discussão acerca da violência e do não-entendimento por parte da população no que concerne a este tema. Porém, este tema é esclarecido pela página, por causa do debate criado no amplo espaço das eleições de 2018.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passamos agora a discutir acerca do estilo linguístico/semiótico, que contribui para o entendimento do tema, bem como para entender o sentido semântico-objetual dos enunciados. Ainda, as atitudes valorativas dos produtores dos enunciados se mostram por meio destes estilos de linguagem que foram utilizados na constituição dos enunciados como um todo.

4.2.2 O estilo linguístico/semiótico

O estilo linguístico/semiótico é assim discutido, neste trabalho, por entendermos, na visão de Bakhtin (2016[1952-53]), que este trata dos recursos de natureza linguística, gramatical, fraseológica, lexical, etc., que constituem os enunciados. Porém, ao adotarmos a perspectiva dos multiletramentos, entendemos que os enunciados passam a ter uma dimensão verbo-visual (ACOSTA PEREIRA, 2008) e, portanto, múltiplas linguagens se entrecruzam no todo enunciativo. Temos, então, o “semiótico” representando essas múltiplas linguagens que atuam no enunciado. Assim sendo, a imagem, o som, o movimento e outros recursos, como os esquemas de cores, as escolhas de fonte e o timbre de voz de um falante são recursos

estilísticos, uma vez que relacionam-se com o extra-verbal e determinam o acento valorativo que vai ao encontro do conteúdo temático expresso pelo campo da atividade humana no qual se situa o gênero do discurso.

Primeiramente, portanto, do ponto de vista dos registros linguísticos nos enunciados ora selecionados para o presente estudo, predominantemente, temos o uso de **linguagem oral**, pois, em todos os vídeos, os vlogueiros e os trechos de vídeos da internet selecionados para conduzir o caráter satírico-humorístico são oralizados. Entretanto, por uma questão que condiz com o posicionamento ideológico da página, a todo momento, legendas foram disponibilizadas, em **formato escrito**, para que pessoas com deficiência auditiva pudessem acompanhar a discussão e o conteúdo publicado pela página. A figura a seguir é um exemplo da constituição da legenda dos enunciados, que mostra linguagem oral e linguagem escrita interagindo no mesmo espaço:

Figura 8: Print de tela da página “Quebrando o Tabu” – a legenda de acessibilidade



Fonte: elaborado pelo pesquisador, a partir de print de tela da página *Quebrando o Tabu*.

Nesta última figura⁴⁹, é possível observar que a fala da apresentadora, Mariana França, é descrita na legenda para que maior acessibilidade de conteúdo seja disponibilizada a todos os públicos. Outra regularidade em todos os vídeos que compõem o *corpus* desta pesquisa é a marca da página “Quebrando o Tabu” no canto

⁴⁹ Esta figura está vinculada ao vídeo 4, que foi transcrito no Anexo 4 deste trabalho.

superior direito da tela, usado como recurso de estilo, para apontar a autoria dos enunciados, o que poderia ser considerado um recurso estilístico individual, aquele que Bakhtin (2016[1952-53]) discute ao dizer que o autor também confere suas próprias marcas estilísticas ao enunciado. Esta marca de estilo individual e, por assim dizer, de autoria, também, é marcada no canto inferior esquerdo da tela com a apresentação do nome da pessoa representada no vídeo, neste caso, a vlogueira, Mariana França. Logo abaixo, estão suas credenciais digitais para vinculação de conteúdo em redes sociais.

Além destes aspectos de linguagem e de autoria, na figura, ainda, é possível notar outros dois aspectos estilísticos: (1) o primeiro em relação ao **posicionamento espacial** dos vlogueiros na tela: em todos os vídeos analisados, os vlogueiros ocupam uma posição central, assim como o é em muitos veículos jornalísticos; (2) o **plano de fundo** escolhido. Em verde, vários ícones remetem à tecnologia, redes sociais e internet, focalizando e estabelecendo, portanto, a ideia de que o Quebrando o Tabu veicula seu conteúdo por meio de mídias digitais on-line. Isso é marcado por globos, caixas de texto, notas musicais, laptops, tablets e smartphones, por exemplo.

Dois dos enunciados, porém, mostram-se discrepantes, neste sentido. Apesar de haver a mescla entre linguagem oral e escrita, por parte da fala e das legendas, da marcação da autoria, o plano de fundo temático e a centralização não aparece em três materiais: no **vídeo 3** (ANEXO 3), por se tratar de um programa de auditório, apresentado pelo humorista Fábio Porchat, na companhia de um comentarista e da cantora, Gabi Amarantos; no **vídeo 9** (ANEXO 9), por se tratar de uma documentação de um protesto de mulheres que se manifestavam contrárias às ideias do então candidato à presidência da república, Bolsonaro; e, por último, no **vídeo 10** (ANEXO 10), sobre a afirmação de que “bandido bom, é bandido morto”. Notamos, neste casos, também, que não há centralização dos falantes, como nos demais vídeos, o que pode ser averiguado na imagem a seguir:

Figura 9: Descentralização dos falantes e ausência de plano de fundo



Fonte: elaborado pelo pesquisador, a partir de prints de tela da página *Quebrando o Tabu*. Da esquerda para a direita: **vídeo 3** (ANEXO 3), **vídeo 9** (ANEXO 9) e **vídeo 10** (ANEXO 10).

Outras faces semióticas, porém, são observadas, não apenas na última imagem, mas também em todos os demais posts analisados: a **gestualidade** e a **expressão facial** dos envolvidos nos posts do *Quebrando o Tabu*. A todo momento, os vlogueiros e apresentadores estão usando as mãos e seus rostos para produzir linguagem. Notamos, na maioria dos casos, maiores movimentos de inquietude e expressões corporais mais latentes, quando tratavam de assuntos delicados, a exemplo do racismo, da violência e do feminicídio. O mesmo pode ser averiguado, quando observamos a expressão facial dos protagonistas dos vídeos. Exasperação, repulsa, indignação frente ao momento histórico foram veiculadas aos semblantes de todos os participantes dos vídeos.

Em outro exemplo, podemos constatar o uso de música, isto é, de sonoridade, como aspecto estilístico que compõe o enunciado. Ao discorrerem acerca das Fake News da semana, os produtores explanam acerca da então candidata à vice-presidência da república, Manuela D’Ávila (ANEXO 7). No vídeo em questão, a apresentadora Mariana França revela que

[Mariana França]: Primeira fake news: Manuela D'Ávila tem tatuagens de Lênin e Che Guevara em seu corpo. Eu poderia ficar aqui falando horas, dizendo o porquê de que essa notícia é falsa, mas eu apenas vou mostrar a imagem que anda circulando por aí. A gente vive dizendo que brasileiro é o dono da internet. Pra vocês ficarem aí, passando vergonha. *Até uma figurinha de chiclete seria mais verdadeira do que essa imagem photoshopada [sic] safada e sem-vergonha, né?* A Manuela D'Ávila não tem essas tatuagens e, muito menos, é ela **dançando neste vídeo, que anda circulando por aí, infelizmente!** (ANEXO 7, destaque e grifo nossos).

Neste momento, temos três linguagens semióticas interagindo para dar o tom argumentativo ao que está sendo exposto. (1) Primeiramente, temos as **imagens** de Manuela D'Ávila com suas supostas tatuagens, homenageando ditadores de esquerda altamente conhecidos. O tom axiológico dos produtores do enunciado se dá no trecho destacado acima, pelo uso das palavras “photoshopada”, que se refere ao uso de mecanismos para alterar a imagem original, “safada” e “sem-vergonha”. As escolhas lexicais provam que os autores não concordaram de forma alguma com a forma como as *fake news* foram produzidas em relação à então candidata. (2) Em seguida, duas outras linguagens interagem no mesmo momento, a da **sonoridade** e a do **movimento**. Uma mulher, muito parecida com a então candidata, aparece dançando na rua, tendo a música “*The less I know the better*” (em tradução livre, “Quanto menos souber, melhor”). A escolha da música revela dois sentidos bastante significativos: (a) as fake news tem o objetivo de deturpar a realidade, portanto, na visão de um produtor deste tipo de conteúdo, entende que quanto menos seu interlocutor souber, melhor; (b) o ritmo e a musicalidade dos instrumentos estão em sintonia com o ritmo da dança e dos movimentos realizados pela pessoa no vídeo. Na imagem a seguir é possível observar estes dois pontos:

Figura 10: Supostas imagens de Manuela D'Ávila com tatuagens e dançando



Fonte: elaborado pelo pesquisador, a partir de prints de tela da página *Quebrando o Tabu* (vídeo 7)

Na figura, é possível observar dois elementos imagéticos bastante importantes: (1) a faixa presidencial, que é destinada àqueles que ocupam o cargo da presidência da república federativa do Brasil (Manuela era candidata à vice-presidência da república; (2) a imagem de Ernesto Che Guevara, guerrilheiro marxista argentino, conhecido por sua luta por pautas de esquerda. Além disso, como recurso para formatar o vídeo, os produtores inseriram a moldura de um balão de conversa do aplicativo “WhatsApp”, onde circulam geralmente as *fake news*.

Percebemos, assim, que todas as linguagens, propostas por Cope e Kalantzis (2009) estão presentes nos enunciados analisados, pois foi possível verificar o uso de *imagens estáticas*, *imagens em movimento*, *musicalidade* e *sonoridade*, *movimentos*, *gestualidades* e *expressões faciais*, *linguagem oral* e *linguagem escrita*, além da disposição dos *elementos de fundo* e da *organização do background*. Tudo isso caracteriza tais enunciados como multissemióticos.

Passemos agora a discutir os estilos linguísticos, tendo em vista a proposta de Bakhtin (2016[1952-53]), ao explicar acerca de que tais recursos têm natureza gramatical, fraseológica e lexical.

Inicialmente, ao pensarmos no ponto de vista **morfológico** entendemos que se trata de uma categoria que compreende a observância da formação e da classificação das palavras. Não queremos, porém, classificar as palavras que mais apareceram nos enunciados analisados. Buscamos, entretanto, analisá-las do ponto de vista de sua realização em virtude dos propósitos discursivos de seus enunciadores.

Inicialmente, ao analisarmos nossos enunciados, percebemos que em diversos momentos, os enunciadores, apesar de fazer uso da língua portuguesa em quase que na totalidade dos enunciados, se apropriaram de palavras **estrangeiras**, senão de frases inteiras. Quanto ao uso dos vocábulos, observou-se grandes quantidades de **adjetivos**, para estabelecer posicionamentos axiológicos, verbos, predominantemente, no **presente do modo indicativo** e no **pretérito perfeito do indicativo**, sugerindo a afirmação de atitudes recorrentes e a narração de eventos passados; e, ainda, uso de **pronomes pessoais** e de **substantivos próprios** desempenhando as principais funções em sintagmas nominais.

Primeiramente, observamos o uso de expressões em língua estrangeira nos vídeos **1, 4, 5, 6, 7 e 8**, sem contarmos com a expressão *fake news* que, substancialmente, fez-se presente em quase todos os enunciados. Na maior parte dos casos, com exceção do vídeo 1, que apresenta algumas expressões da língua italiana, todos os demais apresentam expressões em língua inglesa. Entendemos, portanto, que tal fenômeno se dá por conta da hegemonia da língua inglesa no cenário mundial e pelo fato de o inglês ser um dos instrumentos mais recorrentes no mundo globalizado, ou seja, um reflexo da discussão que anteriormente propomos acerca das aceleradas mudanças na vida social, trazida por novas tecnologias e pelo acesso que estas proporcionam. Ainda, destacamos que as escolhas se devem, também e principalmente, ao conteúdo temático dos enunciados.

A grande maioria das palavras em língua inglesa aparece em trechos de outros enunciados trazidos de forma interdiscursiva para o texto, isto é, trechos de filmes, de games e de vídeos extraídos de plataformas da internet. São expressões simples e bastante conhecidas dos falantes de língua portuguesa, ainda que não seja um falante proficiente da língua estrangeira em questão: “[Nicolas Cage]: *Ok, thanks* [Está bem,

obrigado]. [Shao Khan – personagem da franquia de games “*Mortal Kombat*”]: *Finish him!* [Acabe com ele]” (ANEXO 1, destaques nossos).

No primeiro caso, trata-se de um filme interpretado pelo ator Nicolas Cage em uma cena em que algo é esclarecido e, ainda que um pouco confuso, o personagem agradece a explicação e se senta para continuar ouvindo. No segundo caso, discute-se a polarização política instaurada no país, que já discutimos na seção acerca do horizonte espacial e temporal. A vlogueira esclarece que muitos eleitores estão escolhendo lados e brigando freneticamente para defender seus políticos. Para tanto, faz uso da expressão *Choose your fighter* (Escolha seu lutador) e, em seguida, acrescenta a famosa expressão do personagem *Shao Khan*, um dos lutadores da franquia de jogos *Mortal Kombat* que, sempre que um lutador vence o confronto, utiliza a mesma expressão para dizer ao vencedor que finalize o adversário com um golpe mortal ou com um movimento especial.

Ainda, ressaltamos o caráter argumentativo por meio do uso de **adjetivos** e **advérbios**. É claramente possível entender o posicionamento axiológico dos enunciadores frente ao tema discutido e ao conteúdo temático que o envolve. No exemplo a seguir fica claro tal posicionamento por meio dos usos dos adjetivos “baixa”, “grosseira” e “violenta”:

[Fabrício Andrietta]: Com as campanhas anti-Bolsonaro ganhando cada vez mais força, uma parte de seus eleitores está **desesperada**. Atacando de forma **baixa**, **grosseira** e, até mesmo, **violenta** todos os que estão se posicionando contra o candidato (ANEXO 6, grifos nossos).

Ao refletir acerca da polarização política e da forma como os movimentos político-partidários se davam no momento da eleição presidencial, Fabrício Andrietta, repudia e considera em tom negativo a forma como os apoiadores de Jair Bolsonaro se posicionam, revelando, portanto, não apenas seu próprio posicionamento contrário, mas o da página “Quebrando o Tabu”, como um todo. O vlogueiro atrela os adjetivos que usa para descrever a atitude dos eleitores de Bolsonaro, tendo em vista sua atitude “desesperada”. Novamente, parece ser este um indício de caracterizar a atitude deste grupo de eleitores como algo negativo, dando tom por meio da palavra “desesperada”.

No caso dos **tempos verbais** predominantes nos enunciados, encontramos as formas verbais no **presente do modo indicativo** e no **pretérito perfeito** também do

modo indicativo. Duas razões são bastante latentes no uso das formas: (1) ao usar o presente do modo indicativo, os produtores dos enunciados, muitas vezes, estavam *esclarecendo notícias falsas e, portanto, como este tempo verbal lida com hábitos rotineiros, verdades universais e ideias imutáveis, é usado como forma de estabelecer verdade naquilo que se está expondo*; (2) quanto ao uso de formas verbais no pretérito perfeito do modo indicativo, esclarecemos que *este tempo verbal foi usado para narrar “fake news” que já haviam sido expostas em um momento passado recente.* Passemos aos exemplos:

[Vídeo 1] Quarta fake news: essa **é** sobre uma pessoa que vai aparecer bastante aqui nesse canal. Tem rodado pelo WhatsApp um tal aplicativo voltado ao candidato. Claro, só **baixa** quem quer. Mas o que ele **faz** é, no mínimo, curioso. O próprio app **começa** a disparar em todos os seus grupos e na sua timeline notícias sobre o candidato. “Ué, mas, se o cara **gosta** do Bolsonaro, qual que **é** o problema de o aplicativo fazer isso por ele?” (ANEXO 1, grifos nossos).

[Vídeo 3] E não é que **trouxeram** os negros. **Arrancaram** de lá, **mataram, estupraram, torturaram, botaram** num navio trancado, em um lugar que cabia cinco pessoas, botavam cinquenta, que ficaram lá durante dois meses, vivendo sem respirar ar puro (ANEXO 3, grifos nossos).

Do ponto de vista **sintático**, a análise nos permitiu constatar que existe influência da edição dos enunciados, tornando a discussão das estruturas sintáticas mais desafiadoras. Em primeiro lugar, é possível constatar que mesmo que grande parte dos registros sejam orais, e que haja uma inserção no campo cotidiano, também existe um planejamento prévio antes da filmagem propriamente. Assim sendo, constatamos que nos vídeos em que há maior planejamento, isto é, gravados em estúdio, existe maior complexidade sintática, fazendo com que os enunciados sejam constituídos, em sua maioria, por **períodos compostos**. Em contrapartida, os enunciados, que são menos planejados e não gravados em estúdio, apresentam uma construção de **períodos simples**, engajados no todo enunciativo.

Inicialmente, os enunciados que apresentam períodos compostos em sua constituição, apresentam, também, ocorrências de orações **coordenativas** e **subordinativas**. No caso das orações coordenativas, a maior parte das ocorrências apontam para orações dos tipos *adversativas* e *explicativas*. Também há uma grande ocorrência de orações aditivas, porém, essas aparecem, em muitos dos casos, introduzidas pela conjunção “e”, como uma forma de continuação da enunciação

viciosa. A seguir, extraímos alguns trechos em que essas ocorrências estão presentes.

No primeiro vídeo (Anexo 1), por exemplo, ao abordar a temática das *fake news*, o deputado federal, Marcelo Freixo, insere uma oração coordenativa adversativa, por meio da conjunção “mas”, para desmentir a informação da oração principal em que apresenta a *fake new*, ora discutida:

[Marcelo Freixo]: A gente foi surpreendido com um twitter falso que começou a circular pelas redes sociais, que tem a minha foto, tem o meu nome, **mas ele é acompanhado de uma logo, escrito STF [Superior Tribunal Federal]**. Super tweet fictício. O que já mostra que é uma suposta brincadeira (ANEXO 1, grifo nosso).

A oração grifada no último trecho mostra as relações dialógicas que se dão entre o horizonte espacial e temporal e, também do ponto de vista axiológico, pois o enunciador, neste momento, usa a adversidade presente na estrutura gramatical para se contrapor às *fake news* das quais tinha sido vítima. Essa ocorrência também responde ao momento histórico, pois o período eleitoral trouxe consigo muitas notícias falsas, e os candidatos, por sua vez, muitas vezes precisaram defender-se de tais notícias com declarações como essa.

O uso de outra oração coordenativa adversativa também ocorreu no vídeo 5, quando o vlogueiro Fabrício Andrietta toma o momento histórico como justificativa para o uso da estrutura:

[Fabrício Andrietta]: Olha, General Mourão, eu queria muito te xingar agora de nomes feios, **mas, como o momento pede reconciliação, eu vou me segurar**. E eu peço que você faça o mesmo! (ANEXO 5, grifo nosso).

Neste momento específico, a oração coordenativa refere-se às declarações do então candidato à vice-presidência da república, Hamilton Mourão, ao afirmar que seu posicionamento ideológico tendia à violência e que, portanto, ele e seus demais seguidores saberiam como lidar com esta.

O uso de orações coordenativas explicativas aparece também em grande quantidade. Estas orações, de forma geral, são introduzidas pelas expressões “ou seja”, “pois” e “porque”. Vejamos os exemplos a seguir:

[Vídeo 2] [...] Ele é destinado à orientação sexual de alunos do 6º ano 9º ano, **ou seja, crianças de 11 a 15 anos** (ANEXO 2, grifo nosso).

[Vídeo 5] [Fabrício Andrietta]: A esquerda, por exemplo, tratou de bater o martelo, dizendo que aquilo tudo não passava de armação, **porque não tinha sangue jorrando, tipo de filme do Tarantino** [...] (ANEXO 5, grifo nosso).

No primeiro exemplo [Vídeo 2], o vlogueiro Fabrício Andrietta discute acerca de um livro que o então candidato à presidência da república havia apontado como parte daquilo que chamou de “kit gay”. O candidato ainda afirmou que o livro era uma série de ensinamentos sobre práticas sexuais para crianças. Por isso, o enunciado esclarece a informação enganosa informando e explicando por meio desta estrutura sintática, explanando quem seriam as crianças. No segundo exemplo [Vídeo 5], ao discutir a respeito da facada que Jair Bolsonaro teria levado naquelas mesma semana, o vlogueiro estabelece uma explicação para as afirmações que os opositores ao candidato fizeram ao dizer que não havia nenhuma facada e de que se tratava de uma jogada eleitoral para angariar votos.

Ainda em relação às estruturas, observamos um grande registro de orações subordinativas. Destas, as classificações principais são: **adjetivas e adverbiais**. Das orações adjetivas presentes no enunciado, todas são explicativas, isto é, caracterizam por meio de explicação de quem se trata. As orações adjetivas, ainda, são subordinadas e dependentes de um elemento da oração principal. Este termo, necessariamente, é um sintagma nominal e, portanto, pode ser uma pessoa, entidade, local, etc. Deste modo, as orações subordinativas adjetivas explicativas foram usadas para adicionar informações, tendo em vista de que grande parte do conteúdo buscava esclarecer notícias falsas. Encontramos também, ao analisarmos os enunciados, a ocorrência de uma oração adjetiva restritiva. Passemos aos exemplos:

[Vídeo 2] Olha, se tem uma coisa que eu não queria mais fazer, era estar aqui, de novo, para falar daquele, **cujo nome não deve ser mencionado** (ANEXO 2, grifo nosso).

[Vídeo 2] O que ocorreu na ocasião, foi um Seminário LGBT, **cujo tema era “infância e sexualidade”** (ANEXO 2, grifo nosso).

[Vídeo 3] [Gabi Amarantos]: E tem gente **que tá querendo que a ditadura volte** (ANEXO 3, grifo nosso).

Nestes trechos estão grifadas as orações subordinativas adjetivas explicativas. No primeiro trecho, o autor se vale de ironia e de uma relação interdiscursiva. Isso se dá justamente pelo uso da oração adjetiva: “cujo nome não deve ser mencionado”. Ao

construir seu enunciado por meio desta oração, o autor faz referência ao personagem da série de filmes *Harry Potter*, Lorde Voldemort. Entretanto, neste caso, transfere-se para a característica de não ser nomeado, para o então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro.

No segundo trecho, ao discutir as declarações do candidato supracitado, é mencionado um seminário que, supostamente, de acordo com o então candidato, seria uma subversão aos valores e costumes morais, pois tinha objetivo de sexualizar as crianças do país. O autor introduz a temática do seminário por meio de uma oração adjetiva, dizendo: “cujo tema era ‘infância e sexualidade’”. Em seguida, o vlogueiro explica que o seminário na verdade tratava de assuntos relacionados à sexualidade e ao desenvolvimento infantil, mas não se tratava de apologias à pornografia e à erotização, como quisera fazer entender o candidato.

No terceiro e último exemplo, encontramos um exemplo de *oração adjetiva do tipo restritiva*. As orações restritivas têm por objetivo também caracterizar um termo de um sintagma nominal, porém, diferentemente das explicativas, essa caracterização está relacionada a criar domínios de pertencimento de entidades ou pessoas a um determinado grupo. Neste caso, a oração “...que tá querendo que a ditadura volte” foi uma forma de a enunciadora identificar um grupo que se mostra pró-ditadura. A discussão se dava por conta de muitas pessoas não levarem os períodos históricos a sério e acabarem sofrendo consequências severas tentando repeti-los.

Ainda, houve ocorrências de orações subordinativas do tipo adverbial e, novamente, pela vontade enunciativa dos locutores, estas orações são do tipo **conformativas** e **temporais**. A fim de esclarecer acerca das notícias falsas que circulavam na rede, os autores dos posts trouxeram dados de fontes confiáveis para o conteúdo do enunciado, introduzidos por orações subordinativas adverbiais conformativas. Seguem exemplos da ocorrência:

[Vídeo 2] **De acordo com a assessoria de imprensa da editora**, o livro NUNCA foi comprado pelo MEC (Ministério da Educação), como também nunca fez parte de um suposto ‘Kit Gay’ (ANEXO 2, grifo nosso).

Essa sequência adverbial destacada no trecho trata da oração adverbial conformativa, que tem o verbo elíptico, inferido pelo contexto, traz informações acerca do livro que era apresentado pelo atual presidente, Jair Bolsonaro, como pertencente ao “Kit Gay”.

Quanto às orações adverbiais temporais, o exemplo: “Por outro lado, a gente sabe muito bem como o candidato e seus seguidores reagiram **quando o mesmo aconteceu com os seus opositores**” (ANEXO 5, grifo nosso) remete à facada tomada pelo agora presidente da república por parte de um opositor. A oração destacada no último trecho remete ao fato de que Bolsonaro não teria demonstrado a mesma simpatia que seus adversários políticos, quando um fenômeno parecido havia acontecido com eles.

Por último, ainda, ressaltamos que houve ocorrências de **períodos simples**. Como já discutimos, estas ocorrências podem ter se dado por duas razões: (1) *pela fluidez e dinâmica da linguagem oral espontânea, sem grandes planejamentos*; (2) *pela edição dos vídeos em que partes do discurso original acabam por ser suprimidas*. De todo modo, se observarmos o trecho a seguir, percebemos que não há qualquer ocorrência de coordenação ou subordinação nos enunciados:

[Vídeo 9]

[Falante 1]: Nós estamos aqui contra o Bolsonaro!

[Falante 2]: Contra o Bolsonaro!

[Falante 3]: A favor da democracia!

[Falante 4]: Nenhuma de nós três é petista! Não é evento partidário (ANEXO 9).

Neste caso específico, nosso olhar nos permitiu concluir de que se trata de uma interferência da edição a ocorrência de períodos simples, pois, ao analisarmos esse trecho inseridos em seu real contexto, isto é, com imagens e com as vozes dos falantes, percebe-se o corte editorial. Ainda que não seja possível assistir ao vídeo na íntegra, a transcrição feita mostra que a alternância dos falantes no enunciado é rápida e fruto da edição. O que acontece no caso seguinte é fruto da primeira hipótese da qual lançamos mão para explicar a ocorrência. Trata-se de um caso em que o usuário não teve grandes planejamentos e deixou a fluidez da oralidade interferir diretamente no enunciado:

[vídeo 10] [Vlogueiro do Quebrando o Tabu]: Só um convite à reflexão. Olha a frase: “Bandido bom é bandido morto!”. Vamos tentar analisar isso. Quem é o bandido? **O bandido é o assassino, o bandido é o traficante, é o corrupto, enfim, é o pedófilo e etecetera, né?** Todos esses são bandidos (ANEXO 10, grifo nosso).

Ainda que, no trecho destacado, haja uma relação de coordenação, todas essas ocorrências são *assindéticas*, conforme destacado no último trecho. Para resumir as ideias trazidas ao longo desta seção, o quadro a seguir foi elaborado:

Quadro 14: Estilo linguístico/semiótico

Os aspectos multissemióticos que envolvem os enunciados	Conforme explanamos na primeira parte desta sub-seção, os estilos se mesclam no todo enunciativo, fazendo com que imagem, som, movimento, linguagem verbal e não-verbal, como o posicionamento dos enunciadores, ao longo do enunciado, estejam presentes em todos os enunciados analisados. Esta característica multissemiótica, que relacionamos ao estilo, é a característica mais regular.
Estilos linguísticos	Destacamos portanto, quanto aos estilos de língua usados ao longo dos enunciados: (a) o uso de estrangeirismos; (b) adjetivos para caracterização e operadores argumentativos, que fortaleceram o posicionamento axiológico frente ao conteúdo temático dos enunciados; (c) predominantemente, o uso de verbos no presente do modo indicativo ao tratar de dados recentes e emergente, e o pretérito perfeito do modo indicativo para narrar eventos passados findados, que estabelecem relações com o conteúdo temático dos enunciados; (d) orações coordenativas adversativas e explicativas, que reforçaram o posicionamento valorativo frente ao conteúdo temático latente e o uso de orações subordinativas dos tipos adjetivas e adverbiais, com a mesma finalidade; por fim, (e) períodos simples, em virtude da fluidez e dinamicidade dos falantes e da edição comum a todos enunciados.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Passemos, por fim, a observar a construção composicional que se organiza a partir das necessidades específicas da rede social e do campo da atividade humana no qual estão inseridos os enunciadores, para fazer ecoar o conteúdo temático e os estilos de linguagem dos enunciados.

4.2.3 A construção composicional

Por último, ainda, discutimos a construção composicional dos enunciados analisados. De acordo com Costa-Hübes (2017), a construção composicional é fluída e dinâmica e aponta para a identificação do gênero em si, porém esta não deve ser vista como um item no qual todos os enunciados devem se formatar. Conforme Rojo e Barbosa (2015), a construção composicional está a serviço de fazer ecoar o tema dos enunciados.

Inicialmente, ao analisarmos estes enunciados percebemos uma grande similaridade encontrada na forma como eles são compostos e como eles são apresentados. Todos eles apresentam as seguintes características:

- (1) O **título** do “post”: neste item específico, os autores do enunciado apresentam em palavras gerais o assunto que será abordado ao longo do enunciado, de forma que exista uma relação entre o conteúdo temático estabelecido ao longo do enunciado e, também, que seja atrativo ao interlocutor para que o enunciado seja lido/visualizado/apreciado;
- (2) A **autoria** do “post”: a rede social prevê um espaço para que o produtor ou aquela página, responsável pela postagem do vídeo, seja identificada logo em seguida;
- (3) A **data de publicação** do “post”: neste aspecto a própria rede social, o *Facebook*, por assim dizer, apresenta o momento em que foi publicado o “post” na rede social;
- (4) As **informações axiológicas** do “post”: este aspecto composicional permite ao usuário a checagem de informações de caráter valorativo em relação ao enunciado. Tais informações são apresentadas na seguinte ordem: (a) o número de reações (apresenta-se o três emojis mais usados para reagir diante do enunciado); (b) o número de comentários; (c) o número de compartilhamentos; (d) o número de visualizações;
- (5) A **descrição** do “post”: neste momento, em linhas gerais e, majoritariamente, valendo-se de linguagem verbal escrita, o produtor do enunciado explicará o conteúdo do post. No caso dos enunciados analisados, todo “post” é vídeo. Portanto, esse aspecto torna-se uma leitura prévia antes que se assista o vídeo em si;

A título de exemplificação, na imagem a seguir estão demonstrados todos esses aspectos de natureza composicional do gênero “post”:

Figura 11: Aspectos composicionais do gênero discursivo “post”, a partir do vídeo “PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #5”



Fonte: elaborado pelo autor, a partir de print de tela da página “Quebrando o Tabu”, no *Facebook*.

Além disso, em grande parte dos vídeos, notamos outras regularidades na organização dos enunciados. Tais enunciados apresentam “legendas” na mesma língua em que os interlocutores estão falando, isto é, a língua portuguesa. Este fenômeno composicional revela-se, principalmente, em virtude da função social da página “Quebrando o Tabu. Sua intenção é ser inclusiva e atingir vários grupos marginalizados socialmente, portanto, a legenda em língua portuguesa facilita o acesso de pessoas com deficiência auditiva aos enunciados postados. Ao analisarmos este aspecto composicional, percebemos, assim, que o recurso composicional da legenda é empregado para que uma necessidade interacional seja suprida.

Além desta composição, formatada pela rede social em tais aspectos, notamos um padrão nos vídeos 1, 2, 4, 5, 6, 7 e 8. Estes vídeos foram produzidos em estúdio e apresentam várias edições. Inicialmente, os produtores introduzem o tema para que, em seguida, comecem a discorrer acerca dos assuntos do vídeo. Há também a alternância entre a fala de um dos apresentadores e de trechos de vídeos da internet. Essa estrutura comum foi usada nos vídeos por duas razões: (1) *produzir ironia e*

humor frente ao conteúdo que se apresentava; (2) reforçar um ponto de vista por meio da apresentação de uma imagem ou vídeo.

A partir das análises desenvolvidas, destacamos que o recurso de edição e da alternância entre a fala do vlogueiro e os trechos de vídeos da internet para efeitos de humor são os mais recorrentes. Dado o caráter do campo cotidiano que permeia os enunciados analisados, o recurso reforça a ironia por meio desta edição, fazendo com que seja um aspecto composicional bastante presente no todo enunciativo. Vejamos um exemplo:

[Mariana França]: Só que não! Tem eleitor tão desesperado pra que seu candidato ganhe que fica espalhando notícia falsa por aí. E isso é de todos os lados. E é por isso que estou aqui! O que você está esperando pra curtir a nossa página Quebrando o Tabu? O Daciolo descer do monte?

[Trecho de vídeo da internet]: **Glória! Glória a Deus!** (ANEXO 7, grifo nosso).

Logo no início do enunciado, a vlogueira introduz o tema do vídeo, em seguida, pede aos interlocutores que sigam o canal e curtam o vídeo para ter acesso a mais conteúdo como o do presente vídeo. Por fim, aproveitando a temáticas das eleições, cita o então candidato, Cabo Daciolo, que pertence a uma ala política mais religiosa e conservadora. Internautas de toda a rede criaram efeitos de humor com as falas do candidato por seu posicionamento, tom de voz e por começar todas as suas declarações com a sequência de frase que está destacada no trecho acima. O mesmo é feito pelo “Quebrando o Tabu”, que também faz a alternância de vozes com o objetivo de criar efeitos de humor e ironia. Porém, no segundo caso, a alternância serve como um fator argumentativo para confirmar aquilo que se deseja apresentar:

[Fabrício Andrietta]: Vale lembrar que todos os outros candidatos foram solidários ao Bolsonaro. Por outro lado, a gente sabe muito bem como o candidato e seus seguidores reagiram quando o mesmo aconteceu com os seus opositores.

[Notícia jornalística (apenas texto)]: *Bolsonaro sobre Dilma: “Espero que saia; infartada, com câncer, de qualquer jeito”.*

[Notícia jornalística (apenas texto)]: *Bolsonaro ironiza tiros contra a caravana de Lula e atribui ataque ao próprio PT.*

[Notícia jornalística (apenas texto)]: *De treze candidatos, só Bolsonaro ignorou a morte de Marielle.*

[Notícia jornalística (apenas texto)]: *Bolsonaro já defendeu a tortura e o fuzilamento de FHC. Veja o vídeo. A entrevista foi dada em 1999,*

quando o deputado já tinha 44 anos, ou seja, não era nenhum garoto (ANEXO 5, destaques nossos).

Neste caso, é possível observar claramente que as notícias subsequentes à fala do vlogueiro visam apenas a reforçar o seu propósito interacional. Isso mostra, portanto, que, em ambos os casos, tanto no uso da alternância de vozes na composição textual, seja ela para fins de produção de humor ou ironia, ou para o estabelecimento de propósitos argumentativos mais sérios e permeados de críticas sociais, que Bakhtin estava certo ao afirmar que a estrutura é relativamente estável e está a serviço dos propósitos interacionais.

Apesar deste aspecto composicional aparecer na maioria dos enunciados que analisamos, nos enunciados 3 e 10 não há alternância por meio de edição, apesar de que, pelo fato de haver um diálogo entre três pessoas no vídeo 3, há alternância, mas não da forma como vimos que, geralmente, se constrói ao longo dos demais enunciados. Ainda, destacamos que a alternância de vozes também se fez presente no vídeo 9, mas, novamente não da mesma forma que nos demais vídeos. Apesar de haver edição e alternância, apenas a fala das entrevistadas é usada na composição do enunciado, ou seja, todo o vídeo foi produzido com a voz dos entrevistados em ato contra o então candidato, Jair Bolsonaro.

A própria edição e o uso de *referências interdiscursivas* para a constituição do todo enunciativo destes enunciados nos fizeram chegar à conclusão de que a predomina, nos enunciados, a **argumentatividade** e, em proporção menor, a narração, como já ficou explícito nos usos de verbos no pretérito perfeito do modo indicativo que já discutimos na seção acerca do estilo. Percebemos a argumentação como predominante pelo caráter persuasivo dos enunciados e, ainda, pelo uso de elementos estilísticos como orações coordenativas adversativas e orações subordinativas adjetivas. Ainda que em menor proporção, verbos no imperativo davam tom de persuasão ao longo dos enunciados.

Por fim, destacamos que apesar de haver discrepâncias na construção composicional dos enunciados que analisamos, muitas regularidades foram encontradas, tendo em vista (1) o padrão organizacional da rede social; (2) a influência do estilo jornalístico midiático na vida cotidiana; e, por último, e mais importante, (3) pela vontade enunciativa dos interlocutores. Assim sendo, a construção composicional do “post” segue alguns aspectos “relativamente estáveis”

(BAKHTIN, 2016[1952-53]), mas acaba por apresentar uma gama de recursos que torna cada um dos enunciados único.

Por fim, ainda, apresentamos o quadro a seguir para sumarizar as ideias contidas nesta subseção:

Quadro 15: Construção Composicional

Os aspectos composicionais dispostos no todo arquitetônico	Ao analisarmos os enunciados, constatamos as características composicionais comum a todos eles, em virtude da construção arquitetônica da rede social. Destacamos a presença dos seguintes elementos em todos os enunciados: (a) título; (b) autoria; (c) data de publicação; (d) informações acerca da valoração dada pelos interlocutores; e, por fim, (e) a descrição, que funciona como uma ideia geral acerca do conteúdo do enunciado.
Características composicionais-enunciativas	Destacamos (a) o uso de ironia e humor na constituição dos enunciados para aproximar-se dos interlocutores e lhes imprimir deleite e alegria; (b) o reforço argumentativo por meio da apresentação de imagens e vídeos, que mantêm relações interdiscursivas com os demais enunciados da web; por fim, (c) a predominância de narração e argumentação para o estabelecimento da valoração dada ao conteúdo temático.

Fonte: elaborado pelo pesquisador

Por último, apresentamos as considerações finais deste trabalho, em que respondemos aos questionamentos de pesquisa, bem como sumarizamos as ideias relacionadas à dimensão social e à dimensão verbo-visual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir enunciados na hipermodernidade significa lidar com gêneros do discurso elaborados que têm dimensões semióticas que vão além dos registros escritos e orais. As imagens, o som, o movimento, as expressões faciais, a organização do espaço e a disposição dos seres que interagem por meio de enunciados, inseridos em novas mídias, são fatores que devem ser observados e devem ser considerados na composição de um dado gênero do discurso. Desta forma, inicialmente, propomos um estudo do gênero discursivo “post”, amparados pela rede social *Facebook*. Para tanto, selecionamos textos publicados no mês de setembro de 2018 para constituir nosso corpus de pesquisa.

Antes de chegarmos aos resultados obtidos nas análises, ao confrontarmos os estudos do Círculo de Bakhtin com as perspectivas de estudo dos multiletramentos, pudemos conferir a algumas considerações:

- (1) Do ponto de vista social, autores como Rodrigues (2001; 2005), Acosta Pereira (2008; 2012), Brocardo (2015) e Costa-Hübes (2015; 2017), já tomavam a dimensão social do trabalho com os gêneros do discurso, concebendo o *horizonte espacial e temporal*, o *horizonte temático* e o *horizonte axiológico* (VOLOSCHINOV; BAKHTIN, 1926), como membros constituintes daquilo que se chamou **dimensão social**. A partir desta premissa inicial dos autores, consideramos a multiculturalidade proposta pelo Grupo de Nova Londres (2006[1996]), um conceito que se entretetece com as prerrogativas destas ideias, trazendo grupos minoritários para que se olhasse para seu lugar e momento histórico, a maneira como seus anseios e características se manifestam nos enunciados e as atitudes de valor dada por esses grupos do ponto de vista da produção de seus enunciados;
- (2) Ainda, quanto à **dimensão verbo-visual** (BRAIT, 2004; 2013; ACOSTA PEREIRA, 2008), que compreende o *conteúdo temático*, o *estilo linguístico* e a *construção composicional* (BAKHTIN, 2016[1952-53]), acrescentamos a perspectiva do Grupo de Nova Londres (2006[1996]) e de Cope e Kalantzis (2009) acerca da multissemiótica. Essa noção trouxe para a perspectiva dialógica de Bakhtin uma composição de múltiplas linguagens atreladas ao gênero.

Daí em diante, percorremos os enunciados da página “Quebrando o Tabu”, na rede social *Facebook* para encontrar os elementos que constituíssem a dimensão social e a dimensão verbo-visual do gênero “post”. Como o estudo desse gênero depende de múltiplos fatores, inclusive da rede social em que está inserido e da dimensão semiótica principal em que se realiza, optamos por analisar “posts em vídeo”, por acreditarmos que estes poderiam nos dar resultados mais significativos, em virtude do escopo teórico e da perspectiva metodológica à qual nos inserimos.

Para que possamos apresentar nossas considerações finais, precisamos retomar nossas perguntas de pesquisa. A primeira delas foi “*Como o gênero do discurso “post em Facebook” é configurado, a partir de sua dimensão social, isto é, do ponto de vista de seu horizonte espacial e temporal, de seu horizonte temático e de seu horizonte axiológico?*” A partir das análises desenvolvidas neste trabalho, como resposta para esta pergunta inicial, temos:

- (1) Do ponto de vista do **horizonte espacial e temporal**, o gênero post dá origem a um enunciado que responde às necessidades mais contemporâneas a ele mesmo. No caso específico que analisamos, as eleições gerais, que elegeria o presidente da república, os governadores dos estados, os senadores e os deputados federais e estaduais, influenciaram diretamente na constituição do gênero, pois tais aspectos foram fortemente acentuados e abraçados nos enunciados analisados. Chegamos à conclusão de que o gênero, embora apresentem várias das características de um jornalismo midiático, pertence ao domínio da vida cotidiana;
- (2) Do ponto de vista do **horizonte temático**, os enunciados pertencentes ao gênero “post” foram constituídos por arcabouço trazido pelo momento histórico que definiu seu conteúdo temático, qual seja, as eleições. As temáticas da violência, dos direitos da mulher e dos homossexuais, as notícias falsas e as discussões acerca de raça e de períodos ditatoriais foram abarcadas pela política e refletiram na temática maior, a eleição;
- (3) Quanto ao **horizonte axiológico**, entendemos que os modos de agir e as mídias digitais proporcionaram um acesso maior à informação. Esta chegou a um número maior de pessoas de diferentes idades, raças, orientações sexuais, ideologias e proveniências. Isso tudo fez com que cada um reagisse à sua maneira diante dos enunciados. Especificamente, o gênero conta com recursos multimidiáticos para que o posicionamento axiológico acontecesse. Desta

forma, (a) reações como “curtir”, “amei”, “haha”, “ual” e “grr”, na arquitetura da rede social nos mostraram como se sentiram os internautas, quando viram os posts que analisamos. O número de compartilhamentos e o número de comentários também fizeram com que pudéssemos enxergar a orientação axiológica dos interlocutores, uma vez que o uso dessas ferramentas revela atitudes valorativas. Assim sendo, com base nos dados dispostos nesta pesquisa, entendemos que a maior parte dos usuários que entraram em contato com os enunciados, valoraram-no positivamente.

A partir desta análise dos componentes da dimensão social, entendemos os aspectos de natureza sócio-enunciativa dos textos analisados. Em seguida, pudemos adentrar na configuração dos enunciados do ponto de vista de sua dimensão verbo-visual, sem perder de vista os aspectos inicialmente analisados. Deste modo, também, pudemos responder ao nosso segundo questionamento de pesquisa: *“Como o gênero do discurso post em Facebook é configurado, a partir de sua dimensão verbo-visual, isto é, do ponto de vista de seu conteúdo temático, de seu estilo linguístico e de sua construção composicional, enquanto produtos de práticas multiletradas situadas?”* Ao tomarmos os trabalhos dos multiletramentos, atrelados às discussões acerca dos gêneros do discurso, chegamos às seguintes conclusões:

- (1) Quanto ao **conteúdo temático**, este se revela por meio de referências a outros enunciados e por meio de relações interdiscursivas trazidas para o texto por meio de imagens, estáticas ou não, sons, organização espacial, etc. Por isso, nos enunciados, analisados neste trabalho, mostram um conteúdo temático que emana de seu escopo social para a linearidade da superfície textual, dando a ela, vida e significação;
- (2) Por seguinte, entendemos que o estilo linguístico precisava ser chamado de **estilo linguístico/semiótico**, uma vez que confirmamos a presença de muitas das faces semióticas propostas por Cope e Kalantzis (2009), como a imagem estática, a imagem em movimento, o som, o posicionamento, a projeção do ambiente e as expressões faciais. Entretanto, a representação tátil, que compreende os sentidos, tais como cheiro e sentimento de relevos, não foi encontrada nestes enunciados. Percebemos, ainda, a presença da linguagem oral e da linguagem escrita, atuando juntas por uma necessidade de inclusão social, reforçando a ideia multicultural (GRUPO DE NOVA LONDRES, 2006[1996]). Quanto à natureza linguístico-enunciativa dos enunciados que

analisamos, ainda, ocorrências de (a) *palavras em língua estrangeira* para estabelecer relações com a emergência do mundo globalizado; (b) *adjetivos* para caracterização e estabelecimento de ponto de vista axiológico, de forma a estabelecer novos paradigmas quanto à temática; (c) predominância de *verbos no presente do modo indicativo*, ao apresentar fatos e realidades em contraponto às notícias falsas, que tematizaram os enunciados, e, ainda, forte presença de *verbos no pretérito perfeito do modo indicativo* para narrar eventos do passado, relevantes na discussão apresentada nos enunciados; (d) presença de *orações coordenativas de caráter adversativo e explicativo*, dando tom argumentativo ao passo em que as fake news estavam sendo desmentidas; (e) *presença de orações subordinativas adjetivas e adverbiais* como forma argumentativa de posicionamento frente ao tema; (f) presença de *períodos simples* quando houve maiores edições ou fluidez e dinamicidade de fala, sem grandes preparos;

- (3) Por fim, do ponto de vista da **construção composicional**, destaca-se (a) os *aspectos composicionais pré-dispostos pela rede social*, com o intuito de marcar aspectos de identificação, tais como, data de publicação, título, autoria, a expressão axiológica dos interlocutores, etc.; (b) *o uso da alternância de diferentes vozes, seja pelo fluidez do processo interacional ou pela edição ao longo dos enunciados*; e (c) *a predominância de seqüências textuais/discursivas do tipo argumentativa*, tendo em vista as escolhas estilísticas ao longo do enunciado.

Deste modo, consideramos o gênero “post” em rede social, um gênero que atende aos anseios da hipermodernidade, uma vez que sua orientação enunciativo-interacional se apropria de recursos semióticos e multimídia em sua composição, além de escrita e fala, marcadas por usos de linguagem argumentativos. Destacamos, por último, que estes aspectos de natureza linguística e semiótica estão a serviço de uma vontade enunciativa maior, marcada por tempo, espaço, tema e valoração.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir para os estudos em Linguística Aplicada, principalmente, para os trabalhos que buscam focar na pesquisa dos gêneros do discurso em perspectiva dialógica. Ainda, esperamos servir de base para aqueles que pautam sua investigação nos gêneros do discurso para o ensino, uma vez que o gênero ora selecionado é previsto para a prática docente em sala de aula na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017).

Entendemos, por fim, que a discussão sobre o gênero do discurso “post” não está esgotada. Ao contrário, há inúmeras outras possibilidades de pesquisa que poderão explorá-los, seja do ponto de vista de outras abordagens de estudos dos gêneros ou por pesquisadores que se dedicam ao ensino da Língua, pois, como mencionamos, o documento oficial, que rege a prática docente em sala de aula, prevê o trabalho por meio deste gênero. Ressaltamos por fim que esta nova diretriz foi promulgada e, portanto, deve ser seguida. Assim sendo, esta pesquisa poderá servir de base para os pesquisadores que precisarem de aporte teórico metodológico para propor encaminhamentos de práticas de ensino em contexto escolar.

REFERÊNCIAS

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **O gênero jornalístico notícia – dialogismo e valoração**. 2008. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2008.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. Gêneros do discurso: experiências psicossociais tipificadas. **Letra Magna**. Ano 7, n. 14, 2008, s.p. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/psicossociais.pdf>> Acesso em: 28 maio 2018.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, jan./jun. 2010.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. 2012. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2012.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Por uma análise dialógica do discurso. In: ALVES, Maria da Penha Casado; VIAN JR, Orlando (Orgs.). **Práticas discursivas: Olhares da Linguística Aplicada**. Natal: EDUFRN, 2015. p. 61-84

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; OLIVEIRA, Amanda Maria de. Análise dialógica do conteúdo temático em gêneros do discurso. In: **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão-PR, v.9, n. 16, jan/jun. 2020.

ARAÚJO, Júlio. Reelaborações de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e o ensino de línguas: o que temos a aprender?** 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. (1928). **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro-RJ: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. (1979). **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (1952-53). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. (1950). Diálogo I: A questão do discurso dialógico. In: BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 113-124.

BALTAR, Marcos; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; ZANDOMENEGO, Diva. **Leitura e Produção textual Acadêmica**. Florianópolis-SC: FFL/CCE/UFSC, 2011.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução do inglês por Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

BHATIA, Vijay (1993). **Analysing genre**: Language use in professional settings. New York: Routledge, 2013.

BORTONI-RICARDO. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRAIT, Beth. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. **Trabalho, educação e saúde**. Rio de Janeiro, 2 (1): s/p, Mar. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462004000100003&lng=pt&tlng=pt>; Acesso em 09 jul. 2020.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e no Círculo. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012.

BRAIT, Beth. Olhar e ver: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua estrangeira (3a e 4a ciclos). Brasília-DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília-DF, 2017.

BROCARD, Rosângela Oro. **O gênero carta do leitor em diferentes suportes e mídias**: uma análise de aspectos linguístico-discursivos. 2015, 200 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, UNIOESTE, Cascavel-PR, 2015.

CAMPOS, Karlene do Socorro da Rocha. **Gênero digital Homepage em educação online**: uma análise sociorretórica bidimensional. 2014, 308 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, PUC-SP, São Paulo, 2014.

CASTRO, Gilberto de. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: DE PAULA, Luciane. **Círculo de Bakhtin**: teoria incansável. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2010.

CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in Late Modernity**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CIAVOLELLA, Bruno. **Multiletramentos em contexto de escola pública**: linguagens e sentidos nas e sobre as redes sociais. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2015.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução do inglês por J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Londres/Nova York: Routledge, 2009.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Os Gêneros do Discurso como Instrumentos para o Ensino de Língua Portuguesa: Perscrutando o Método Sociológico Bakhtiniano como Ancoragem para um Encaminhamento Didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 13-34.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em ciências humanas sob um viés bakhtiniano. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.5, n.9, p. 552-568, dez. 2017a.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A prática de análise linguística no ensino fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**, Vitória (ES), V. 7, N. 14, p.270-294, 2017b.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”. In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006. p. 45-65.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Arned, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUJISAWA, Kátia Sayuri. **Facebook**: Arquitetônica que organiza interações. 2015, 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Leitores, espectadores e internautas**. Tradução do espanhol por Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2013.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

IZIDÓRIO, Fernanda. **Facebook**: espaço de interação e aprendizagem colaborativa no processo de construção da língua materna e do letramento digital. 2016. 125 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Programa de mestrado profissional em Letras, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2016.

KATO, Mary Aizawa. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LEMKE, Jay. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. In: **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 49, n. 2, s.p., jul./dez. 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução do francês por Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Raquel Freitas de. **O par post/comentário em rede social**: um estudo a partir da noção de gêneros textuais. 2015, 183 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. Novos Letramentos: perspectivas atuais para o ensino de inglês como língua estrangeira. In: **Signum**. Estud. Ling., Londrina-PR, n. 17/1, p. 102-129, jun. 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/17354/14771>; Acesso em 02 set. 2020.

MEDVIÉDEV, Pável Nokoláievich. (1928). **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução do russo por Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2016.

MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

NEW LONDON GROUP. [1996]. A pedagogy of multiliteracies: Designing Social Futures. In: COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Orgs.) **Multiliteracies**: Literacy Learning and the Design of Social Futures. Londres/Nova York: Routledge, 2006.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Facebook: um estado atrator na internet. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. **Redes sociais e o ensino de línguas**: o que temos a aprender? 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação (SEED). **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba-PR: Secretaria de Estado da Educação, 2008.

PINTO FILHA, Maria das Dores de Lima. **Relações dialógicas no gênero postagem de Facebook sobre o processo eleitoral de 2014**. 2017, 60 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RENFREW, Alastair. *Mikhail Bakhtin*. Tradução do inglês por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

REZENDE, Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues. **Hipergênero e sistema de hipergenericidade**: análise do funcionamento discursivo do Facebook. 2015, 69 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2017.

RIBEIRO, Camila Belizário. **Gêneros Discursivos e Atos de fala no Facebook**: Uma análise de posts e memes relacionados às eleições para a presidência do Brasil em 2014. 2015. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Lisboa, 2015.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo**: cronotopo e dialogismo. 2001, 374 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de estudos pós-graduados em Linguística Aplicada e estudos da linguagem (LAEL), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo-SP, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2005. p. 152-183.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística Aplicada**: ensino de língua materna. Florianópolis-SC: LLV/CCE/UFSC, 2011.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso nas aulas de Língua Portuguesa: (re)discutindo o tema. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes do; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014. p. 35-56.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Orgs). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2005. p. 184-207.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento In: MOITA-LOPES, Luiz Paulo da (Org). **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Letramentos Múltiplos**, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues Rojo. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Orgs.). **Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. In: _____ (Org). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo-SP: Parábola, 2013. p. 13-36.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MELO, Rosineide de. Letramentos contemporâneos e a arquitetura Bakhtiniana. In: **D.E.L.T.A.** v. 33, n. 4, 2017, p. 1271-1289.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** 2. ed. Editora brasiliense: São Paulo, 1986.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. In: **Bakhtiniana**. São Paulo. v. 9, n. 2, 2014, p. 206-216.

SANTOS, Josefa Maria dos. **O Facebook como ferramenta para o ensino do gênero cartaz de protesto**. 2015, 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SEMCZESZ, Sandy Karine Lima dos Santos. **Dizeres sobre o aborto no espaço digital**: uma análise discursiva. 2017, 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, UNICENTRO, Guarapuava-PR, 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo-SP: Cortez, 2007.

SILVA, Elaine Cristine Fernandes da. **Projeto de Letramento em sala de aula**: Uma experiência com leitura de gêneros textuais em sala de aula. 2015, 189 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa, PUC-SP, São Paulo, 2015.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307 - 322, maio/ago. 2018.

VOLOCHÍNOV, Valentin N. **A construção da Enunciação e outros ensaios**. São Carlos-SP: Pedro & João, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLOSCHINOV, Valentin. N.; BAKHTIN, Mikhail. M. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Trad. De Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

APÉNDICE

LEVANTAMENTO DE PESQUISAS QUE CORROBORAM COM O ESTUDO ORA PROPOSTO

O Círculo de Bakhtin contribui de forma acentuada aos estudos da(s) linguagem(ns). Isso se dá pelo fato de que os trabalhos desenvolvidos apresentam um pensamento bastante original e crítico em relação às principais correntes teóricas que lhes eram contemporâneas. Volochínov (2017[1929]) tomam o dialogismo, num sentido amplo, considerando as práticas de uso da linguagem, inseridas num determinado espaço e num determinado momento histórico, como concepção filosófica de linguagem.

Mais tarde, Bakhtin (2011[1979]) trata dos “gêneros do discurso”, como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, observando-os do ponto de vista de seu cronotopo, de sua axiologia e dos elementos constituintes do gênero, isto é, o conteúdo temático, o estilo linguístico e a construção composicional. Rodrigues (2001) propõe, com base no pensamento bakhtiniano, duas dimensões inextricáveis para considerarmos ao estudarmos um gênero: a dimensão social e a dimensão verbal.

A dimensão social trata dos aspectos extraverbais dos enunciados e, de acordo com Rodrigues (2001), abarca o horizonte espacial e temporal (o momento histórico e o lugar, onde o enunciado se situa), o horizonte axiológico (a atitude valorativa frente aos enunciados, tanto por parte de quem o produz, como de seus interlocutores) e o horizonte temático (como o tema do enunciado se manifesta em relação aos aspectos sociais). Ainda, a dimensão verbal tomaria o conteúdo temático (objeto discursivo de um enunciado), o estilo linguístico (uso de recursos de natureza gramatical, lexical, linguística, etc.) e a construção composicional (a forma como determinado enunciado se realiza), em relação à sua dimensão social constitutiva.

A teoria do Círculo está presente no ambiente acadêmico e em documentos oficiais. Um exemplo disto são as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008), que aplicam os conceitos ao ensino, defendendo que a língua é social e não estrutural, que os usos sociais da linguagem são mais importantes do que o conhecimento de suas nomenclaturas. No campo de estudos da Linguística Aplicada, enquanto campo indisciplinar, a teoria do Círculo chega com força, e os pesquisadores debruçam-se sobre a investigação dos processos da linguagem no ideário bakhtiniano.

Entretanto, a produção do Círculo se deu, de acordo com Faraco (2009), principalmente, na década de 20 do século passado e, depois de um longo silêncio, alguns manuscritos, notas e textos inacabados foram publicados em 1975. Com isso, os teóricos não acompanharam o advento da internet e das tecnologias digitais, de acordo com Santaella (2014), o que nos leva a querer investigar sobre a configuração de alguns aspectos não abordados pelos autores.

Para Lemke (2010), os enunciados não são apenas orais ou escritos. Com novas tecnologias digitais, novos recursos semióticos e multimodais, os enunciados passaram a impregnar-se de conteúdo digital, tais como imagens, sons, movimentos, vídeos, relevos, cores, sombras, etc., que também dão significado e também denotam um propósito discursivo bem definido.

Inseridos na Linguística Aplicada (MOITA-LOPES, 2006), tomando como base os trabalhos teóricos do Círculo de Bakhtin (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926; BAKHTIN, 2010 [1928], 2011 [1979]; VOLOCHÍNOV, 2013[1930]; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014[1929], entre outros), de autores contemporâneos que dialogam com a perspectiva dialógica, tais como Rodrigues (2001, 2005, 2014), Rojo (2005, 2012, 2013), Acosta-Pereira (2008, 2012), Faraco (2009), Costa-Hübes (2014, 2015, 2017), Brocardo (2015), Renfrew (2017) e Rojo e Barbosa (2017) e de teóricos que concebem o enunciado em sua multimodalidade (NEW LONDON GROUP, 2006[1996]; SANTAELLA, 2003; 2014; LEMKE, 2010; ARAÚJO, 2016; ROJO, 2017; ROJO; MELO, 2017), nosso objetivo é analisar o gênero discursivo “postagem do Facebook”, numa perspectiva de entender a suas dimensões constitutivas (RODRIGUES, 2001) e propor alternativas para trabalhar com o gênero no ensino de Língua Portuguesa, enquanto língua materna.

Para tanto, investigamos os enunciados das páginas “Quebrando o Tabu” buscando observar a natureza dialógica do enunciado, bem como a sua verbo-visualidade, isto é, os aspectos de natureza semiótica e multimodal.

Desta forma, a seguir, buscamos apresentar algumas investigações desenvolvidos em Programas de Pós-graduação da área de Letras, Linguística e Linguística Aplicada, que já se debruçaram, de alguma forma, diante do tema que escolhemos para a realização de nossa pesquisa. Para tanto, consultamos o Banco de Teses e Dissertações da CAPES e os repositórios *online* de algumas universidades, que têm programas de pós-graduação nas áreas supracitadas, tais

como: UFPR, UEM, UEL, UEPG, UNICENTRO, UNIOESTE, UNICAMP, UNESP, USP, PUC-SP e UFSC.

LEVANTAMENTO DE PESQUISAS

A seguir são apresentados os trabalhos recentes que abordaram, ainda que parcialmente, ou inseridos numa perspectiva teórica distinta, o nosso tema selecionado para estudo. Neste sentido, as pesquisas são apresentados de acordo com a afinidade em que o tema é discutido. Quando as investigações demonstraram grande afinidade com nosso tema, o segundo critério utilizado para apresentá-los é a data de titulação do autor. Todos os textos selecionados foram publicados a partir de 2014 até o final de 2017.

Em nosso levantamento no Banco de Dados da Capes, encontramos quatro, dos dez trabalhos expostos neste levantamento (LIMA, 2015; SANTOS, 2015; FILHA, 2017; REZENDE, 2017). A pesquisa de Fujisawa (2015) foi encontrado no Banco de Teses e Dissertações da Universidade Estadual de Campinas. Em seguida, três trabalhos foram encontrados em Bancos de dados de universidades paranaenses (CIAVOLELLA, 2015; IZIDÓRIO, 2016; SEMCZESZM, 2017), da Universidade Estadual de Maringá, da Universidade Estadual de Londrina e da Universidade do Centro-Oeste, respectivamente. Por último, ainda, selecionou-se as investigações de Campos (2014) e Silva (2015). Nenhuma pesquisa correspondente foi encontrado nos bancos de dados da UFPR (Universidade Federal do Paraná), da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) da USP (Universidade de São Paulo), da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), e da UNESP (Universidade do Estado de São Paulo).

Grupo de trabalhos 1: afinidade teórica, metodológica e temática

Neste primeiro grupo de pesquisas selecionados para compor este levantamento de pesquisas, apresentam-se as investigações com maior proximidade à nossa pesquisa. Desta forma, apresentamos em ordem cronológica os textos de Ciavolella (2015), Fujisawa (2015), Izidório (2016) e Filha (2017). Todos os trabalhos apresentados nesta seção são dissertações de mestrado.

Quadro 1: Dissertação de mestrado de Bruno Ciavolella

TÍTULO: Multiletramentos em contexto de escola pública: linguagens e sentidos nas e sobre as redes sociais ⁵⁰				
Autor(a): Bruno Ciavolella	Programa de Pós-graduação em Letras	Universidade Estadual de Maringá	Ano de obtenção de título: 2015	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
<p>OBJETIVO: Analisar como os encontros propostos, por meio de uma pesquisa-ação que privilegiou os multiletramentos, (re)significaram o ensino de Língua Portuguesa.</p> <p>OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Reconhecer os usos e significados de práticas multiletradas na vida dos alunos; analisar as manifestações de compreensão responsiva expressa nas respostas dos estudantes às questões de leitura.</p> <p>METODOLOGIA: Partindo do pressuposto de que os documentos oficiais, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCE), apesar de seus esforços em inserir o estudo de gêneros em sala de aula, o autor considera que os gêneros multissemióticos ainda não são privilegiados em sala de aula, não promovendo, portanto, práticas de multiletramentos aos alunos. Tendo em vista o trabalho do Círculo de Bakhtin com os gêneros discursivos e a proposta da pedagogia dos multiletramentos do Grupo de Nova Londres, o autor propõe uma pesquisa ação, avaliando a atitude valorativa de seus alunos em comentários na rede social Facebook, especificamente, na página “Homer Curintiano”, que promove postagens crítico-sociais em relação a temas relevantes socialmente. Trata-se, portanto, de uma análise qualitativa, que toma enunciados vinculados ao meio digital como ponto de partida de análise. O acadêmico insere-se como professor pesquisador, uma vez que os resultados obtidos na pesquisa servem como diagnóstico acerca de problemas encontrados no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa em escolas públicas.</p>				

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Ciavolella (2015).

O trabalho de Ciavolella (2015) toma o mesmo ambiente e parte do aporte teórico que dispomos na realização de nossa pesquisa, entretanto, o gênero não é o foco do trabalho, tampouco a sua natureza constitutiva, ou seja, sua dimensão social e sua dimensão verbo-visual, ainda que o autor tome-os secundariamente. Destaca-se, portanto, a necessidade em se trabalhar com os gêneros, uma vez que estes se tornaram protagonistas, de acordo com os documentos oficiais, nas aulas de Língua Portuguesa, enquanto língua materna.

Quadro 2: Dissertação de mestrado de Kátia Sayuri Fujisawa

TÍTULO: Facebook: arquitetura que organiza interações ⁵¹
--

⁵⁰ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Neiva Maria Jung](#).

⁵¹ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Roxane Helena Rodrigues Rojo](#).

Autor(a): Kátia Sayuri Fujisawa	Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada	Universidade Estadual de Campinas	Ano de obtenção de título: 2015	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
<p>OBJETIVO: Analisar a arquitetura do Facebook, tendo em vista o ideário do Círculo de Bakhtin.</p> <p>OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Compreender o contexto sócio-histórico em que foi criada a rede social; Entender as alterações sociais e verbo-visuais do site, para caracterizar a arquitetura do Facebook.</p> <p>METODOLOGIA: Partindo de sua inserção no campo de estudos da Linguística Aplicada, a autora procurou aplicar o conceito “arquitetônica”, do Círculo de Bakhtin, aliado ao conceito de multiletramentos do Grupo de Nova Londres, para entender os processos de interação que se dão na rede social Facebook. Além do conceito de arquitetura, foi necessária a compreensão das relações dialógicas e dos gêneros que se manifestam nesta rede social. As múltiplas semioses (imagens, sons, animações, vídeos, cores, etc.) são novas formas de estabelecer enunciações na era digital (nas palavras da autora, na modernidade líquida). Para que o estudo fosse possível, a autora formula seu corpus a partir da captura de tela, enquanto usuária da rede social, de infográficos que mostram as evoluções numéricas do Facebook e de um livro publicado acerca desta rede social, que, inclusive, deu origem a um filme. Desta forma, partindo deste corpus, tendo em vista o método qualitativo e a análise documental dos enunciados, a autora propôs-se a apresentar a arquitetura da rede social, de forma a entender as interações que ocorrem na cultura digital.</p>				

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Fujisawa (2015).

O trabalho de Fujisawa (2015) nos parece mais próximo, quando pensamos em nosso próprio contexto de pesquisa, porém, a autora analisa arquitetura da rede social. Obviamente, os gêneros do discurso, na perspectiva dialógica em que se insere a autora, são também tomados no escopo da pesquisa, mas não são analisadas especificamente suas dimensões constitutivas.

Quadro 3: Dissertação de mestrado de Fernanda Izidório

TÍTULO: Facebook: espaço de interação e aprendizagem colaborativa no processo de construção da língua materna e do letramento digital ⁵²				
Autor(a): Fernanda Izidório	Programa de Mestrado Profissional em Letras.	Universidade Estadual de Londrina	Ano de obtenção de título: 2016	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
<p>OBJETIVO: Verificar o uso da rede social “Facebook”, por parte de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, para fins didáticos.</p> <p>OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Observar as interações mediadas pelas atividades propostas em ambientes digitais; Entender a concepção de ensino dos alunos em relação às redes sociais e outros ambientes de produção de textos multimodais.</p>				

⁵² Dissertação de mestrado realizada sob a orientação do Prof. Dr. [Paulo Roberto Almeida](#).

METODOLOGIA: Tomando a abordagem interacionista da linguagem como foco da pesquisa, a autora buscou analisar como a perspectiva pode contribuir no ensino de língua materna. Foi necessário uma revisão das concepções filosóficas da linguagem, tais como linguagem como representação do pensamento, linguagem enquanto instrumento de comunicação e linguagem enquanto inter-ação. A autora toma a perspectiva interacionista da linguagem, na visão do Círculo de Bakhtin, analisando os aspectos ideológicos, sociais e as consequências que tais aspectos refletem no conteúdo verbal, ou multimodal. Para tanto, a autora se vale do método qualitativo, inserido também a pesquisa ação como norte para realizar suas análises. Para entender a realidade de seus participantes, a pesquisadora elaborou questionários e realizou entrevistas. Em seguida, foi observado perfil dos 32 alunos, que participaram da pesquisa, tendo em vista a identidade digital de tais participantes. Para tanto, observou-se o perfil dos alunos para aclarar de que forma estes alunos estavam usando a rede social “Facebook”. Além disso, diversos fatores, como faixa etária, sexo, nível socioeconômico, etc., foram também concebidos pela autora na formulação dos dados. Por último, a partir de um grupo e fóruns de discussão criados pela professora da turma, usando a rede social supracitada, a pesquisadora analisou como se dava o processo de interação no Facebook e qual a concepção de multimodalidade tinham os alunos.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Izidório (2016).

Apesar de Izidório (2016) inserir-se na perspectiva dialógica-interacionista da linguagem, seu foco não foi o estudo do gênero que circula na rede social também selecionada por nós. A autora foca nas concepções de língua e busca entender como o funcionamento da rede social pode contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, enquanto língua materna, tarefa da qual também nos dispomos a realizar com esta pesquisa. Nosso trabalho, porém, pretender dar foco ao gênero que circula na rede social, do ponto de seu conteúdo extraverbal e dos aspectos verbais e multimodais que o constitui.

Quadro 4: Dissertação de mestrado de Maria das Dores de Lima Pinto

TÍTULO: Relações dialógicas no gênero postagem de Facebook sobre o processo eleitoral de 2014 ⁵³				
Autor(a): Maria das Dores de Lima Pinto Filha	Programa de Pós-graduação em Linguística	Universidade Federal da Paraíba	Ano de obtenção de título: 2017	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
OBJETIVO: Identificar os aspectos de relações dialógicas em postagens do Facebook no processo de eleição presidencial no ano de 2014.				
OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Observar aspectos da teoria do Círculo de Bakhtin num ambiente virtual e, ainda, perceber como os fenômenos se dão em relação aos aspectos verbais e extraverbais.				

⁵³ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Maria de Fátima Almeida](#).

METODOLOGIA: Inserida na perspectiva dialógica da linguagem, tomando os textos do Círculo de Bakhtin como referencial teórico e, também de autores como Faraco e Fiorin, que dialogam com a perspectiva da linguagem, a autora analisa as relações dialógicas em ‘postagens do Facebook’, observando, principalmente, a atitude valorativa dos interlocutores envolvidos no processo. O corpus selecionado para esta pesquisa está voltado para enunciados produzidos no período das eleições presidenciais em 2014, por causa do número expressivo de postagens neste referido período. Tratou-se, portanto, de um trabalho qualitativo, de abordagem explicativa, uma vez que os fenômenos são identificados e explicados, sob a luz de uma teoria inicialmente estudada.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Filha (2017).

Tomando o mesmo tema e o mesmo aporte teórico, Filha (2017) dispõe-se a trabalhar com as relações dialógicas e o horizonte apreciativo, que se dão por meio da rede social do Facebook. Neste trabalho, concebemos tais aspectos analisados pela autora do ponto de vista da dimensão social dos enunciados. Por isso, nossa pesquisa avança para outros aspectos dispostos pelo Círculo para entendermos a natureza global do enunciado.

Grupos de trabalho 2: trabalhos que focalizam o estudo dos gêneros discursivos/textuais em outras perspectivas teóricas

A seguir, são apresentados os trabalhos que focam no estudo dos gêneros, mas que, entretanto, o fazem sob a luz de outras perspectivas teóricas, que não a dialógica, pautadas nos estudos do Círculo de Bakhtin. Desta forma, apresentamos o texto de Lima (2015), Santos (2015) e Rezende (2017).

Quadro 5: Dissertação de mestrado de Raquel Freitas de Lima

TÍTULO: O par post/comentário em rede social: um estudo a partir da noção de gêneros textuais ⁵⁴				
Autor(a): Raquel Freitas de Lima	Programa de Pós-graduação em Letras	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	Ano de obtenção de título: 2015	Natureza do trabalho: Dissertação de Mestrado.
OBJETIVO: Caracterizar o par post/comentário em rede social a partir da noção de gêneros textuais. OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Verificar se o post/comentário é ou não partes de um mesmo gênero discursivo; e, por último, caracterizá-los e diferenciá-los, caso não sejam partes de um só gênero. METODOLOGIA: A autora buscou caracterizar o “post” e o “comentário”, enquanto gêneros textuais, numa perspectiva cognitivista de linguagem, tomando como base				

⁵⁴ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Cristina de Souza Vergnano Junger](#).

teórica Koch e Marcuschi, entre outros autores, cujas principais reflexões estão inseridas do campo da Linguística Textual. Ainda, a autora recorre a Bakhtin, especificamente, no texto “Os gêneros do discurso”, parte da coletânea de textos do livro “Estética da Criação Verbal”. Como usuária da rede social, a pesquisadora selecionou “posts” relacionados às eleições presidenciais de 2014, a fim de identificar as regularidades e a constituição destes posts, quando vinculados à rede social Facebook. 43 pares de textos foram selecionados a partir da atualização do Feed de notícias (timeline). Além da constituição dos gêneros, a autora analisa a noção de “leitura”, pois entende o enunciado como elemento de leitura em ambiente digital. Assim sendo, de acordo com a própria autora, foram analisados os seguintes aspectos constituintes dos gêneros: a função comunicativa, a forma, conteúdo e suporte, em consonância a outros três níveis: o da produção, o da recepção e o da contextualização. Tratou-se, portanto de uma pesquisa do tipo qualitativa, de caráter documental, uma vez que os elementos de análise não são acadêmicos, mas passa a figurar uma pesquisa.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Lima (2015).

Apesar de Lima (2015) tomar o gênero como ponto de partida para analisar o par *post*/comentário de Facebook, a pesquisadora o faz sob a luz de uma perspectiva cognitivista da linguagem, pautada nos estudos de pesquisadores da área de Linguística Textual. Ainda que a noção de gênero esteja vinculada aos teóricos do Círculo, a autora não se dispõe a analisar a natureza interacional dos enunciados, tomando o referencial teórico adotado e, assim sendo, aborda o gênero muito mais do ponto de vista de sua natureza verbal.

Quadro 6: Dissertação de mestrado de Josefa Maria dos Santos

TÍTULO: O Facebook como ferramenta de ensino do gênero cartaz de protesto ⁵⁵				
Autor(a): Josefa Maria dos Santos	Programa de Pós-graduação em Letras	Universidade Federal de Pernambuco	Ano de obtenção de título: 2015	Natureza do trabalho: Dissertação de Mestrado.
<p>OBJETIVO: Analisar as estratégias de persuasão utilizadas no discurso dos cartazes de protesto.</p> <p>OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Propor atividades e recursos que facilitassem o processo de ensino e aprendizagem do gênero em ambiente virtual nas aulas de língua portuguesa</p> <p>METODOLOGIA: Partindo de uma perspectiva cognitivista da linguagem para a abordagem dos gêneros textuais, pautada principalmente em Marcuschi e Fairclough, este trabalho discutiu o gênero ‘cartaz de protesto’, vinculado à rede social Facebook. O método qualitativo-interpretativo foi empregado para analisar 30 textos publicados na referida rede, cuja temática estava voltada para o movimento ‘Vem pra rua’, que se deu no ano de 2013, principalmente, por causa dos aumentos nas passagens de ônibus. Em seguida, também analisou-se os processos argumentativos que os operadores trazem para o texto. Por último, a autora propõe</p>				

⁵⁵ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação do Prof. Dr. [Benedito Gomes Bezerra](#).

uma sequência didática para trabalhar com o gênero em sala de aula, tendo em vista a abordagem interacionista de Schnewuly, Dolz e Noverraz.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Santos (2015).

Da mesma forma como o fez Lima (2015), a pesquisa de Santos (2015) está voltada para uma pesquisa calcada nos estudos cognitivistas da linguagem e não na natureza interacional dos enunciados que se refratam na forma de um determinado gênero do discurso. A autora propõe, ainda, uma proposta de intervenção didática, a partir de seus estudos, tendo em vista a abordagem franco-suíça interacional do estudo dos gêneros. Nossa proposta de pesquisa também se pauta em refletir e analisar como os gêneros podem contribuir no ensino da Língua.

Quadro 7: Dissertação de mestrado de Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende

TÍTULO: Hipergênero e sistema de hipergenericidade: análise do funcionamento discursivo do <i>Facebook</i> ⁵⁶				
Autor(a): Breno Rafael Martins Parreira Rodrigues Rezende.	Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos	Universidade Federal de Uberlândia	Ano de obtenção de título: 2017	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
OBJETIVO: Analisar como os enunciadores constroem suas identidades discursivas em Redes Sociais. OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Descrever e caracterizar o funcionamento discursivo da rede social Facebook. METODOLOGIA: O autor buscou tratar a rede social Facebook, como um hipergênero, tomando como base as reflexões teórico-metodológicas da Análise do Discurso de linha francesa, principalmente, no que se refere a Dominique Maingueneau e Michel Pechêux. O autor ressalta as categorias de gêneros estabelecidas por Maingueneau: a de 'gêneros instituídos', isto é, aqueles cuja organização e função social são mais relevantes, dados as suas especificidades; e os 'gêneros conversacionais', que, em grande parte, relacionam-se ao caráter aberto e fluido de uso da língua. Para tanto, foram selecionados enunciados das páginas da rede de supermercados 'Pão de Açúcar', do jornal 'Folha de São Paulo' e da página de notícias/entretenimento 'Quebrando o Tabu'. A partir das postagens, analisou-se a constituição hipergenérica do Facebook, tomando-se, portanto, o post como um elemento constituinte desta hipergenericidade. Também, por meio dos 'comentários', o autor busca analisar a receptividade dos enunciados, por parte dos internautas que o acessam. A amostragem constitutiva, desta última parte analítica, se deu apenas em relação à página 'Quebrando o Tabu'. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa calcada nos pressupostos da Análise de Discurso, de tipo qualitativa e de caráter documental.				

⁵⁶ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira.](#)

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Rezende (2017).

Por último, Rezende (2017) propõe-se a analisar o gênero na perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, tendo em vista o recorte teórico proposto pelo pesquisador. Com isso, novamente, nos parece claro que a perspectiva dialógica da linguagem não foi concebida no trabalho, como se propõe em nossa pesquisa.

Grupo de trabalhos 3: trabalhos com menor afinidade

Neste último grupo de trabalhos, são apresentados os últimos três trabalhos que foram levantados, mas que, por sua vez, têm menor afinidade com nossa pesquisa. Portanto, são apresentadas duas teses de doutorado (CAMPOS, 2014; SILVA, 2015) e uma dissertação de mestrado (SEMCZESZM, 2017).

Quadro 8: Tese de Doutorado de Karlene do Socorro da Rocha Campos

TÍTULO: Gênero digital Homepage em educação online: uma análise sociorretórica bidimensional ⁵⁷				
Autor(a): Karlene do Socorro da Rocha Campos	Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Ano de obtenção de título: 2014	Natureza do trabalho: Tese de doutorado.
OBJETIVO: Investigar como o conteúdo pedagógico é distribuído na homepage de disciplinas online do curso de Matemática – Licenciatura, modalidade à distância, da PUC-SP. OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Propiciar aos professores de disciplinas e cursos online a ampliação do conhecimento acerca de subsídios para o desenvolvimento de metodologias de ensino e aprendizagem que priorizem a interação entre o aluno e o conteúdo pedagógico; contribuir para a ampliação de conhecimento sobre design instrucional em cursos e disciplinas online. METODOLOGIA: Partindo de uma perspectiva retórica dos estudos da linguagem, veiculada, principalmente, nos estudos de Bazerman e Swales, a autora analisa a constituição do gênero digital “homepage”. Para tanto, o design e os aspectos retóricos foram concebidos, tendo em vista o ambiente virtual de aprendizagem do curso de Matemática – Licenciatura à distância da PUC-SP. A autora observou os propósitos discursivos envolvidos nas interações por meio dos ambientes virtuais de aprendizagem, focalizando principalmente em como se constitui o gênero, uma vez que as interações se deram por meio destes. Tratou-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, de natureza interpretativista, uma vez que o olhar da pesquisadora foi o ponto chave para desenvolver as análises obtidas no trabalho. Os resultados alcançados mostram que a organização da homepage, enquanto				

⁵⁷ Tese de doutorado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Mercedes Fátima de Canha Crescitelli](#).

gênero digital propiciou aos alunos do curso uma forte interação, tendo em vista as necessidades pedagógicas.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Campos (2014).

Na tese de doutoramento de Campos (2014), não se toma o Facebook como espaço de circulação de textos multimodais, tampouco a teoria do Círculo de Bakhtin como norte para o desenvolvimento das análises realizadas no trabalho. Entretanto, os gêneros digitais ainda são o grande foco da pesquisadora, por isso este trabalho está relacionado à nossa pesquisa. Algumas terminologias também mudam, em virtude das vertentes teóricas distintas. Enquanto tomamos os gêneros do discurso como material de análise, a pesquisadora usou o termo “gêneros textuais”, de acordo com a abordagem retórica de estudo dos gêneros. Ainda a multimodalidade a que nos referimos é tratada pela autora por “design”.

Quadro 9: Tese de Doutorado de Elaine Cristine Fernandes da Silva

TÍTULO: Projeto de Letramento em sala de aula: Uma experiência com leitura de gêneros textuais em sala de aula ⁵⁸				
Autor(a): Elaine Cristine Fernandes da Silva	Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Ano de obtenção de título: 2015	Natureza do trabalho: Tese de doutorado.
OBJETIVO: Contribuir para a ampliação do conhecimento do aprendente para agir e interagir de modo crítico em contextos específicos. OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Verificar como a nossa atuação como ensinante pode contribuir para a formação leitora crítica por meio de propostas de projetos de letramento; propor atividades pedagógicas para que o aprendente, em contato com os gêneros textuais, possa lidar com a língua em seus diversos contextos, visando a agir e interagir com práticas reais de comunicação. METODOLOGIA: A pesquisadora parte da teoria dos letramentos, expostas por Kleiman e Soares, para, em seguida, chegar à teoria dos gêneros textuais, numa perspectiva sociocognitiva, teorizada por Marcuschi, entre outros autores. Nesse sentido a autora analisou como as práticas de letramento voltadas para esferas especializadas do conhecimento poderiam ser abordadas em salas de aula de Língua Portuguesa por meio de gêneros textuais. Para tanto, a autora buscou observar como os aprendentes reagiram às atividades propostas e se suas capacidades de leitura e habilidades de interpretação de textos havia, de fato, melhorado. A pesquisadora também toma a leitura de gêneros de natureza multissemiótica como um fator a ser considerado pelos mediadores das práticas de letramentos em salas de aula. Para tanto, a autora formulou seu corpus de pesquisa a partir de entrevistas de sondagem com os alunos participantes, a fim de verificar a maneira como os alunos concebem os aspectos voltados ao texto em sala de aula.				

⁵⁸ Tese de doutorado realizada sob a orientação da Prof. Dr. [João Hilton Sayeg de Siqueira](#).

Tratou-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, observacional, também caracterizada como pesquisa-ação.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Silva (2015).

Ao observar os gêneros em sala de aula como objetos de práticas de letramento socialmente situadas, além de tomar os gêneros em seu estudo, a autora os pensa voltados para o ensino de Língua Portuguesa. Desta forma, este trabalho se encaixa neste levantamento, no sentido de que nosso objetivo, com nosso atual projeto de pesquisa, é promover a reflexão de como poderemos levar os resultados obtidos em contextos de ensino de Língua Portuguesa.

Quadro 10: Dissertação de mestrado de Sandy Karine Lima dos Santos Semczeszm

TÍTULO: Dizeres sobre o aborto no espaço digital: uma análise discursiva⁵⁹

Autor(a): Sandy Karine Lima dos Santos Semczeszm	Programa de Pós-graduação em Letras	Universidade Estadual do Centro-Oeste	Ano de obtenção de título: 2017	Natureza do trabalho: Dissertação de mestrado
--	-------------------------------------	---------------------------------------	--	---

OBJETIVO: Refletir acerca dos discursos sobre o aborto que circularam no espaço digital;

OBJETIVO(S) ESPECÍFICO(S): Compreender que efeitos de sentido produzem e que memórias ressoam nesses discursos.

METODOLOGIA: Pautando-se na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, tendo em vista o recorte teórico em autores como Pêcheux, Orlandi e Lagazzi, a autora procura observar as formações discursivas que se dão no meio digital, visando, principalmente, a temática do aborto e as diferentes visões acerca deste assunto. Para tanto a autora se propõe a investigar tais formações no meio digital, tendo a rede social Facebook, como ponto de partida para tal análise. Os dados foram obtidos por meio das páginas “Diário de um feto” e “Espalhando flores pela rede”. Tratou-se, assim, de uma pesquisa qualitativa de caráter documental, uma vez que sequências discursivas presentes em enunciados de rede social foram tomadas como objeto de pesquisa.

FONTE: elaborado pelo autor, a partir de Semczeszm (2017).

Tomando o Facebook e o espaço digital como veiculador de diversos enunciados, Semczeszm (2017) analisa os discursos que estão situados nos meios digitais, levando em consideração os aspectos multimodais dos enunciados. A autora não se apoia nos escritos do Círculo de Bakhtin, mas entende que o estudo dos aspectos contextuais dos enunciados é necessário para entender a amplitude destes.

⁵⁹ Dissertação de mestrado realizada sob a orientação da Profa. Dra. [Célia Bassuma Fernandes](#).

Nesta investigação, procuramos apresentar algumas pesquisas, cujo foco foram os gêneros discursivos e a multimodalidade que os permeia. Apesar de terem sido apresentados dez trabalhos que compactuam de certa forma com nossa perspectiva teórico-metodológica e com o tema de pesquisa selecionado, percebe-se uma grande lacuna no que se refere ao estudo dos gêneros discursivos em espaço multimodal nenhum deles desenvolve uma análise da dimensão social e da dimensão verbo-visual do gênero postagem do *Facebook*.

ANEXOS

ANEXO 1

Vídeo 1 - Top fake news da semana #2

Duração: 4 minutos e 50 segundos.

Data de publicação: 3 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/watch/?v=605545146509602&external_log_id=a09309d69682ceeaaa5a95aaeb8b6d3a&q=Top%20fake%20news%20da%20semana%20%232

[Mariana França]: Como minha avó já dizia: a mentira possui várias versões, mas existe uma verdade. É por isso que eu estou aqui. Não é pra militar, não é pra lacrar. Estou aqui para mostrar a verdade. E a primeira delas é: não foi minha avó que falou aquilo que eu disse antes.

[Nicolas Cage]: *Ok, thanks* [Está bem, obrigado].

[Mariana França]: Curta o nosso canal, se inscreva, compartilhe, fale para os amigos. Primeira notícia: um folheto da igreja mostrando Jesus Cristo conversando com... Luís Inácio Lula da Silva. A notícia que começou a viralizar por conta de um *tweet*, ainda terminava dizendo: “Católicos, fiquem atentos!” Mas, na verdade, o cara, que estava conversando com Jesus Cristo, não é o Lula. Nada mais é que o Nicodemos. Quem é Nicodemos, gente? O artista que fez a ilustração é o italiano chamado Stefano Pachi. *Mozzarella*.

[Personagem de filme]: *Spaghetti, tortellini, ravioli, zucchini*.

[Mariana França]: E que provavelmente, ele não tá nem aí pra gente. Agora, essa paranoia precisa terminar. Porque se a gente for chamar qualquer cara barbudinho de apologia ao Lula, então vamos cancelar Senhor dos Anéis, Harry Potter, Kill Bill e, ainda por cima, o Papai Noel, porque, além de barbudo, usa roupa vermelha.

[Trecho de vídeo divulgado na Internet]: Papai Noel é comunista!

[Mariana França]: A nossa segunda fake news é um clássico dos grupos de WhatsApp: Suzane Von Richtofen, candidata a deputada federal. Pela família, vote em mim. Esse é o tipo de fake news que eu mais gosto, porque ela é tão absurda que não existe apenas um jeito de mostrar que ela é absurda e, sim, SEIS. Primeira: o número que aparece na imagem possui cinco dígitos. Quando, na verdade, para você eleger um deputado federal, são apenas quatro. Isso todo mundo sabe, né? Dois: a notícia saiu em março, quando nenhum candidato tinha um número ainda. Três: Suzane não consta na lista de filiados de nenhum partido. Quatro: Suzane foi condenada a 39 anos de prisão. Só por isso, ela não poderia se candidatar a nada. E o Lula, hein? Cinco: o jeito mais fácil de saber, se uma pessoa é candidata a alguma coisa, é acessar o site do TSE [Tribunal Superior Eleitoral]. Ela não tá lá. Sexto e o melhor motivo de todos: existe a mesmíssima fake news circulando pelas redes, dizendo que a Suzane será candidata pelo PT [Partido dos Trabalhadores] e pelo PSDB [Partido da Social Democracia Brasileira]. *Choose your fighter*.

[**Shao Khan – personagem da fraquia de games “Mortal Kombat”**]: *Finish him!*

[**Mariana França**]: Terceira notícia: é sobre um tweet do Marcelo Freixo, lamentando a morte de um assaltante. O próprio Freixo postou um vídeo esclarecendo, desmentindo toda essa notícia falsa, né?

[**Marcelo Freixo**]: A gente foi surpreendido com um twitter falso que começou a circular pelas redes sociais, que tem a minha foto, tem o meu nome, mas ele é acompanhado de uma logo, escrito STF [Superior Tribunal Federal]. Super tweet fictício. O que já mostra que é uma suposta brincadeira.

[**Mariana França**]: Inventar que uma pessoa falou algo que ela não falou, isso é crime, tá? Quarta fake news: essa é sobre uma pessoa que vai aparecer bastante aqui nesse canal. Tem rodado pelo WhatsApp um tal aplicativo voltado ao candidato. Claro, só baixa quem quer. Mas o que ele faz é, no mínimo, curioso. O próprio app começa a disparar em todos os seus grupos e na sua timeline notícias sobre o candidato. “Ué, mas, se o cara gosta do Bolsonaro, qual que é o problema de o aplicativo fazer isso por ele?” Eu vou te explicar. É que a lei eleitoral proíbe o uso de perfis falsos e robôs pra fazer campanhas eleitorais. Se as notícias estão sendo compartilhadas por um aplicativo, logo, não é a pessoa quem está divulgando as notícias, então... é um crime eleitoral. Quinta notícia: Pablo Vittar ameaça abandonar carreira no Brasil, caso Bolsonaro seja presidente. *Please, don't go* [Por favor, não vá]. É uma notícia completamente falsa e existem três formas de eu provar. A primeira: o tweet, o tweet é falso, ele nunca existiu. Segundo: é bom lembrar que ninguém teria todo esse poder pra fazer que a carreira da Pablo Vittar se encerrasse assim. E o terceiro: é que não importa o momento que o nosso país esteja passando, por mais na merda que nós estivermos, Pablo Vittar não seria capaz de nos abandonar. Não vão tirar o direito legítimo de balançarmos a nossa raba ao som de Pablo Vittar.

[**Anitta**]: Vocês pensaram que eu não ia rebolar a minha bunda hoje, né?

[**Mariana França**]: Até semana que vem! [Cantando] Fake news me pegou... [cantarolar aleatório] E me trolou, e me trolou. Passei vergonha no escritório.

ANEXO 2

Vídeo 2 - PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #5

Duração: 4 minutos e 36 segundos.

Data de publicação: 7 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/309812396240776/?q=PLANT%C3%83O%20QOT%20-%20ELEI%C3%87%C3%95ES%202018%20%235&epa=SEARCH_BOX

[**Fabício Andrietta**]: “Kit Gay”. Olha, se tem uma coisa que eu não queria mais fazer, era estar aqui, de novo, para falar daquele, cujo nome não deve ser mencionado. Então, a gente vai esclarecer, de uma vez por todas, essa historinha delirante de kit gay, de onde ela saiu e o porquê dela ser uma tremenda de uma mentira escrota. Na última sabatina do Jornal Nacional, o presidenciável Voldemort foi colocado na parede, sobre um assunto de extrema importância: Homofobia.

[**Renata Vasconcelos**]: O senhor já disse que não é homofóbico, mas o senhor também já declarou que vizinho gay desvaloriza o imóvel. O senhor já disse que prefere que um filho morra a ser gay. O senhor inclusive já relacionou pedofilia com “homossexualismo”. Candidato, essas declarações não são homofóbicas?

[**Fabício Andrietta**]: E aí, a gente pensa: “pô, mas esse é um assunto que ele manja, né?” Já que mortes por homofobia estão ligadas diretamente a segurança pública. Mas, ao invés, de responder com propostas, o candidato veio, novamente, com aquela fanfic clássica do “Seminário LGBT Infantil” e do “Kit Gay”.

[**Jair Bolsonaro**]: Eles tinham acabado com o “9º Seminário LGBT Infantil”. Repito: “9º Seminário LGBT Infantil”.

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Deixa de ser mentirosa, bicha!

[**Fabício Andrietta**]: Só vamos deixar uma coisa bem clara, aqui: esse papo de “Seminário LGBT Infantil” é MENTIRA. E a gente explica o porquê. Nunca houve um “Seminário LGBT Infantil”. O que ocorreu na ocasião, foi um Seminário LGBT, cujo tema era “infância e sexualidade”. E que contou com profissionais na área de educação, sexualidade, psicologia e direito. Justamente, para proteger essas crianças que não se enquadram em papéis de gênero. Ou seja, o intuito desse encontro foi, justamente, de discutir e encontrar soluções para evitar que crianças apanhem ou sejam mortas por querer lavar louça, ou brincar de boneca, por exemplo. E não para incentivar a pedofilia ou a sexualidade precoce, como o lunático do Bolsonaro insiste em dizer.

[**Trecho de programa de TV**]: Essa pedofilia no Brasil... isso apavora... a sociedade...

[**Fabício Andrietta**]: Não satisfeito, Bolsonaro manda tirar as crianças da sala e mostra esse livro aqui como sendo o famigerado “Kit Gay”, que, segundo ele, foi distribuído nas escolas para crianças a partir de 6 anos de idade.

[**Jair Bolsonaro**]: Entre este material, estava este livro lá, Boner.

[**Fabrizio Andrietta**]: Bolsonaro falando merda, choca um total de zero pessoas, mas, vamos lá: em primeiro lugar, “Kit Gay” foi um nome pejorativo dado pela nossa querida bancada da Bíblia, ao material que seria distribuído aos professores da escola, com o objetivo de combater o preconceito. Segundo: o livro nunca fez parte do material pedagógico distribuído nas escolas. De acordo com a assessoria de imprensa da editora, o livro NUNCA foi comprado pelo MEC (Ministério da Educação), como também nunca fez parte de um suposto “Kit Gay”. Vale lembrar que o próprio MEC vive tendo que desmentir essa história, cada vez que o Bolsonaro propaga ela por aí. Gente, na escola pública não chega nem merenda direito e vocês aí acreditando na fanfic do “Kit Gay”? Me poupa.

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Eu sou fanfiquera!

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Eu sou fanfiquera!

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Eu sou fanfiquera!

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Eu sou fanfiquera!

[**Fabrizio Andrietta**]: Terceiro: esse livro não é indicado para crianças a partir dos seis anos de idade. Ele é destinado à orientação sexual de alunos do 6º ano 9º ano, ou seja, crianças de 11 a 15 anos. Aliás, pelo que a gente pode perceber do livro, ele não possui nada de errado. Muito pelo contrário. O livro, na verdade, é francês e se chama “Aparelho Sexual e Cia.” Ele aborda questões importantes para a puberdade, como a paixão, o beijo na boca, a masturbação. Você quer que o seu filho aprenda sobre sexo num livro com bases pedagógicas sólidas, ou no Xvídeos? Além disso, ele ensina a como identificar um possível abuso sexual, e também fornece telefones úteis para ligar, caso a criança esteja sendo vítima de um possível caso de pedofilia. Mas, afinal de contas, por que esse livro parece tão repulsivo para o Bolsonaro? Eu acho que a escritora tem uma resposta... Agora, se você ainda continua preocupado com essa historinha de “Kit Gay”, a gente vai deixar uma dica pra você então: participa mais da educação do seu filho e, se for o caso, vai até a escola falar com o professor dele. Porque, quando você fala coisas que não existem, tipo livros que ensinam crianças a serem gays, ou ideologia de gênero, você só está provando que nunca pisou numa escola e, muito menos, a do seu filho.

[**Trecho de vídeo divulgado na internet**]: Eu vou levar esses “pedofe” tudo lá pro meu sítio em São José, chegando lá, eu vou botar os cabrito tudo pra mamar, testada no pau do nariz, soco no coração, chapa nos peito. E, depois vai levar soco na cabeça pra desentupir o cérebro.

ANEXO 3

Vídeo 3 – “Não temos um museu da Escravidão”

Duração: 1 minuto e 36 segundos.

Data de publicação: 7 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/3509027269153635/?q=%E2%80%9CN%C3%A3o%20temos%20um%20museu%20da%20Escravid%C3%A3o%E2%80%9D&epa=SEARCH_BOX

[Fábio Porchat]: Acho que no Brasil, a gente precisava deixar mais claro o que foi a escravidão! Por que a gente fala assim: “Ah, escravo! Trouxeram da África os negros.” Parece que trouxeram da África, veio a CVC, e o pessoal falou: “Quem quiser tá partindo o barco da Nigéria para o Brasil! Vamos nessa?”

[Gabi Amarantos]: “Vem galera. Vai ser muito legal!”

[Fábio Porchat]: E não é que trouxeram os negros. Arrancaram de lá, mataram, estupraram, torturaram, botaram num navio trancado, em um lugar que cabia cinco pessoas, botavam cinquenta, que ficaram lá durante dois meses, vivendo sem respirar ar puro.

[Gabi Amarantos]: Muitos morreram na vinda! Eu fui lá no museu da escravatura. E aí, tem réplica do navio negreiro. Tem foto.

[Fábio Porchat]: Isso você diz lá na Guiné Bissau?

[Gabi Amarantos]: Na Guiné Bissau!

[Fábio Porchat]: Que não tem no Brasil.

[Comentarista]: O Brasil é mal resolvido com as suas maiores dores. Ele é mal resolvido com a escravidão. Tanto que a gente não tem um museu da escravidão. Ele é mal resolvido com a ditadura. Tanto que a gente não tem um museu da ditadura. Você vê, por exemplo, países que tiveram dores profundas, por exemplo, a Alemanha, todo campo de concentração que você vai, tem um museu, falando daquela dor e como aquilo foi terrível.

[Gabi Amarantos]: E tem gente que tá querendo que a ditadura volte.

[Comentarista]: Por que não tem conhecimento! Se a gente tivesse um museu da ditadura, que mostrasse como os estudantes eram mortos, como as pessoas eram torturadas, o cara que vai na terceira série andar pelo museu da ditadura, quando ele cresce, ele não vai numa Paulista gritar “Volta Ditadura!”, porque ele sabe a idiotice que foi.

ANEXO 4

Vídeo 4 – Top 5 fake news da semana #3

Duração: 4 minutos e 4 segundos

Data de publicação: 10 de setembro de 2018

URL de acesso:

https://www.facebook.com/search/top/?q=Top%20%20fake%20news%20da%20semana%20%233&epa=SEARCH_BOX

[**Mariana França**]: Estamos em mais uma semana, compartilhando com vocês as notícias falsas que estão sendo circuladas pelos grupos de WhatsApp.

[**Vídeo da internet**]: Manda o zap zap pra mim.

[**Mariana França**]: Será que você caiu em uma delas essa semana? Primeira notícia: venezuelanos recebendo título de eleitor brasileiro. Esses comunistas, aahn? Pessoal, isso é mais uma mentira. Se tem alguma coisa que nossos vizinhos estão recebendo de nós brasileiros é o gostinho da capacidade do brasileiro de passar vergonha.

[**Trecho de vídeo da internet**]: (Brasileiros cantando o hino nacional na fronteira com a Venezuela).

[**Mariana França**]: Brasileiro é tão cordial. Segunda notícia: bolsa presidiário garante a renda de bandidos brasileiros.

[**Trecho de vídeo da internet – bandido**]: Passa a carteira!

[**Trecho de vídeo da internet – cidadão**]: Não tenho, não!

[**Trecho de vídeo da internet – bandido**]: Passa o cordão!

[**Trecho de vídeo da internet – cidadão**]: Não tenho cordão.

[**Trecho de vídeo da internet – bandido**]: Tem nadinha, cara? Então bora roubar mais eu.

[**Trecho de vídeo da internet – cidadão**]: Roubar?

[**Trecho de vídeo da internet – bandido**]: É, doido!

[**Mariana França**]: Meu deus do céu! Eu nunca vi gente tão obcecada que qualquer fanfic colocam bolsa no meio. É o que agora, meu amor? Louis Vuitton? Essa bolsa presidiário, que, com certeza, não tinha esse nome antigamente, foi uma proposta de 2011 para dar vale transporte para os familiares dos presidiários para que eles fossem visitar seus parentes na prisão. Essa proposta, ela não foi aprovada. E, gente, 2011...

[**Trecho de filme**]: *Why the f* are you wasting my two precious hours with your movie?*
[Por que diabos você está gastando minhas duas horas preciosas com o seu filme?].

[**Mariana França**]: Terceira fake news: Foro de São Paulo é uma sociedade secreta comunista e que quer criar a URSAL. Ufa! Sabe o Foro de São Paulo? Bom, pra quem não ouviu deve ter pensado que é uma superliga de vilões que tem o pretexto de envenenar o ketchup e de colocar em todas as pizzas pelo mundo. Primeiro de tudo, minha gente, se você for dar uma jogada no Google, você vai encontrar facilmente o

site deles. Vou facilitar: vou colocar ele aqui. Ou talvez aqui. Quem sabe aqui? Quanto à URSAL, a gente já falou, que esse plano de unir todos os países da América Latina em um só, não passa de uma lenda urbana. Ah, infelizmente! Guacamole, ceviche e churrasco na mesma mesa. E o mais importante: Shakira, nossa conterrânea. Um sonho!

[Trecho de vídeo da internet – Shakira (em português)]: Aêê, Ivete! A rainha do Brasil!

[Mariana França]: Quarta fake news: Livro que ensina crianças a serem gays é distribuído nas escolas do nosso país. E essa fake news, ela conta com um residente da nossa série de fake news. Ele, a Meryl Streep, das Fake News, o Niemeyer do chorume, o Voldemort dos fuzis, Jair Bolsonaro. Ele mesmo que mostrou um livro no Jornal Nacional, que, segundo ele, fazia parte do: Kit gay! Primeiro que Kit gay foi um nome dado de forma pejorativa a um projeto e, segundo, que o tal livro nunca fez parte deste projeto. Calma! Não sou eu que estou dizendo! É a Companhia das Letras, que traduz e distribui o livro aqui no Brasil. Quinta notícia: Seminário LGBT infantil é realizado no Congresso Nacional. Haja criança viada, hein? E na mesma entrevista do Jornal Nacional, ele disse que presenciou um tal seminário LGBT infantil. Uma coisa que nunca existiu! O que existe é um seminário LGBT anual no congresso e que não é feito para crianças ou com crianças. Acontece que no ano de 2012, o tema era ensinar o respeito à diversidade para os pimpolhos. O que mais a gente pode esperar de alguém que diz uma coisa dessas?

[Trecho de vídeo da internet – Jair Bolsonaro]: O filho começa a ficar meio assim, meio gayzinho, leva um coro, ele muda o comportamento dele!

[Mariana França]: E com essa eu me despeço, rezando pra que alguém possa colocar em prática o plano da URSAL para que a gente possa ver um dueto Shakira feat Pablo Vittar em ação. Um beijo e até mais!

ANEXO 5

Vídeo 5 - Plantão QOT - Eleições 2018 #6

Duração: 4 minutos e 36 segundos.

Data de publicação: 14 de setembro de 2018.

URL de acesso:

<https://www.facebook.com/watch/?v=1910415025927022>

[Fabrício Andrietta]: Facada no Bolsonaro. [Exasperação longa]. Quando eu disse lá no primeiro vídeo dessa série que essas eleições prometiam um verdadeiro dedo no c* e gritaria, eu não imaginei que seria em um nível apocalipse zumbi.

[Trecho de vídeo da internet]: [Multidão falando – inaudível].

[Fabrício Andrietta]: Enquanto tem candidato levando facada, tem candidato levando patolada.

[Trecho de vídeo da internet]: [Música de fundo].

[Fabrício Andrietta]: Por mais que a gente repudie tudo o que o Bolsonaro representa, ele foi, sim, vítima de um crime. Mas, também tem algumas coisas que a gente precisa falar. Depois do ocorrido, a galera enlouqueceu de vez, e começou a rolar uma chuva de teorias da conspiração e, conseqüentemente, desinformação.

[Trecho de vídeo da internet]: Isso daqui, dá uma cadeia.

[Fabrício Andrietta]: A esquerda, por exemplo, tratou de bater o martelo, dizendo que aquilo tudo não passava de armação, porque não tinha sangue jorrando, tipo de filme do Tarantino, e que os médicos que o atenderam estavam sem luvas. Além das fotos que começaram a pipocar do candidato entrando, supostamente, a pé no hospital. Do outro lado, os Bolsominions já *very crazy* da batatinha, já davam certo que aquilo tudo tinha sido a mando do PT e, até mesmo, do próprio Lula.

[Trecho de vídeo da internet]: *What?*

[Fabrício Andrietta]: Teve montagem tosca do criminoso num suposto comício do PT. Teve gente falando que ele era filiado ao PDT. E teve gente também que falou que ele era a representação de todo o ódio e a violência da esquerda.

[Trecho de vídeo da internet – Gretchen]: O que?

[Fabrício Andrietta]: Mas, gente, calma! Agora que o pior já passou, chegou a hora da gente colocar os pingos nos “is”.

[Trecho de vídeo da Internet]: Eu quero close, close, close!

[Fabrício Andrietta]: Primeiro: o incidente foi real! A facada atingiu o intestino grosso do candidato e, se ele não fosse atendido rapidamente, poderia ter ido a óbito, sim!

Segundo: tudo leva a crer que o criminoso tem distúrbios mentais e agiu sozinho. Aliás, ele nunca foi filiado ao PT. Ele foi filiado, sim, ao PSOL, mas disse que agiu em nome de Deus, ou seja, uma pessoa, claramente, perturbada.

[Trecho de vídeo da internet – Adriana Esteves]: Eu estou bem louca!

[Fabrício Andrietta]: Então, culpar um partido por esse ato criminoso, com o objetivo de capitalizar em cima disso tudo, é pura canalhice.

[Trecho de vídeo da internet – Jair Bolsonaro]: Canalhas! Canalhas!

[Fabrício Andrietta]: Não há dúvidas de que a vítima do crime é Jair Bolsonaro. Porém, esse ambiente de guerra que está instalado no país tem a participação do Bolsonaro, sim! E por quê? O ambiente de polarização extrema em que a gente vive hoje é absolutamente propício para um indivíduo “fora da casinha” chegar às vias de fato. Principalmente, quando todo esse contexto político é construído por um candidato que diz que vai fuzilar “a petralhada”.

[Trecho de vídeo de internet – Jair Bolsonaro]: [Multidão grita, ovacionando o então candidato Jair Bolsonaro]. Vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre.

[Fabrício Andrietta]: Vale lembrar que todos os outros candidatos foram solidários ao Bolsonaro. Por outro lado, a gente sabe muito bem como o candidato e seus seguidores reagiram quando o mesmo aconteceu com os seus opositores.

[Notícia jornalística (apenas texto)]: Bolsonaro sobre Dilma: “Espero que saia; infartada, com câncer, de qualquer jeito”.

[Notícia jornalística (apenas texto)]: Bolsonaro ironiza tiros contra a caravana de Lula e atribui ataque ao próprio PT.

[Notícia jornalística (apenas texto)]: De treze candidatos, só Bolsonaro ignorou a morte de Marielle.

[Notícia jornalística (apenas texto)]: Bolsonaro já defendeu a tortura e o fuzilamento de FHC. Veja o vídeo. *A entrevista foi dada em 1999, quando o deputado já tinha 44 anos, ou seja, não era nenhum garoto.*

[Fabrício Andrietta]: E aí, quando a gente achou que o Bozo, ia ser sensato pelo menos uma vez na vida, eis que...

[Foto de Bolsonaro apontando uma arma com os dedos, deitado em um leito de hospital].

[Fabrício Andrietta]: Ele e a sua turma agora estão dispostos a declarar guerra. Mas contra quem? O próprio general Mourão agir como um ditador militar e disse a seguinte frase: “Se querem usar a violência, os profissionais da violência somos nós”.
[Trecho de vídeo da internet]: Bicha, a senhora é destruidora mesmo, viu?

[Fabrício Andrietta]: Olha, General Mourão, eu queria muito te xingar agora de nomes feios, mas como o momento pede reconciliação, eu vou me segurar. E eu peço que você faça o mesmo!

[Trecho de vídeo da internet – Inês Brasil]: Segura a marimba aí, monamu!

[Fabrício Andrietta]: O momento pede serenidade, e adotar o tom conciliador neste momento, é fundamental para a democracia. E, queremos desejar aqui, pronta recuperação ao candidato. Porque queremos ver ele ser derrotado, sim! Mas no campo das ideias e não da violência.

[Trecho de vídeo da internet – música de pagode ao fundo]: “Sou baqueteiro indigesto e estou aí de novo. Esclarecendo ao meu povo a demagogia como é. Violência gera violência. Quem avisa, amigo é”.

ANEXO 6

Vídeo 6 - PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #7

Duração: 6 minutos e 11 segundos.

Data de publicação: 21 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/watch/?v=678591205855787&external_log_id=9635921f4798cbf5936ea333bf9b2665&q=Plant%C3%A3o%20QOT%20-%20Elei%C3%A7%C3%B5es%202018%20%236

[Fabrício Andrietta]: Oi! Estou de volta com mais um assunto sério: o c* verde da RedeTv. Fanatismo, substantivo masculino. Zelo religioso obsessivo que pode levar a extremos de intolerância. Por extensão, faccionismo partidário. Adesão cega a um sistema ou doutrina; dedicação excessiva a alguém ou algo; paixão.

[Trecho de vídeo da internet]: Lady Gaga! Lady Gaga! *Perfect Illusion!* Lady Gaga!

[Fabrício Andrietta]: Pois é, seja na mesa do bar, nas redes sociais, ou, até mesmo, na sala de casa, os brasileiros estão cada vez mais rachados, por causa de assuntos como esporte, religião e, claro, política.

[Trecho de vídeo da internet]: E eu vou salvar o meu Brasil, sim! Custe o que custar! Pela intervenção militar ou pelo Aécio!

[Trecho de vídeo da internet]: E, sinceramente, cada vez que alguém toca na questão da economia, quando se trata de Jair Messias Bolsonaro, eu tenho mais convicção que eu tenho que votar nele para presidente.

[Trecho de vídeo da internet]: [Inaudível].

[Trecho de vídeo da internet]: É isso aqui que tu tem que fazer, ó[sic]: [...].

[Trecho de vídeo da internet – Dr. Rey]: Quando eu for presidente do Brasil, matou aos oito anos, será julgado como adulto.

[Trecho de vídeo da internet]: [Inaudível].

[Fabrício Andrietta]: Sim, endeusar político, agora, é a moda do momento. E, se você está endeusando um, você, muito provavelmente, pode estar sofrendo [sic] de um transtorno mental. E, isso não sou eu quem diz.

[Trecho de vídeo da internet]: Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos Bolsonaro presidente do Brasil!

[Fabrício Andrietta]: De acordo com o Instituto Ipsos Mori, que mede o índice de percepção equivocada no mundo, dentre 38 nações, os brasileiros são a segunda maior população, com a visão de mundo totalmente distorcida da realidade. Por que será, né?

[Trecho de vídeo da internet]: O Brasil que eu quero melhor é o mar sem sal [sic].

[Fabrício Andrietta]: Na pesquisa do Instituto, a Itália ou o Reino Unido são pouco crédulos, algo em torno de 30%. Enquanto no Brasil, são absurdos 60%. Se aproximando de países, como a Arábia Saudita. E é justamente em um ambiente como este, que as *fake news* encontram solo fértil para crescer e prosperar.

[Trecho de vídeo da internet]: Ele vem! Ele vem! Ele vem! [Inaudível].

[Fabrício Andrietta]: No livro *Psicologia das multidões*, de 1895, Le Bon escreveu que: “Nas grandes multidões, acumula-se a estupidez, em vez da inteligência. Na mentalidade coletiva, as aptidões intelectuais dos indivíduos e, conseqüentemente, suas personalidades se enfraquecem”. Ou seja, quanto mais as pessoas passam a fazer parte de bolhas, mais elas deixam a emoção tomar conta ao invés da razão. Tornando-se, assim, presas fáceis de manipuladores.

[Trecho de vídeo da internet]: Recebe agora! Recebe! [Inaudível].

[Fabrício Andrietta]: E uma coisa é fato: se há algo que defina o período eleitoral em que a gente vive é a existência das bolhas. Tanto à direita, quanto à esquerda. Lulistas e Bolsonaristas, todos defendendo seus políticos, como se fossem divas pop.

[Trecho de vídeo da internet]: A Ivete reina, tá, querida? A Ivete pisa, gata! Pisa nas inimigas de salto 30!

[Fabrício Andrietta]: Com as campanhas anti-Bolsonaro ganhando cada vez mais força, uma parte de seus eleitores está desesperada. Atacando de forma baixa, grosseira e, até mesmo, violenta todos os que estão se posicionando contra o candidato. Pra vocês terem uma ideia, eu selecionei alguns dos melhores comentários que a gente recebeu. Dá só uma olhada: “Esquerda que dá nojo. Esse quebrando o Tabu é uma vergonha. Vocês querem o Brasil igual a Venezuela, né?” “Me desculpem aparecer aqui na postagem de vocês, mas meu candidato está de atestado, e eu fiquei responsável por fazer a campanha dele.”

[Trecho de vídeo da internet]: E o teu sucesso como é que tá? Tá bonita, você? Cê [sic] se sente bonita, né?

[Fabrício Andrietta]: “Tá chegando o dia em que vocês vão ter que trabalhar, Quebrando o Tabu! ((kkkk)) A mamata vai acabar.” Essa galera acha que a gente recebe dinheiro do governo, né? Por favor, né, gente?

[Trecho de vídeo da internet – Ferdinando (Vai que cola)]: Olha o recalque vindo! Desviei!

[Fabrício Andrietta]: Bom, se o Brasil é um dos maiores consumidores mundiais de internet, é inevitável que o número de usuários seja proporcional ao número de otários.

[Trecho de vídeo da internet]: [Inaudível].

[Fabrício Andrietta]: Do brasileiro mais anônimo ao militante mais fervoroso, todos parecem sofrer do mesmo mal: uma confiança cega, surda, muda e, até, parálitica no seu candidato. Então, gente, acho que ficou bem claro, né. Votar no melhor candidato é uma coisa, agora, endeusa-lo, seja ele Lula, Bolsonaro, Marina Silva, seja quem for, é, claramente, um sintoma de transtorno mental. Então, meu amigo, se você chama um candidato de mito, ou acha que ele é uma ideia e representa a salvação da humanidade, então, eu acho que está na hora de você procurar uma terapia.

[Trecho de vídeo da internet – Leandro Karnal]: Um conselho que foi dado pela minha avó, camponesa alemã: “nunca toquem tambor pra maluco dançar! Nunca toquem tambor pra maluco dançar! Nunca! Quando o olho brilha, se afastem de costas, lentamente, digam ‘sim’, ‘sim’, e saiam correndo”. Não há diálogo possível com catequistas, sejam eles marxistas, petralhas, coxinhas, ateus, macrobióticos, adeptos do Fogo de Chão, a churrascaria, não há diálogo com quem é dogmático!”

ANEXO 7

Vídeo 7 - Top fake news da semana #4

Duração: 4 minutos e 14 segundos.

Data de publicação: 24 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/watch/?v=317280939080292&external_log_id=88aac0ae-6d3f-4180-8be3-05587f6695ff&q=Top%20fake%20news%20da%20semana%20%234

[**Mariana França**]: Época de eleição é uma beleza! A festa da democracia!

[**Trecho de vídeo da internet**]: O Brasil precisa de você!

[**Mariana França**]: Só que não! Tem eleitor tão desesperado pra que seu candidato ganhe que fica espalhando notícia falsa por aí. E isso é de todos os lados. E é por isso que estou aqui! O que você está esperando pra curtir a nossa página Quebrando o Tabu? O Daciolo descer do monte?

[**Trecho de vídeo da internet**]: Glória! Glória a Deus!

[**Mariana França**]: Primeira *fake news*: Manuela D'Ávila tem tatuagens de Lênin e Che Guevara em seu corpo. Eu poderia ficar aqui falando horas, dizendo o porquê de que essa notícia é falsa, mas eu apenas vou mostrar a imagem que anda circulando por aí. A gente vive dizendo que brasileiro é o dono da internet. Pra vocês ficarem aí, passando vergonha. Até uma figurinha de chiclete seria mais verdadeira do que essa imagem photoshopada [sic] safada e sem-vergonha, né? A Manuela D'Ávila não tem essas tatuagens e, muito menos, é ela dançando neste vídeo, que anda circulando por aí, infelizmente!

[**Trecho de vídeo da internet** – Música de fundo: “*The less I know the better*”]: [Musicalização].

[**Mariana França**]: Segunda *fake news*: Casas Bahia se recusa a vender para eleitores do Ciro Gomes. E a *tour* do Ciro Gomes com o SPC, hein? E eu não estou falando da banda do Alexandre Pires, não!

[**Trecho de vídeo da internet**]: Ciro disse: “Veja homem, essa eu pago pra você, por quê? Por que eu vou tirar seu nome do SPC! Tu vai ver!”

[**Mariana França**]: O candidato fala tanto desta proposta que está no plano de governo dele, que surgiu uma notícia que as Casas Bahia estariam recusando as compras dos eleitores do Ciro. A própria empresa já se manifestou, dizendo que a notícia é falsa. Até os Mamonas Assassinas ficariam mais tranquilos, sabendo que está notícia é *fake*.

[**Trecho de vídeo da internet** – Mamonas Assassinas – Chopis Centis]: [Musicalização]: A minha felicidade é um crediário nas Casas Bahia.

[Mariana França]: Terceira *fake news*: João Amêdo trabalha para o mega-investidor, multimilionário, George Soros. Ele não trabalha, mas a gente... Beijo, chefinho! A *fake news* diz que o Amêdo, aquele cara p* simpático, se você colocar do lado do Geraldo Alckmin, trabalha para o mega-investidor internacional George Soros. Bom, dá pra ver que, pelo papo do Amêdo e de sua turminha, pobre ele não é. Mas isso não quer dizer que ele trabalha para o cara. Nem todo rico é amiguinho, gente. Às vezes, eles são só ricos, mesmo.

[Trecho de vídeo da internet – Carolina Ferraz]: Eu sou rica!

[Mariana França]: A quarta *fake news* é um *inception*. A *fake news* sobre outra *fake news*. Saíram por aí, dizendo que a foto que mostra a cicatriz do Bolsonaro após a cirurgia era falsa. Bom, na verdade, ela não é falsa, não. Apesar de a gente não ter visto sangue, no momento da facada, o estrago foi grande, e a cirurgia não foi pequena, não! Mas, agora, ele está se recuperando, mostra uma melhora gradativa. Prova disso é que ele continua espalhando *fake news* por aí. Um exemplo disso, é um grupo no *Facebook*, chamado “Mulheres contra Bolsonaro”, que reúne mais de 2 milhões de mulheres, contra a candidatura do inominável, o Lorde das Trevas, o coiso, o nome-que-você-quiser-dar. Esse mesmo grupo foi hackeado por eleitores do presidencial, e, ainda tiveram a pachorra, de trocar a capa e o nome do grupo para: “Mulheres a favor do Bolsonaro”. E sabe o que ele fez? Você sabe, né? Um *tweet* agradecendo o apoio de todas aquelas mulheres. E é, justamente, da comunidade LGBTQI, que ele tanto odeia, que veio o melhor termo para definir isso: “fazer a egípcia”. Francamente Bolsonaro, a sua avó nunca te disse que quem planta *fake news* colhe descrédito? Depois não reclama que as pessoas não acreditam na sua cicatriz. E aí, você fica todo tristonho.

[Trecho musical – *All by myself*]: [Musicalização].

ANEXO 8

Vídeo 8 - PLANTÃO QOT - ELEIÇÕES 2018 #8

Duração: 4 minutos e 28 segundos.

Data da publicação: 28 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/565849213869204/?q=PLANT%C3%83O%20QOT%20-%20ELEI%C3%87%C3%95ES%202018%20%238&epa=SEARCH_BOX

[Fabrício Andrietta]: E aí? Achou que a gente iria falar de presidenciável hoje?

[Trecho de vídeo da Internet – Rogerinho do Inhá (Choque de cultura): Achou errado, otário!

[Fabrício Andrietta]: Pois é, se você daqueles que acham que o presidente é o único responsável por todos os males do Brasil e o único capaz de mudar tudo o que está aí, então a gente precisa ter uma conversinha.

[Trecho de vídeo da internet]: Vem cá! Vem!

[Fabrício Andrietta]: Esse vídeo é meio que uma continuação do vídeo anterior, onde [sic] eu abordei a questão do fanatismo político e sobre como as pessoas depositam todas as suas esperanças no próximo presidente como se ele fosse a própria reencarnação de Jesus Cristo. Mas, antes de mais nada, [...]

[Trecho de vídeo da internet]: [Trilha sonora do filme Star Wars].

[Fabrício Andrietta]: Agora sim, vamos ao assunto. O brasileiro tem uma tara tão grande pelo executivo que, às vezes, parece até que ele se esquece que é no congresso onde as coisas realmente acontecem.

[Trecho de vídeo da Internet]: [Inaudível].

[Trecho de vídeo da Internet – deputado não-identificado]: Vou mostrar!

[Trecho de vídeo da Internet – Eduardo Suplicy]: Diga!

[Trecho de vídeo da Internet – deputado não-identificado]: Vou mostrar! Espere! Calma!

[Trecho de vídeo da Internet – Eduardo Suplicy]: Estou esperando!

[Trecho de vídeo da Internet – outro deputado não-identificado]: Zezinho, por favor, um suco de maracujá para o senador!

[Trecho de vídeo da Internet – Fernando Collor de Melo]: E são palavras que eu quero que o senhor as engula e as digira como julgar conveniente.

[**Fabrizio Andrietta**]: É, bom, isso também acontece! Mas é justamente lá, que o parlamentar vai lutar para representar as pautas em que você acredita. Aliás, por acaso você se lembra em quem você votou para deputado federal e deputado estadual nas últimas eleições?

[**Trecho de vídeo da internet**]: Pra ser sincera, não lembro.

[**Trecho de vídeo da internet**]: Infelizmente, não!

[**Trecho de vídeo da internet**]: Olha, sendo bem sincero: deputado, não!

[**Trecho de vídeo da internet**]: Ah, é difícil lembrar. Faz tempo. Quatro anos, né?

[**Fabrizio Andrietta**]: Pois é, amores, de acordo com a empresa de pesquisas Ideia Big Data, 79% dos brasileiros não se recordam em quem votaram para o congresso em 2014. 79 *fucking* por cento. E o pior: só 15% dos eleitores acompanham o trabalho dos parlamentares. Vocês tem noção?

[**Trecho de vídeo da internet – Hermes e Renato**]: Sem noção, Joselito!

[**Fabrizio Andrietta**]: E a coisa piora ainda mais, porque para 84% dos entrevistados, os membros do congresso não representam o povo brasileiro. E para 73%, eles não trabalham em prol da nação. Para vocês terem uma ideia, os cinco candidatos favoritos ao cargo de deputado federal em São Paulo esse ano são: Kim Kataguirí, Marco Feliciano, Eduardo Bolsonaro, Celso Russomano e Tiririca.

[**Trecho de vídeo da internet - Tiririca**]: O que é que faz um deputado federal? Na realidade, eu não sei, mas vote em mim que eu te conto.

[**Fabrizio Andrietta**]: Depois são os nordestinos que não sabem votar, né, paulistas? Então, assim, vamos prestar atenção em algumas coisas. Primeiro: a grande maioria dos deputados federais, que são candidatos esse ano, são investigados na Lava-jato. Ou seja, tem muito malandro querendo manter o foro privilegiado. Segundo, a grande maioria dos candidatos ainda permanecem sendo de homens brancos e heterossexuais. Apenas 52 candidatos transexuais ou travestis concorrem a um cargo no congresso, de acordo com a Associação Brasileira de LGBTs.

[**Trecho de vídeo da internet**]: Me aceita, que dói menos!

[**Fabrizio Andrietta**]: Os candidatos brancos, autodeclarados heterossexuais, ainda são maioria. Eles representam 52.6%, enquanto que os autodeclarados negros apenas 10.8%. No congresso nacional, apenas um homem se identifica como sendo gay [sic]. E, sim, não temos nenhum parlamentar indígena. Esse sim é um congresso que representa o povo brasileiro. *Not.* Então, gente, vamos para de achar que presidente é o dono da p* toda. Por que a coisa é muito mais complexa. São 513 deputados e 81 senadores, que estão lá ganhando uma p* grana, diga-se de passagem, para atender aos seus interesses. Então, escolha direito, porque, caso o contrário, é esse tipo de gente que vai te representar.

[**Trecho de vídeo da internet**]: Serginho BBB, aloka [sic] por você.

[Trecho de vídeo da internet]: Você está de saco cheio da política? Vote na Pera pra ver como é que fica.

[Trecho de vídeo da internet]: Eu sou linda, rá! Absoluta. Eu sou Ivonete.

[Trecho de vídeo da internet]: Olá, pessoal, eu sou o Rola, 33123! Rola vai entrar duro na assembleia pra acabar com aquela bagunça! É Rola neles. Pra renovar a assembleia, precisa de Rola. No nosso voto de protesto, Rola. Político sem privilégio, Rola. O voto não é comércio, Rola!

ANEXO 9

Vídeo 9 – Mulheres Contra Bolsonaro

Duração: 2 minutos e 23 segundos.

Data de publicação: 29 de setembro de 2018.

URL de acesso:

https://www.facebook.com/watch/?v=318773338675374&external_log_id=f82bd9009a890f4faafbb42b5b11ac88&q=Mulheres%20Contra%20Bolsonaro%20Quebrando%20o%20Tabu

[Falante 1]: Nós estamos aqui contra o Bolsonaro!

[Falante 2]: Contra o Bolsonaro!

[Falante 3]: A favor da democracia!

[Falante 4]: Nenhuma de nós três é petista! Não é evento partidário. A gente está justamente pra exigir respeito.

[Falante 5]: É um evento contra ele.

[Falante 4]: É um evento contra ele, especificamente. Não é a favor de nenhum outro candidato.

[Falante 6]: A gente não está aqui pra dizer que vai votar em alguém! A gente está dizendo que não vai votar, que não quer ele.

[Falante 7]: É um candidato que nos desrespeita e nos afronta.

[Falante 8]: Ele representa o ódio, falta de respeito, falta de amor. Ele representa tudo aquilo que eu não quero no mundo.

[Falante 9]: Somos professores. Acreditamos na educação. Na escola pública de qualidade. E estamos aqui por isso.

[Falante 10]: O que mais me incomoda nele é essa coisa da violência. De querer combater violência com violência.

[Falante 11]: Rebaixa a mulher, rebaixa LGBT, rebaixa negro, rebaixa todo mundo...

[Falante 12]: “Ah, ele fala por que é o modo de ele falar!” Não, é muito, muito sério!

[Falante 11]: Só na possibilidade de ele se eleger, no cenário que mostra essa possibilidade, a gente já vê uma explosão de violência. “Se põe no seu lugar, você vai se ferrar”. “Por que quando o Bolsonaro for presidente, você não tem mais vez”. Não é, né, cara? Não serve.

[Falante 13]: O Brasil, do jeito que nós estamos ultimamente, não precisa mais de briga. Sabe? Nós precisamos de união.

[Falante 14]: Sou social-democrata e estou aqui contra o Bolsonaro. Assim como outras colegas minhas, companheiras de luta. Ele fala cada coisa que dá medo.

[Falante 13]: Agora, ele vem dizer que ele não respeita a eleição, se ele não ganhar. Não tem razão. Você tem que respeitar. E, se ele ganhar, eu vou ter que respeitar e seguir. Respeitar também. É claro isso! Já uma pessoa assim, uma pessoa que não está no seu juízo normal, ou sua formação já foi assim, né? O que importa é que o Brasil mude, mas ele não.

[Falante 10]: Ainda não me decidi bem em quem vou votar, mas, sei de uma coisa, nele não vai ser.

[Entrevistador]: Se não é o Bolsonaro, é quem?

[Falante 2]: O segundo. Não importa quem seja.

[Falante 9]: Só tem uma resposta: ele não e ele nunca. Olha que festa bonita. Tem criança, tem família, tem gente com flores, mas ele não!

ANEXO 10

Vídeo 10 – Você acha que bandido bom é bandido morto?

Duração: 1 min e 4s.

Data de publicação: 30 de setembro de 2018

URL de acesso:

https://www.facebook.com/watch/?v=1970687412953479&external_log_id=baa11b57-dec8-4dd8-afae-d97d15bfcc84&q=Voc%C3%AA%20acha%20que%20bandido%20bom%20%C3%A9%20bandido%20morto%3F

[Vlogueiro do Quebrando o Tabu]: Só um convite à reflexão. Olha a frase: “Bandido bom é bandido morto!”. Vamos tentar analisar isso. Quem é o bandido? O bandido é o assassino, o bandido é o traficante, é o corrupto, enfim, é o pedófilo e etecetera, né? Todos esses são bandidos. Mas, quando você cidadão de bem fala que bandido bom é bandido morto, isso quer dizer que você acha que alguém tem que morrer. Então, só você não percebeu que você também é um assassino em potencial. E, quando você fala que bandido bom é bandido morto, e “bandido” também é um assassino, e você é um assassino em potencial, automaticamente, você também vira um suicida em potencial. Então, quem fala que bandido bom é bandido morto, é, acima de tudo, um idiota.